

RICARDO ORESTES FORNI

Sempre Existirá Esperança

Histórias e Lições



EDITORA

Orelha

O

médico *Ricardo Orestes Forni*, consagrado pelo público espírita por seus artigos e romances, tem revelado também sua vocação de contista.

Depois do sucesso *Bom Dia Mesmo!*, o autor lança mais este delicioso *Sempre Existirá Esperança*, uma coletânea de 30 histórias, de rico conteúdo moral-dou- trinário.

Com certeza, deverá agradar a jovens e adultos, pela delicadeza com que *Orestes* revive gostosas lições e lindos diálogos, extraídos do cotidiano, que estão bem vivos em *A cruz, a roda e o peso*; *O anjo não mentiu*; *O Equilibrista*; *Os Dois Jardins*; *O concurso de curios*; *A bússola interior*; *O portão*; *Os cães*, e outras peças emocionantes.



Ricardo Orestes Fomi

Nasceu em 12 de junho de 1947, na cidade de São José do Rio Preto, SP.

Pós-graduado em Medicina do Trabalho, formou-se pela Universidade de Botucatu, em 1972, com especialização em Anestesiologia e Medicina do Tráfego. Desde 1974 reside na cidade de Tupã. É médico efetivo do Estado na área de Clínica Médica.

Nas lides doutrinárias, participa da U. E. Allan Kardec e coordena o Clube do Livro Espírita "Jerônimo Mendonça*" de Tupã, desde 1987.

É autor dos romances: *Semeadura e Colheita*; *Voltou pela Lei do Amor*, *Reconcilia-te Primeiro*, *É Impossível Morrer*, e do livro de contos e lições *Bom Dia Mesmo!*

Além de escritor, ministra exposições e palestras nos centros espíritas. Pela rádio local de Tupã, apresenta semanalmente o programa "Momento Espírita".

Colabora como articulista nos jornais *O Imortal*, de Cambé, PR, *Correio Fraternal do Grande ABC*, de São Bernardo do Campo, SP, *O Clarim*, de Matão, SP, e na *Revista Internacional de Espiritismo*.

Sempre Existirá Esperança (Renove essa certeza)

Um anúncio para voce

Conta-se sobre a vida do grande poeta Olavo Bilac que, um determinado dia, essa consagrada figura humana da literatura brasileira encontrou um amigo que estava vendendo um sítio pelo qual se encontrava desgostoso. Talvez, já naquela época vigorasse o ditado de que um sítio dá duas alegrias ao seu proprietário: uma, quando é comprado e outra, no dia em que é vendido. Entretanto, seja por essa ou qualquer outra razão, o amigo do poeta pediu-lhe que redigisse um texto, anunciando a venda do imóvel rural, propriedade essa conhecida de Bilac.

O poeta aquiesceu prontamente e redigiu o seguinte texto para ser publicado: "Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortada por cristalinas e marejantes águas de um ribeirão. A casa banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda".

Algum tempo depois, Olavo Bilac reencontrou o amigo proprietário do imóvel e perguntou-lhe se o anúncio tinha dado certo e o sítio tinha sido vendido.

A resposta dada ao poeta serve de lição para cada um de nós que vivemos lamentando-nos de nós mesmos:

— Nem pense mais nisso - disse o homem a Bilac. - Quando li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha em mãos e não conseguia mais enxergar!

Está vendo, prezado leitor? Que tal se léssemos o anúncio sobre nós mesmos, redigido pela Providência Divina, desde o dia em que fomos criados para alcançarmos a perfeição, para que possamos recordar as belezas que existem em cada um de nós e que já não conseguimos ver, ocultas que estão por essa onda de pessimismo e reclamações crônicas que nos assaltam no dia-a-dia?

É essa a intenção deste livro simples. Falar ao seu coração, no aconchego da leitura, para lembrar a você e a mim mesmo do interminável desenrolar de recursos que Deus colocou em "nosso sítio", para que nunca mais pretendamos "vendê-lo".

Talvez, um dia, possamos nos encontrar e você repetir para a minha pessoa as mesmas palavras do amigo de Olavo Bilac:

— Não penso mais em vender o "meu sítio", pois; nele encontrei uma plantação de bênçãos que me deram a certeza de que SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA!

O Autor.

A paineira

De longe contemplava uma grande paineira que agitava seus galhos recobertos de ramalhetes de flores rosa-arroxeadas, como se fossem braços de dezenas de bailarinas que tivessem atingido o virtuosismo na arte de dançar.

Ou talvez lembrasse a mais feliz das noivas com o vestido da ocasião recoberto de várias grinaldas bordadas pela mais habilidosa das mãos.

Era meados do mês de julho e, portanto, inverno em nosso país. Fiquei, então, a pensar como a velha paineira conseguia florir exatamente na estação em que as árvores entram numa espécie de sono no reino vegetal.

Comentando em casa com a minha esposa, que é professora de biologia, ela explicou-me que determinadas plantas florescem nos dias curtos como são os dias do inverno, porque produzem na ausência de muita luz o hormônio que promove a explosão da florescência, o que permite, mesmo nessa época de temperatura adversa, recobrirem-se de flores como a paineira ao longe.

Fiquei a cismar, mesmo não descrendo da explicação da ciência, se uma razão maior do que essa não existiria no sentido filosófico da existência: será que as belas flores que recobriam a paineira no inverno, não seriam uma mensagem de Deus aos homens de que uma eterna primavera sempre existirá, por mais rigorosos possam ser os elementos da natureza durante essa estação do ano?

O que acha você, amigo leitor, deste meu pensamento? Concorde comigo ou acha que estou sonhando as esperanças de uma felicidade imorredoura, própria dos casais enamorados?

A humanidade, apesar das luzes que anunciam uma alvorada de luz, está envolta nas sombras dos desequilíbrios morais.

A imprensa escrita, falada e televisionada inunda-nos, com a nossa permissão, os lares e, o que é pior, a mente e os sentimentos com notícias de corrupção e impunidade.

As guerras oriundas do orgulho e do fanatismo geram viúvas, órfãos, ceifam vidas infantis e idosas, além de espalhar a destruição em nome de algo que não se encaixa na fé de uma imensa massa de criaturas humanas que dizem crer em Deus.

Filhos, que planejam a morte dos próprios pais, parecem recordar o vaticínio de nossos avós quando falavam nos "sinais dos tempos".

Jovens, que atiram a oportunidade de viver a primavera da existência física nas mãos crispadas e impiedosas dos mais déformantes tipos de vícios.

Traficantes, que pensam construir a felicidade e o sucesso, aniquilando o próprio semelhante a ofertar, nos mais diferentes tóxicos, a falsa taça do prazer fugaz, lavram sentença de sofrimentos atroz na reconquista da própria consciência comprometida com a culpa.

Velhos abandonados nos asilos e crianças nos orfanatos como se a consciência daquele que assim procede pudesse empreender a fuga, sem sucesso, do dever adiado perante a Lei de Amor.

O sexo desrespeitado nas mais degradantes formas que possamos pensar e, até mesmo naquelas que sequer imaginamos, tenta, em vão, proporcionar ao homem e à mulher, nos momentos fugazes de sua duração, a sensação de uma felicidade duradoura, mas que, no entanto, esboroa como a névoa tênue aos primeiros vigorosos raios solares.

No meio dessa selva de sentimentos confundidos pelas ilusões do momento presente, a Providência Divina permite que floresçam as "paineiras humanas" nas pessoas daqueles que se tomam embaixadores do bom exemplo a todos os homens de boa-vontade.

Quando Francisco de Assis recusa a fortuna do pai e entrega-se aos infortunados, por amor aos seus semelhantes, ele representou a "paineira" que florescia em pleno inverno do sentimento humano.

Quando Antonio de Pádua se entrega à prática do verdadeiro amor, floresceu a "paineira" humana no jardim da humanidade comprometida com os valores materiais.

Tereza D'Avila, na Idade Média, ao esmolar em favor dos seus pobrezinhos diante dos poderosos da época, representa um ramallete das mais lindas flores que despontava no inverno dos corações insensíveis daquele tempo.

Quando Mahatma Ghandi, através da não violência, liberta o seu povo do domínio a que estava submetido, a primavera de Deus eclodia no horizonte escurecido do sentimento humano.

Ao entregar-se o médico Albert Schweitzer a tratar de leprosos em terras africanas, eram as flores do amor da eterna primavera Divina a falar aos corações dos homens indecisos sobre a renovação constante da confiança imortal no amor sem exigências.

Madre Tereza de Calcutá, em pleno século XX, é mais uma floração permitida pelo Amor maior a transmitir a certeza de uma imorredoura

primavera na seara da Providência Divina.

Você, amigo leitor, pode ser um pequeno botão que interrompa o rigor do frio da insensibilidade quando promove a paz em seu lar, exercitando a compreensão e a renúncia.

Você pode ser a mensagem de esperança na primavera que sempre virá quando silenciar uma maledicência contra alguém.

Ao lembrar os lares em aflição, seremos para eles a mensagem da eterna temporada das flores que testemunham um novo amanhecer de primavera.

Ao escutar o filho que vive mergulhado em profundo momento de angústia, aconselhando-o com carinho e respeito ao livre-arbítrio dele, você será no céu da sua alma a mensagem constante de que as flores da esperança e do amor ao próximo jamais serão destruídas pelo inverno da indiferença humana.

Ao fazer a sua visita fraterna ao enfermo aprisionado no leito de sofrimentos e apreensões, sua presença será sentida e registrada como uma chuva de pétalas das flores da fraternidade que nunca deixarão de existir.

Nos momentos de paciência com seus pais idosos, compreendendo que, se a morte não visitá-lo antes, você também envelhecerá, estará transformando a sua atenção e carinho no mais belo ramalhete de flores extraídas da primavera do amor durante o inverno da indiferença humana.

Dessa forma, amigo leitor, cada um terá a sua oportunidade no seu dia-a-dia de transformar-se numa pequenina flor da "paineira" perene da primavera do Amor de Deus.

Por isso mesmo, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para a floração da boa-vontade nos corações desejosos de servir na seara do bem, vindo a compor o quadro do balé da vida que acena sempre com a primavera da esperança, por mais rigoroso possa ser o inverno atual da Humanidade.

A cruz, a roda e o peso

Um marceneiro habilidoso e de inteligência apurada, cansado de ouvir um amigo próximo reclamar constantemente dos problemas da vida, resolveu dar-lhe uma lição bastante real. Confeccionou uma pesada cruz de mogno, aparou-lhe as arestas, deu-lhe o polimento adequado e ficou aguardando a primeira ocasião em que as reclamações do conhecido recomencessem. Não demorou muito, porque pessoa que tem o hábito da reclamação crônica, volta aos comentários desanimadores de maneira muito rápida. Dessa maneira, assim que o amigo iniciou o rosário de queixas, o marceneiro convidou-o, ou melhor, intimou-o a ir à sua marcenaria naquela mesma hora, onde ele receberia uma "medicação" para as suas dores. O queixoso, mesmo sem entender direito o que o outro propunha, aceitou rapidamente e para lá se dirigiram.

Entraram na marcenaria muito bem organizada, com todos os aparelhos para executar um bom trabalho, diversos tipos de madeira, asseio no ambiente de trabalho, equipamentos de proteção dos funcionários e, num canto da oficina, uma grande cruz encostada na parede.

Os olhos do homem que vivia a se queixar da vida, rapidamente localizaram o objeto, exclamando como uma criança que focaliza o brinquedo preferido:

— Nossa! Não sei por que você fez aquela cruz, mas parece com a que eu carrego nesta minha vida.

O marceneiro que queria exatamente essa oportunidade, não perdeu tempo e foi logo dizendo:

— Pois é, companheiro. Eu fiz esta cruz bem caprichada para você.

— Para mim?! Se está querendo brincar com os meus sofrimentos, vou embora agora.

— Não, meu amigo. Muito pelo contrário. Desejo ajudá-lo e, para isso, peço que coloque um pouquinho esta cruz nos seus ombros.

O queixoso fez uma cara de espanto e exclamou:

— Por que nos meus ombros? Está querendo fazer alguma piada com as minhas dores?

— Confie em mim - respondeu o marceneiro. - Não estou brincando com os seus problemas, não. Entretanto, para ajudá-lo, preciso que coloque a cruz sobre os ombros por alguns poucos minutos.

O reclamador aproximou-se da cruz desconfiado e, com o auxílio do amigo, colocou-a sobre os ombros, sentindo o peso da madeira.

— É. Parece mesmo com o peso da cruz dos problemas que carrego. Está bastante pesada. Diga logo o que tem para dizer porque não vou agüentar esta cruz por muito tempo não.

— Então, vamos lá. Me diga como fica melhor para carregar essa cruz que eu fiz. Repare bem como ela fica mais leve ou mais pesada.

Dizendo isso, o marceneiro acrescentou sobre a cruz um objeto que aumentava o peso em dez quilos. Na mesma hora o queixoso dos problemas da vida gritou:

— Mas o que está acontecendo? Não disse que a cruz já era pesada e você coloca mais peso em cima dela? É meu amigo ou está, na verdade, querendo me matar?

— Calma, companheiro. Já disse que só quero ajudá-lo e você logo vai entender. Repare se o peso da cruz fica melhor desta maneira.

Dizendo isso, o hábil trabalhador de madeiras adaptou, num encaixe que havia deixado na trave maior da cruz que tocava no chão, uma rodinha que permitia que a cruz deslizasse de maneira mais suave sobre o piso, tornando-a mais leve no ombro do reclamador crônico, que não tardou em perceber a diferença, dizendo:

— Agora está mais leve. A rodinha que você colocou aí embaixo permite que eu puxe a cruz com menos atrito e, automaticamente, com menos peso. Só que continuo não entendendo o que isso tem a ver comigo. Não disse que ia me ajudar?

— Isso tem tudo a ver com você, meu amigo. Já vou ajudá-lo neste momento. Primeiro, vamos encostar a cruz na parede, para que possa prestar bastante atenção na lição. Companheiro, todos temos a nossa cruz a carregar nesta vida. Podemos aumentar o seu peso ou aliviá-lo. Depende de cada um.

— Continuo não entendendo, - respondeu o homem pessimista.

— Quando reclamamos dos nossos problemas constantemente - disse o marceneiro - é como se estivéssemos acrescentando mais peso à cruz que temos que carregar. Se somos pessimistas, se o nosso céu interior está sempre carregado pelas nossas reclamações, se não permitimos que sequer uma flor de esperança e de fé floresça no nosso interior, se resmungamos seguidamente, dia após dia, estamos colocando mais peso na cruz que terá que ser carregada. Entretanto, existe uma outra opção: se procuramos nas dificuldades da vida a lição positiva que essas dificuldades podem nos trazer, estamos colocando a rodinha que alivia o peso da cruz como você mesmo acabou de experimentar. Portanto, é uma escolha de cada pessoa. Teremos que carregar a cruz que construímos. Podemos aumentar o seu peso, reclamando sempre dos problemas, ou aliviar o peso, buscando o ensinamento que toda dificuldade pode nos trazer. Foi por isso que convidei você para vir até a minha oficina, para aconselhá-lo a colocar o mais rápido possível a "rodinha" que alivia o peso na sua cruz!

E você, prezada amiga ou amigo, tem colocado rodinhas ou acrescentado peso em sua cruz? Quando diante do cônjuge que reputamos de complicado, se entendemos que o nosso reencontro não foi casual, pelo contrário, foi uma programação da Providência para que tenhamos a oportunidade de nos reconciliar com desafetos passados ou adquirir virtudes através do teste presente, então somos daqueles que colocamos rodinhas em nossa cruz para torná-la mais leve. Se implicamos com esse cônjuge, se o hostilizamos nas pequenas oportunidades, se vivemos alimentando desavenças, então estamos entre aqueles que acrescentamos peso extra à cruz que teremos que continuar carregando da mesma maneira.

Se diante de filhos problemáticos, entendemos o fato como abençoada oportunidade de trabalho que Deus nos proporciona, orientando esses

filhos para o bom caminho, estamos no grupo dos que preferem colocar rodinhas na cruz que ficará mais leve. Se, pelo contrário, maldizemos esses filhos e os comparamos aos filhos dos outros que não dão trabalho aos pais, nos incluímos entre aqueles que preferem acrescentar peso extra a sua cruz, que terá de ser carregada.

Quando a enfermidade do corpo nos visita e procuramos extrair das dores, lições de que estamos necessitando no aspecto moral da existência, nos caracterizamos entre aqueles que fazem a opção de colocar rodinhas na cruz, deixando-a mais leve. Entretanto, se a nossa atitude é de protesto contra Deus por nos acharmos injustiçados pela presença da enfermidade em nossa vida, nos incluímos entre os que preferem colocar peso extra à cruz que teremos que continuar carregando.

Se diante da dificuldade financeira, continuamos a pedir a Deus que nos auxilie a encontrar soluções, continuando a trabalhar com dedicação, nos posicionamos entre aqueles que fazem a opção pela rodinha na cruz que ficará mais fácil de ser carregada. Ao contrário, se somos daquele tipo que blasfema, que protesta com revolta contra a Providência Divina, pela situação financeira apertada em que nos encontramos, fazemos parte daqueles que preferem acrescentar peso a mais à própria cruz que terá que continuar a ser carregada.

Dessa maneira, cada um de nós poderá e deverá fazer análise pessoal de como está preferindo carregar a sua cruz, não se esquecendo, porém, da certeza absoluta de uma coisa: ela foi confeccionada por cada um e terá que ser carregada até o final.

Contudo, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque na oficina da Bondade Divina existem "rodinhas" sem fim para todos aqueles que desejarem utilizá-las com boa-vontade.

O gramado do quintal

Em um terreno, medindo quinze metros de frente por quarenta e cinco de fundo, um senhor pagou, e caro, para plantar grama da variedade "esmeralda", por ser mais bonita, embora exigisse mais cuidados até que ocorresse o enraizamento.

Como na ocasião do plantio chovia muito, não fora preciso aguar o gramado.

O tempo das águas foi escasseando e a grama, plantada há pouco, começou a receber menos irrigação para a sua sobrevivência, em parte, por falta de tempo do proprietário para esse cuidado indispensável e em parte, por preguiça para executar o trabalho necessário.

A grama, antes verde, foi se transformando num tapete amarelado, seco, denunciador da falta de vida.

Assustado ao ver o gramado, que custara muito caro, sob o risco de ser perdido, devido à falta de água, o senhor providenciou o socorro da irrigação para evitar prejuízo maior, caso o perdesse: depressa comprou uma mangueira, suficientemente longa, para cobrir a extensão do terreno e bicos injetores de água que borrifassem o local em tempo de salvar o caro plantio. Fez mais, arrumou tempo para executar todas essas providências, tempo esse para o qual não encontrara a devida dose de boa-vontade, antes que a seca ameaçasse a grama plantada.

O serviço foi intenso e extenso porque o sol comparecia todos os dias, cumprindo a sua tarefa, enquanto a chuva necessária fazia sentir a sua ausência.

Depois de quase um mês de dedicação, antes esquecida, a grama começou a dar sinais novamente de vida, emitindo os tenros brotos verdejantes qual promessa de um grande e bonito gramado verde como se fosse uma bandeira de esperança.

A economia de tempo, mal empregada no início, devido ao descaso pela plantação adiando o fornecimento da água indispensável, cobrou com juros o serviço de rejuvenescimento da grama que morria.

Prezado leitor, a atitude do proprietário do terreno lembra a você alguém conhecido, talvez muito conhecido mesmo?

Pois é! Quantas vezes não agimos na vida com o "gramado" da existência dessa maneira, não é?

Enquanto a saúde está presente no corpo, não tomamos cuidado para mantê-la, até que a doença se faz presente.

Não temos a devida atenção com o emprego tão valioso e vivemos a queixar do patrão, dos colegas de trabalho, do cansaço daquela atividade.

Quando a sombra do desemprego nos retira aquilo que tínhamos e do qual reclamávamos, bate o Mo da preocupação profunda.

Usufruímos, muitas vezes, a abençoada paz no lar e não a percebemos. Quando os conflitos surgem, por ausência da devida vigilância, é que podemos avaliar o alicerce que deixamos desaparecer.

Quando nossos pais são vivos, guardamos um estranho sentimento de que eles jamais irão partir. Quando a morte física encerra o corpo velhinho dentro da imobilidade sem fim, partimos em louca carreira, pensamento a fora, tentando arrebanhar retalhos da convivência tão pouco valorizada.

Infelizmente, ainda somos assim. Cuidamos muito mal do "gramado" de bênçãos com que a Providência Divina cobre a existência.

Até da própria fé nos descuidamos o suficiente, sem alimentá-la adequadamente e, quando bate a necessidade urgente de buscarmos os recursos que a matéria não nos pode conferir através do dinheiro, da posição social, do poder, ficamos desorientados como crianças que, numa encruzilhada, não sabe tomar o caminho de casa.

Mas, por determinação Divina, SEMPRE EXISTIRA ESPERANÇA porque fomos criados para a vitória e não para a derrota.

Na menor disposição que demonstramos, Deus nos recolhe pelas mãos e leva-nos ao encontro do regaço do Seu Amor sem fim, permitindo que comecemos a irrigar com amor o "gramado" esquecido de nossos bens irteriores.

É a saúde que retoma por um tratamento médico bem feito e dedicado.

É um novo emprego que surge através de uma indicação amiga.

É a paz no lar que retoma depois de muito esforço.

É a certeza do reencontro com aqueles a quem amamos e tiveram que partir antes.

' SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, amigo leitor, bastando, para isso, que reiniciemos a parte que nos cabe fazer e para a qual, um dia, a exemplo do gramado esquecido, dispensamos o serviço.

Muitas pessoas argumentam que não precisamos conversar com Deus através da oração para pedir o de que necessitamos, porque Ele sabe muito bem do que estamos precisando.

É claro que sim. Mas devemos pedir em conversa amiga e íntima entre um filho e o Pai, porque estaremos realizando a parte que nos cabe fazer que é o ato de pedir.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA porque somos criação imortal de um Pai que nos concebeu como eleitos para a felicidade e para a esperança das quais ainda não temos ainda a mínima noção!

Reguemos o "gramado" dos imensos bens que já possuímos, antes que a ausência da chuva de nossa boa-vontade permita que o sol das necessidades o torne sem vida e a exigir muito mais trabalho na sua recuperação.

O anjo não mentiu

A mãe desesperada mantinha-se ajoelhada ao lado do leito do filho enfermo e com prognóstico sombrio diante da medicina dos homens.

As lágrimas se antecipavam à possibilidade da morte do ser querido e mobilizava todas as forças aquela alma de mulher.

Não há barreiras intransponíveis para as vibrações de amor de um coração materno que suplica a Deus pelo ser querido.

Após prolongados minutos na mesma posição, a mãe, vencida pelo cansaço, foi auxiliada pelo marido a se recostar no leito, para o repouso que o corpo exausto requisitava com veemência.

Exaurida, a senhora adormeceu profundamente e sonhou que suas preces pelo filho doente tinham sido ouvidas por um ser angelical que irradiava intensa luz, a ponto de não permitir que suas feições fossem reconhecidas.

Ao ver-se diante desse ser espiritual, o coração de mãe abriu-se em súplicas desesperadas:

— Anjo celeste! Suplica a Deus pela vida de meu filho! Não permitas que a morte, essa assassina de almas maternas, o leve para longe. Tem piedade, bondoso ser. Roga ao Pai por nós. Não foi isso que Jesus afirmou enquanto estagiou entre nós no vale de lágrimas: "Pedi e obtereis"? Estou pedindo do mais profundo do meu ser! Poupa-o, porque mal começa a viver entre nós. Não permita o Criador que essa flor seja colhida em tão tenra idade!

E continuava o coração materno como um defensor incansável a invocar os mais profundos e remotos argumentos em favor do filho amado.

O anjo que a ouvia com olhar de extrema ternura e compaixão, deixou que o coração amante daquela mãe se esvaziasse da tremenda angústia de que era possuidor.

Esgotada em seus argumentos, ouviu aquela mulher as palavras daquele ser que tinha diante de si, como se um leve sussurro viesse de um local muito distante:

— Ele vai melhorar.

A mulher lançou-se-lhe aos pés, procurando beijá-los para externar a sua gratidão, no que foi por ele impedida. Amparando-a, despediu-se,

com as mesmas palavras anteriores:

— Seu filho vai melhorar.

A senhora despertou, com um suor frio a derramar-se-lhe do corpo e correu para o quarto do filho, em plena madrugada.

A criança não demonstrava sinais de melhora, pelo contrário, a respiração ofegante e gemente, a febre, tudo indicava a piora do quadro.

Ligou para o médico com desespero tendo sido recomendada a internação do enfermo.

Minutos de angústia no hospital, enquanto a medicina dos homens brigava tenazmente contra a morte.

Aquela mulher recordava-se parcialmente do sonho da noite com a presença do ser angelical de intensa luz a repetir aquelas palavras que lhe deram tantas esperanças:

— Seu filho vai melhorar.

No entanto, tudo demonstrava o contrário. Mas como?! Teria o anjo mentido?! Não! Um anjo estava proibido de mentir! O que ocorria então, meu Deus?!

Eram pensamentos que, ao lado de outros, turbilhonavam-lhe o cérebro extremamente cansado.

À tarde, o sol foi se pondo, como que perdendo as forças como o filho daquela senhora. Anoiteceu.

A escuridão, apesar do sorriso de estrelas com uma lua, no alto, enamorada pela Terra, trouxe a morte do filho amado àquela mãe abatida em todas as suas forças.

Ela não se conformava agora, não mais com a própria morte, mas com a mentira do anjo, porque os anjos não podiam mentir. Se fosse Deus, pensava ela, apagaria a luz daquele ser como aqui na Terra se apaga uma lâmpada com um simples movimento de uma tecla.

Os anjos são proibidos de enganar e aquele havia enganado o seu coração de mãe.

Não se trai impunemente a um coração materno e ela não perdoava! Haveria de encontrar-se um dia com aquele anjo depois de sua morte, se é que, após a perda do filho, podia considerar-se viva!

Perseguiria o ser mentiroso do sonho enquanto vivesse do lado de cá como no outro lado da vida. Queria olhá-lo, de frente, nos olhos, ver a sua face oculta pela luz que ele não mais merecia, para chamá-lo de mentiroso!

Numa noite, em que fazia um ano que o filho havia sido tragado pela voluptuosidade da morte implacável, que lho roubara, ela estava cansada, de cabelos encanecidos pela intensa batalha e pela força da dor.

Procurou o leito como quem procura a própria sepultura porque nada mais lhe importava da existência aqui neste mundo.

Dormiu pesadamente e sonhou. No sonho, novamente o covarde ser de luz se apresentou a ela.

Seria aquela a noite de desmascará-lo! De dizer-lhe, olhando no fundo dos olhos, que ele a havia enganado! As mães não se engana, principalmente quando se trata dos filhos. Não havia perdão para aquele ser ingrato e mentiroso! Num misto de profunda revolta e prazer doentio, aquela mulher assim se expressou:

. — Até que enfim o encontro para atirar-lhe na face a verdade de que você, embora vestido de luz que não merece, não passa de um mentiroso! De um criminoso que não soube considerar o que era a dor de uma mãe! Deveria nascer no mundo! Descer desse paraíso para a Terra, ser mãe e perder um filho para aprender que às mães não se mente!

Sentia vontade de avançar sobre ele, de esbofeteá-lo como quem agride a própria morte que lhe roubara o ser amado!

O anjo estava impassível!

A mulher, atingida em sua confiança, voltou aos desafios:

— Por que se oculta na luz, se não é digno dela?! Mostre-se tal como é desprovido de amor para com o próximo, para com a dor alheia! Por que não fala nada? Porque não tem como justificar a sua mentira, não é? Como posso crer num Deus que permite que você, ser monstruoso pela insensibilidade, se vista de luz?!

A partir desse instante, as feições daquele ser diante de seus olhos foram se clareando, delineando traços, o desenho da face, a expressão do olhar, o tipo de cabelo e até mesmo a cor dos olhos! Sim, a cor dos olhos!

A mulher caiu de face prostrada e, gemendo, balbuciou:

— Perdoa-me, Senhor! Tem compaixão de minha falta de fé! Releva todos os impropérios que já disse no auge da loucura de minha dor! Como Jesus no alto da cruz, suplico-Te, meu Deus, porque não sabia o que fazia!

Enquanto soluçava convulsivamente aquele coração de mãe ouviu essas palavras daquele ser de luz extremamente conhecido e querido dela:

— Sim, mamãe! Sou eu! Teu filho no mundo que te espera neste local de paz e luz! O anjo não mentiu! Eu melhorei! E muito! Deixei meu corpo na Terra e tomei-me um anjo também!

É, realmente, profundamente dolorosa a cena de uma mãe agarrada ao corpo inanimado do filho como que querendo retirá-lo das garras insensíveis da morte que o arrasta num mecanismo inexorável.

Todas as palavras, as mensagens de consolo que possamos endereçar ao coração ferido mortalmente pela separação do ser amado, não devemos poupar.

Evidentemente que a história acima possui um sentido figurado. Ninguém se transforma em anjo ou santo porque deixou o corpo de carne, mas tem o objetivo de fazer chegar até o coração das mães que passam ou passaram por essa prova extremamente difícil, a certeza de que o ser amado não vai ser atirado dentro de uma lápide fria e, muito menos, de que se extinguiu como uma chama que não resistiu ao vento mais forte. Se isso fosse a verdade, Jesus não teria deixado o corpo material de que se utilizou para conviver conosco aqui na Terra e se apresentado plenamente vivo no corpo espiritual que pôde até ser tocado por Tomé.

A outra intenção da história é procurar levar a mensagem amiga e fraterna de que o ser querido não está desamparado pelo seu próprio Criador, como se fosse uma pluma que flutuasse ao sabor do vento que passa.

Absolutamente, não. Continuamos a ser, fora do corpo, a jóia querida da Providência, aquela gema preciosa, trazendo cada uma o seu encanto incomum.

Se, quando viemos para a vida material, Deus nos proporcionou um pai, uma mãe, um lar, irmãos e todo um parentesco, porque haveria Ele de não nos recepcionar em nosso retorno para a verdadeira vida?

Essa recepção é certa, coração querido de mãe que chora! O seu filho encontrará, com certeza, na verdadeira dimensão da vida, da vida plena, imortal, toda uma família que reside fora dos limites acanhados deste mundo físico e que o recepcionará com muito amor, carinho, sussurrando hosanas de júbilo pelo ser amado que retoma intocável pela morte.

Se você, mãe, acarinhou esse filho desde os primeiros instantes em que soube que ele estava aninhado no seu ventre; se você, mãe, sonhou para ele as coisas mais belas da vida, por que duvidar de que Deus, Que é perfeito, agiria de outra maneira?

Envolve a sua dor imensa num manto amoroso, dando a ela um cantinho do amor que você tinha e continua tendo pelo filho amado e a própria dor, sentindo-se amparada pelo ser de imenso amor que é a sua pessoa, acabará por recostar-se em sua ternura, chorar com você e com você sorrir, na certeza de um amanhã de luz, no reencontro abençoado que aguarda todos que verdadeiramente se amam.

Acreditamos assim, porque SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA no coração daqueles que confiam na vida, que nunca cessa, mesmo na aparente morte estampada no uniforme que deixamos na escola da Terra, para ingressarmos em outras faculdades, para o aprendizado da arte do amor!

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, assim que entendermos que a vida é única, ora estagiando na dimensão física, residência temporária, ora estagiando na dimensão espiritual, morada definitiva.

O morcego

A senhora entrava com o filho, à noite, na garagem da residência, quando um grande morcego frugívoro (que se alimenta de frutas) desfechou o seu vôo na escuridão da noite.

O menino, depois do susto normal, logo comentou impressionado com a habilidade do animal:

— Nossa mamãe! Quase o morcego trombou com o nosso carro! Mas, no entanto, se desviou de todos os obstáculos!

— É assim mesmo, filho. A natureza providenciou um sistema de radar de grande precisão para esse animal que enxerga muito pouco no escuro.

— Já pensou se nós também tivéssemos um radar para desviar das coisas?! Quantos acidentes seriam prevenidos, não é? - Retornou à conversa o menino.

— O homem possui, em determinados instrumentos como aviões, navios, submarinos, um sistema de radar adaptado a cada um deles que também permite um grande progresso, diminuindo muito a possibilidade de acidentes. Entretanto, o radar mais perfeito que possuímos, está em nossa alma e pouco o utilizamos!

O filho que não conseguiu entender a colocação da mãe, perguntou:

— Como assim, mãe? Radar na alma?! Para quê? A alma por acaso sai voando por aí?!

— Ah, meu filho, e como voa!! O ser humano voa atrás de tantas coisas, em busca da felicidade e, por não se utilizar do radar da alma, dá cada trombada!...

— Olhe, mãe! A senhora pode falar para uma criança entender? Estou "boiando"...

— Você, um dia, também será adulto e vai entender melhor. Mas o que quero dizer é que o ser humano corre atrás de tantas coisas, gastando o seu tempo aqui na Terra e, por não se utilizar do radar da vida que lhe permite distinguir o bem do mal; o certo do errado; o que pode levar para o outro lado da vida e o que terá que deixar aqui, vive o homem "voando" em direções que, muitas vezes, o levam ao sofrimento. Veja bem: quantos não correm uma vida inteira atrás do dinheiro, porque não querem entender que nada poderão levar, quando morrer! Falta-lhes o radar para compreenderem a brevidade da vida!

Quantos não passam uma existência inteira atrás de posição social de destaque, porque não desejam entender que os títulos do mundo não atravessam o túmulo! Falta-lhes o radar para compreenderem que os títulos do mundo aqui ficarão!

Outros se atiram aos prazeres do sexo desequilibrado, das drogas, do cigarro, do álcool, do excesso de alimentação, acarretando doenças de vários tipos que lhes encurtarão a existência no corpo! Falta-lhes o radar do bom-senso para dosarem os prazeres da vida, desesperados que estão para serem felizes a qualquer custo, mesmo que o preço seja grandes dores para o futuro.

Outros ainda alimentam, por orgulho, as guerras em que tantas vidas são perdidas injustificavelmente, porque lhes falta o radar da humildade, acabando por perderem-se em dolorosos caminhos!

Existem aqueles que se entregam a corrupções dos mais variados tipos, acreditando estar fazendo excelentes negócios, porque preferem ignorar o radar da própria consciência que procuram amordaçar ou anestesiar para darem continuidade à vida de corrupção e de lucros desonestos pelos quais responderão perante Deus, mais cedo ou mais tarde.

Jamais o Criador nos entregaria ao mundo, que exerce tanta influência sobre nossas pessoas, sem uma diretriz, sem um "radar" que nos indicasse o caminho a ser seguido. Se assim ocorresse, não teríamos culpa em errar e nem mérito em acertar!

Surge a responsabilidade no erro ou o benefício no acerto, exatamente porque possuímos como escolher melhor.

Quando Jesus veio habitar entre os homens, ele procurou conviver onde existia a dor, as mazelas físicas e morais para administrar diretamente as aulas a toda a humanidade daquela época e de sempre. O Cristo não se trancou dentro de um palácio e escreveu livros e mais livros, não! Saiu de qualquer conforto material, para viver e exemplificar como deveríamos nos comportar, ativando, na consciência de cada ser vivo capaz de pensar, de raciocinar, um "radar" imortal que nos acompanhará sempre.

De tal forma que aquele que faz a opção para o mal, para o erro, para o desequilíbrio, não pode alegar que não sabia. Depois de Jesus, essa desculpa não existe mais. O radar do Cristianismo é bastante claro e acessível a todos, sem nenhuma restrição. O grande problema é desejarmos ou não utilizá-lo!

Nisso, o morcego voltou sobre a cabeça da mãe e filho em seu vôo certo, deixando a criança a pensar como seria bom voar como ele, enquanto a mãe suplicava a Deus lhe desse forças para acender no coração e na consciência daquele menino o abençoado "radar" da Providência Divina.

A senhora, como sabemos, tinha toda razão. Quando Jesus, na sua sabedoria que ainda não somos capazes de entender, nos deixou enfatizadas três diretrizes básicas, colocou abaixo toda a incerteza que uma pessoa bem intencionada possa ter.

A primeira dessas diretrizes esclareceu que o "próximo" a quem sempre se referia era toda e qualquer pessoa que estivesse necessitada de alguma forma e ao alcance de nossa boa-vontade. O próximo, na visão dele, extrapolava os limites estreitos do lar, do pai, da mãe, dos filhos, dos irmãos, dos parentes mais pertos ou mais distantes. Tanto que na Parábola do Bom Samaritano, Jesus, referindo-se ao homem ferido do caminho que ia de Jerusalém para Jerico, empregou o artigo indefinido "um". A parábola refere-se ao necessitado da seguinte maneira: "um homem caído na estrada". Não interessava, no entendimento do Cristo, quem ele fosse. Bastava apenas a condição de um necessitado do amor de quem fosse capaz de amá-lo o suficiente para socorrê-lo.

A segunda diretriz do Mestre ensinou que deveríamos fazer ao próximo aquilo que desejaríamos que o próximo nos fizesse. Depois desse ensinamento, quem pode alegar que não sabia se deveria fazer ou não tal coisa para alguém? É só trocarmos de lugar que a consciência ditará o certo ou o errado.

Finalmente, arrematando toda a Lei, afirmou que o Amor a Deus e ao próximo como a nós mesmos, se constituía no maior dos Mandamentos. Portanto, nada que possamos fazer, substitui essa diretriz maior.

Assim, prezado leitor, nosso "radar" está em plenas condições de funcionar, bastando que, para isso, queiramos.

Dizem os estudos que, nos acidentes aéreos e nos de trânsito, a causa maior está no ser humano que não observou adequadamente os marcadores de perigo existentes.

Foi o motorista que excedeu a velocidade máxima permitida; não usou o cinto de segurança; dirigiu embriagado; com pneus em mal estado de conservação etc. Foi o piloto que executou mal um plano de vôo; não observou com atenção os instrumentos; não realizou a checagem de rotina; estava cansado, executando uma profissão de muita responsabilidade etc.

Assim somos todos, quando caímos nos mais diversos desequilíbrios que repontam no caminho, convidando-nos para rumos inadequados.

O orgulho, a vaidade e o egoísmo que se subdividem em várias outras imperfeições como um imenso polvo a conter inúmeros tentáculos, sufocam o "radar" deixado por Jesus e o carro de nossa existência colide, frontalmente, com um obstáculo. As conseqüências são dolorosas e a colisão não precisava ocorrer.

O morcego responde, prontamente, ao próprio radar, desviando a rota, enquanto o ser humano muitas vezes não tem forças suficientes para desviar-se do perigo, embriagado com as recompensas e prazeres imediatos do mundo.

Podemos concluir daí que devemos fazer muita força para ter a determinação do mamífero voador, o nosso companheiro morcego, que, prontamente, desvia o rumo, diante do obstáculo, enquanto nós, os homens, ficamos à procura do obstáculo até trombarmos com ele, trazendo para nós, diante da Lei que determina dar a cada um segundo as suas obras> grandes dificuldades para solucionar os problemas que criamos, por não utilizarmos o "radar" que o Criador nos proporcionou.

Mas, como SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, esse radar fornecido por Deus continua conosco, emitindo os seus sinais de alerta até o dia em que resolvermos observá-los para a própria felicidade. Até o dia em que tivermos ouvidos que queiram ouvir e olhos que queiram verdadeiramente enxergar. Nesse dia, entraremos na posse do radar infalível que a Providência colocou em Suas criaturas.

O equilibrista

Durante as Olimpíadas de 2004, a televisão mostrou a proeza de um senhor europeu que, desafiando o medo e a lei da gravidade, subiu em um balão ligado a outro por um cabo, distantes cem metros entre si, a mais de mil metros de altitude, e passou de um balão para o outro, demonstrando enorme habilidade e coragem naquela altura.

Não satisfeito com essa vitória alcançada, demonstrando um grande domínio do próprio corpo, já está planejando subir outra vez a uma altitude maior do que seis mil metros para, novamente, carregando apenas um pára-quedas nas costas, passar de um balão a outro.

Para minha pessoa, que mal consigo olhar de um prédio alto para baixo, aquele senhor demonstrou uma enorme dose de coragem.

Só para ilustrar mais um pouco com fatos reais, passo a você, amigo leitor, uma outra notícia estampada em mais de um periódico da imprensa escrita: duas mulheres, uma espanhola e a outra austríaca estão numa disputa acirrada para ver qual delas escala os 14 picos mais altos do mundo, todos eles com mais de 8.000 metros de altitude, arriscando a tão valiosa vida física! Cada uma delas já fez oito dessas escaladas.

Então, fiquei a pensar sobre o porquê de o ser humano ter tanta coragem e equilíbrio no enfrentamento dos desafios exteriores, mas ter tanto medo de encarar e de resolver os desequilíbrios interiores...

Pois é, você não concorda comigo?

A inteligência do homem já o colocou sobre a superfície da lua por mais que alguns resistentes, até hoje, tentem negá-lo.

O homem vai a profundezas desafiadoras dos mares e oceanos com submarinos e outras máquinas apropriadas para esse *fim*.

Uma sonda foi lançada há pouco tempo em direção ao planeta Mercúrio, demandando anos para atingi-lo.

O cientista descobre, com os recursos de microscópios moderníssimos, os mais pequenos microorganismos responsáveis pelas enfermidades do ser humano.

Consegue a ciência atual uma vacina contra paralisia infantil que salva do aleijão milhões de crianças sobre o planeta.

Ataca com mais sucesso a imunodepressão gerada pela AIDS, prolongando a vida física de milhares de pessoas contaminadas.

O mal de Hansen (lepra) e a tuberculose que geraram tantos seres marginalizados do seio da própria família, recolhidos obrigatoriamente em sanatórios, atualmente encontraram a cura.

A cirurgia evoluiu a ponto de intervir na criança sendo gerada ainda no interior do útero materno!

O transplante de órgãos traz alívio a uma quantidade considerável de pessoas anteriormente condenadas à morte precoce ou a viver ligadas a máquinas que anulavam a própria existência.

Computadores reduzem a minutos as enormes distâncias existentes entre os homens.

Promessas felizes começam a despontar no horizonte da medicina com pesquisas de células tronco capazes de reproduzir e substituir células enfermas do corpo humano, pelo menos em teoria, como se produzissem peças de carro para substituir as danificadas.

Com todo esse progresso e sucesso vertiginoso, o homem se apequena e se acovarda, quando convidado a interiorizar-se, no encontro de si mesmo, a constatar seus desequilíbrios! Justamente esse encontro que iria demonstrar a ele a própria grandiosidade, capaz, inclusive, de vencer a morte tão temida!

Entretanto, quando percebe que está a caminho da consciência, o homem se detém temeroso. Não consegue nem mesmo uma pequena dose da coragem demonstrada pelo equilibrista que, nas alturas, desafiava o medo. Não consegue, quando se tratar de encontrar consigo mesmo, sustentar o próprio equilíbrio.

Seria porque nesse rumo a ser tomado dentro dele a decisão entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, tivesse que ser tomada?

H Seria porque dentro de si mesmo o "sim" e o "não" tivessem que ser mesmo o sim ou o não?

Teria medo de olhar-se no espelho da consciência e assustar-se com a figura nela estampada?

Ou seria porque nesse interior a corrupção, a impunidade, a maledicência, não tivessem os recursos mirabolantes, quando não fraudulentos, que levantam nos tribunais humanos devido à brandura e à flexibilidade das leis dos homens?

Talvez, por não contarem no tribunal interno com o único advogado perante a própria consciência que são as obras realizadas no campo do bem, tão raras, não é mesmo?

Isso para não lembrar os terríveis "promotores" na figura das consciências alheias, lesadas de alguma forma, a bradarem por justiça!

Seja como for, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA porque o tribunal interior está aberto infundavelmente para a mínima demonstração de boa-vontade no desejo da modificação de nós mesmos.

Esse juiz interior sempre acatará o pedido de reconsideração do réu que deseja, sinceramente, atingir a coragem e o equilíbrio daquele senhor que se transpôs, a grande altitude, de um balão para o outro, como poderemos transpor do balão do erro para o balão do acerto.

Também SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA porque levamos nas costas o recurso do pára-quedas, representado pelas múltiplas oportunidades constantemente renovadas para que o filho pródigo retome ao Lar!

O gafanhoto

Uma senhora cuidava da pequena horta no fundo do quintal quando viu um "bicho" estranho a corroer ferozmente determinada folha de uma hortaliça.

Não teve dúvidas em chamar o marido que chegara há pouco do trabalho:

— Veja só esse animal estranho que parece devorar com desespero nossa pequena plantação! O que será e por que age dessa maneira? Parece até que não come há dias!

O marido voltou-se para o local indicado e exclamou:

— Ah! É um gafanhoto que deve ter-se desgarrado do bando. Eles comem muito mesmo. Aliás, foi por essa fome descontrolada que foram parar até na Bíblia, no Velho Testamento, não se lembra?

— Sim! Uma das pragas com que Moisés ameaçava o rei para que libertasse o seu povo. Marido, o que parece a você essa imagem de um Deus irado, vingativo, mandando pragas sobre um povo, sendo que tudo que existe é obra dEle? Seria como se um pai de muitos filhos desse preferência a uns em detrimento de outros. Não seria justo. Esse Deus da época de Moisés não está de acordo com Aquele apresentado por Jesus, não acha?

— É fácil de entender as aparentes diferenças. Quem passa a imagem de Deus, Que criou a tudo e a todos, somos nós, seres humanos limitados, imperfeitos. Não temos condições de avaliar o Ser supremo, sem limitá-Lo.

— Como assim?! - indagou a esposa.

— Veja bem. Todas as vezes que vamos descrever alguma coisa ou pessoa, na verdade estamos traçando limites. Se digo que um homem tem um metro e oitenta, estou dizendo, indiretamente que ele não poderá ter um metro e noventa. Se digo que ele pesa oitenta quilos, indiretamente estou dizendo que não poderá pesar noventa ou cem quilos. Entendeu? Ao tentar definir de acordo com a nossa pequena capacidade de raciocinar, de acordo com o mesquinho conhecimento sobre o Ser supremo, acabamos, de maneira até mesmo inconsciente, traçando-Lhe limites.

Imagine você o que acontece quando tentamos traçar, com palavras, a figura do Criador! Acabamos por limitá-Lo e, o que é pior,

transferimos para Ele o nosso modo de ser. Como ainda somos muito imperfeitos, a definição que conseguimos criar sobre nosso Pai também é imperfeita. Por isso vemos que, na época de Moisés, era apresentado um Deus vingativo, que incentivava a guerra, que tinha escolhidos, apesar de ter criado a todos. São atitudes do ser humano transferidas para o Criador.

—E! Só assim mesmo para entender, porque um Pai que o Apóstolo João definiu como sendo o próprio Amor, não poderia ter as imperfeições que temos encontrado descritas ao longo da história do ser humano.

—Mas, voltando ao problema do nosso amigo aqui - disse o homem para a esposa - ele começou a ficar famoso a partir da história de Moisés quando participou, na figura de seus antepassados, de uma das pragas lançadas sobre o rei do Egito.

Agora, você sabia que um bando deles pode atingir até cinquenta milhões de insetos? Que podem percorrer até cem quilômetros num único dia? Que são capazes de devorar, de um dia para o outro, uma quantidade de comida equivalente a alimentação de duas mil e setecentas pessoas? Que se reproduzem com muita velocidade e duram um espaço curto de tempo, o que os obriga a comer tanto? Quando atacam numa espécie de bando, é coisa muito séria, mulher!

—Nossa! Sabe o que eu estava pensando, enquanto você me contava tudo isso? Que esse bichinho chamado gafanhoto, que produz todo esse estrago, na verdade, não sabe o que faz. Apenas age como a natureza o criou. Olhando, assim, para as notícias do jornal, não parece a você que o mundo está cheio de "gafanhoto" humano, que mesmo tendo à sua disposição os ensinamentos de Jesus, não vacila em "devorar" tudo aquilo que satisfaça ao seu apetite imediato, meu marido?

Após uma gostosa gargalhada, o homem disse:

—Sim. Parece mesmo. Mas o dono do pomar da Terra, é um agricultor perfeito e não faltará inseticida para combater os "gafanhotos humanos" através da pulverização da dor e do amor, minha querida...

Não queremos, amigo leitor, passar nenhuma imagem de pessimismo com a lembrança da história relacionando o nosso faminto exemplar com alguns tipos de pessoas, porque é determinação da Lei Maior que todos sejamos, um dia, organizados e produtivos como as abelhas que beijam as flores para o fabrico do mel.

Devemos ter olhos para os defeitos alheios para perguntar corajosa e honestamente para nós mesmos se aqueles defeitos que identificamos no próximo, não são nossos conhecidos por encontrarem-se na nossa vida íntima.

Raciocinando assim, devemos lembrar que o gafanhoto devora com desespero seu alimento por ter uma vida curta e reproduzir-se rapidamente, cumprindo uma lei biológica. Ou seja, o inseto está inserido no texto da lei!

Não podemos ser "gafanhotos" da vida no sentido de vivermos para satisfazer nossos prazeres imediatos, utilizando-nos do instrumento do corpo físico. Sim, porque quem é fraco ou forte é o Espírito imortal e não o seu instrumento constituído pelo corpo material.

O ditado de que a carne é fraca não tem sustentação perante nenhum raciocínio honesto.

Não devemos, embora possamos, gastar toda uma existência atrás das lautas refeições que acabam por nos lançar na doença.

Não devemos, embora possamos, correr todas as horas do dia atrás da fortuna material que ficará na Terra, barrada pela alfândega do túmulo. Não devemos, embora o livre-arbítrio nos permita, consumir a saúde nas bebidas alcoólicas, nas drogas chamadas de ilícitas, no sexo desequilibrado, nas explosões de ira que detonam o ser material, na corrupção com sabor de impunidade ou nos mais variados e diversos crimes que a mente humana é capaz de arquitetar.

Os que assim procedem, são "gafanhotos" da vida que devoram a si mesmo numa velocidade tão grande que não vêem o tempo passar.

Mas pior do que esse tipo de "gafanhoto", são os que se transformam em devoradores do direito do próximo, das esperanças alheias, originando as lágrimas daqueles que caminham conosco.

Devoram os minutos de paz de uma família instalando em um dos filhos do casal o tóxico.

Aniquilam os sonhos de felicidade de que o outro tem direito, através de atitudes pelas quais se permitem fazer ao próximo aquilo que não gostariam de sofrer.

E a jovem que vê o rapaz mergulhar na estrada do tempo, deixando-lhe, sarcasticamente no colo, um filho, vítima da sexualidade animalizada.

E a mãe que tem um filho desaparecido porque subtraído por mãos alheias e corações insensíveis a lhe impor dores sem limites e por tempo imprevisível.

São pessoas que se vêem usurpadas em seus direitos, não tendo, aqui na Terra, a quem apelar.

Não queiramos ser os "gafanhotos" da vida, porque o Divino Pomicultor providenciará o borrifo da dor quando não funciona o adubo do amor, até que estejamos integrados à grande colméia universal onde todos trabalham para o bem do outro e colhem, sem planejamento, paz e felicidade indescritíveis.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque somos *ramos* da videira cujo tronco é o Cristo, cuja seiva de 'amor e de misericórdia percorre nossos desequilíbrios, convidando-nos a segui-lo servindo sempre e tomando- nos sempre os menores entre os homens, para que possamos ser dignos de entrar na Casa do Pai!

O cavalo e a carroça

Duas amigas caminhavam pelas ruas da cidade quando, em uma delas, subia uma carroça carregada. O carroceiro, chicoteando o animal com violência, dizia palavrões ao pobre quadrúpede, como se este pudesse entendê-lo e tivesse alguma culpa.

Uma das moças, mais sensível com o sofrimento do animal, deu início ao diálogo:

—Pobre cavalo, que além de puxar esse peso enorme, ajudando o dono a ganhar o pão de cada dia, tem que sofrer a dor do chicote! Não sei por que o ser humano que se julga tão superior, é capaz de atitudes como essas com aqueles que lhe são inferiores!

A amiga decidiu entrar na filosofia do triste quadro que tinham diante dos olhos:

— Isso não é de estranhar! Já que o homem é capaz de fazer aos seus semelhantes coisas piores, imagine o que não fazem para aqueles que julgam seres inferiores da criação e que não representam nada!

Tudo acontece pela ausência do amor que caracteriza cada ser do reino hominal, amiga. Se verdadeiramente amássemos a Deus, não maltrataríamos nenhum ser, nenhuma criatura criada por Ele! É diante de atitudes como essas que podemos ter a idéia do quanto estamos distantes da verdadeira capacidade de amar!

O carroceiro descarrega sobre o cavalo que o ajuda a ganhar o pão de cada dia, toda a sua revolta contra os problemas da vida, como se o chicote, ferindo o animal, pudesse apresentar-lhe as soluções. Sabe o que me lembra tal atitude? De quantos são capazes de maltratar o próprio corpo físico que nos foi dado por Deus para servir de instrumento de nosso crescimento na vida!

— Como assim? Você se refere àqueles que possuem a crença da autoflagelação, que se chicoteiam a si mesmos ou coisas semelhantes?

— Não, minha amiga. Refiro-me às pessoas que agridem o corpo material com os mais diversos tipos de desequilíbrios. "Chicoteiam", vamos dizer assim, o próprio corpo com as drogas ilícitas, com o álcool, com o cigarro, com os momentos de nervosismo, de explosões, de maus pensamentos, de inveja, de orgulho, de vaidade, de egoísmo, que são verdadeiras chicotadas no corpo que nos permite crescer moralmente diante de Deus e de nós mesmos! Ficamos, nos momentos em que assim agimos, parecidos com esse carroceiro que agride brutalmente o animal que o auxilia a viver, não entendendo que, se lhe causar a morte ou a doença, ficará sem o seu instrumento de trabalho!

Já pensou sobre esse ângulo, minha amiga?!

— É! O pior é que muitas vezes acordamos quando não temos mais a "carroça e o cavalo" do corpo material, quando já estamos do lado de lá, prestando contas à consciência que é o reflexo de Deus em cada ser de Sua criação!

Pois é, amigo leitor. Acostumamos a considerar o ser imortal criado pela Providência Divina como sendo aquele que vemos diante do espelho do banheiro ou do quarto todos os dias, que possui um número na cédula de identidade, de um CPF, de um endereço, de um nome e sobrenome etc. Ledo engano! Vemos apenas a importante ferramenta, o uniforme que estamos utilizando temporariamente na nossa viagem pela Terra. As vezes, como o ser humano procura desculpar-se pelos próprios desequilíbrios para continuar no erro, chegamos ao cúmulo do raciocínio infantil, afirmando que a alma é forte, mas a carne (o corpo) é fraca! O corpo material é um importante instrumento de trabalho que recebemos de Deus quando ingressamos na escola do planeta. Como nossa fê ainda é muito pequena e, para crer, precisamos ver, tocar, sentir e tudo o mais que nos satisfaça a certeza titubeante, acabamos por concluir, por conta própria, de modo confuso, apesar dos alertas das várias religiões de que não somos o instrumento de carne e ossos, acabamos por confundir, voltamos a dizer, aquilo que vemos, que palpamos, que nos utilizamos, no dia-a-dia, para a convivência diária no mundo, como sendo a obra da criação de Deus. O Criador sendo Espírito, dá origem a Espíritos imortais e não a corpos materiais destinados à extinção que, por sua vez, são criações de nossos pais da mesma maneira como geraremos nossos filhos, esses os nossos netos, e assim sucessivamente.

Agora vejam bem a incoerência: se julgamos ser, este corpo de carne e de ossos, a obra da criação do próprio Deus, como podemos maltratá-lo tanto?

São tantas as agressões que este importantíssimo instrumento de trabalho sofre quase todos os dias, que mais parecemos seres irracionais.

Se você discorda, citemos alguns exemplos: a alimentação excessiva geradora de enfermidades; o vício do cigarro, origem de tantos males; a vivência do sexo insaciável, fonte de desesperos e de angústias das mais variadas tonalidades; a preocupação com os bens materiais que deixaremos fatalmente pela morte física; as brigas por motivos banais que alimentamos e que proporcionam momentos de desequilíbrios importantes em que o corpo é bombardeado com substâncias tóxicas; o sentimento do ódio que alimenta em cada ser onde ele exista, um mecanismo de corrosão da própria saúde; as noitadas envolvidas com a bebida alcoólica, subtraindo o sono necessário ao refazimento do desgaste diário do ser físico; a maledicência, que é o veneno que atinge primeiramente o local de onde brota, ávida de ser continuada por outras pessoas, que também vão se envenenando; os desentendimentos com a esposa ou com o marido, que alimentam mágoas durante dias, num processo de auto-intoxicação; o desrespeito para com os pais, que não são perfeitos da mesma maneira como portamos também nossos erros; a falta de tempo para os filhos, que acabam por cair nas mãos de traficantes, exigindo de nós uma luta árdua e, muitas vezes inglória, além de muitos outros motivos que cada um poderia enumerar por si mesmo.

Nos instantes em que assim agimos, somos semelhantes ao carroceiro que, num ato de insânia, agride, com o chicote e com os maus tratos, o seu instrumento de sobrevivência, do ganho do pão de cada dia!

Façamos esse raciocínio que já somos capazes de fazer após dois mil anos dos ensinamentos de Jesus e, num esforço contínuo, diário, comecemos a poupar, o máximo possível, este abençoado instrumento de trabalho, nosso corpo, para que a jornada na Terra possa ser produtiva e longa.

Se você até hoje tem maltratado a "carroça" e o "cavalo" do seu corpo físico como um carroceiro imprevidente, mude o mais depressa possível, pois que, a cada despertar do sol no horizonte tingido com as mais belas cores pelos pincéis da natureza, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para todo aquele que deseja modificar-se para melhor.

E isso acontece por determinação da vontade do Ser Supremo Que nos criou para a glória e para a vitória sobre o mundo, mas, principalmente, sobre os próprios vícios e desequilíbrios, geradores da nossa infelicidade, entregando a cada alma o instrumento de trabalho denominado corpo físico que deve ser extremamente respeitado e bem utilizado na caminhada pelo mundo.

Pense nisso, amigo leitor, confiando que SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para que cada "carroceiro" bem intencionado possa modificar-se para melhor, enquanto ainda na posse do seu instrumento material, do seu mais valioso instrumento aqui na Terra que é o corpo, que nos permite recolher na escola do mundo os ensinamentos e vivências para o amadurecimento espiritual!

As plantas da calçada

Uma senhora, proprietária de uma firma de jardinagem, percorria as ruas da cidade, em seu exercício diário, ao mesmo tempo em que ia observando detalhes do seu ramo de negócio que a vida apresentava pelo caminho por onde passava.

Reparava ela que, entre as guias de concreto da sarjeta, por entre as pedras de "petit-pavê" que constituíam as calçadas, nas frestas entre o muro das residências e as pedras brutas do calçamento, brotavam, como se fizessem um enorme e alegre esforço para viverem, pequeninas plantinhas, mais comumente denominadas de mato sem maiores especificações, algumas delas, inclusive, apresentando delicadas e rústicas flores aos olhares mais atentos.

A senhora do ramo de jardinagem, chamando a atenção da amiga que com ela caminhava, comentou:

— Veja só que belo exemplo essas pequeninas plantas nos dão!

— Que plantas?! - Indagou a companheira que nem mesmo reparara nos detalhes do caminho percorrido.

— Essas esforçadas espécies que denominamos de mato de maneira genérica. Veja o esforço que devem fazer para viver entre as pedras da sarjeta e da calçada, inclusive aproveitando até mesmo as frestas entre os muros e a brutalidade do chão. Chegam mesmo a nos ofertar flores delicadas que, indiferentes, ignoramos. - Explicou, agachando-se para passar os dedos sobre as plantas como se desejasse encorajá-las pelo esforço de sobreviver em condições tão inóspitas.

A amiga meneou negativamente a cabeça, comentando:

— Juro que vi tantas vezes esse mato pelas calçadas e nunca parei para sequer reparar nele, quanto mais para pensar se fazem mais ou menos esforço por aí existirem...

— Mas é simples de reconhecer tal atitude dessas valentes lutadoras, minha amiga. Quantas vezes em nossas casas não possuímos um belo jardim onde plantas são tratadas com adubo, água suficiente e, mesmo assim, é difícil produzirem uma visão tão bela! Recebem, como se costuma dizer, sombra e água fresca e permanecem indolentes, soberbas em suas posições como se fossem poderosas rainhas intocáveis e sem compromisso com a vida.

— Não sei não, - replicou a companheira - mas, de tanto mexer com plantas, é capaz de acabar precisando tratar-se com um psiquiatra! Cada observação mais esquisita você está fazendo só de olhar para esses matos da calçada que, mais dia, menos dia, receberão veneno da prefeitura e conhecerão um fim...

— Mas, enquanto vivem, deixam-nos preciosas lições de vida. Os seres humanos também são semelhantes a elas, minha amiga!

A outra arregalou os olhos e comentou:

— Não acabei de falar que você vai acabar precisando de um tratamento psiquiátrico? Que é que tem o ser humano a ver com esse mato da calçada?!

— Ah! Se tivéssemos perante a vida a força, a determinação dessas pequeninas plantas que conseguem não só sobreviver, mas até florir em terreno tão adverso, seríamos grandes vencedores diante de Deus e diante de nós mesmos! Somos como as plantas dos jardins que desejam receber sombra e água fresca, minha amiga! Temos um corpo perfeito; um lar abençoado; uma profissão que nos proporciona ganho honesto do pão de cada dia; temos amigos, pais, irmãos, filhos, tudo, e quantas vezes não abrimos uma única flor de agradecimento por estarmos vivos e em condições tão favoráveis! Esses chamados "matinhos" do caminho nos dão formosa lição de vida! Irrompem por entre pedras agressivas; passam dias e meses sem uma gota de água, sem adubo, e ainda levantam-se do solo agreste para contemplar a vida que a Providência Divina lhes permite ter.

— Minha companheira, isso é uma lição de vida admirável!

— Pelo menos eu gostaria muito de ter essa força, essa determinação de viver, enfrentando os problemas que a vida nos proporciona por algum motivo, com a mesma garra, a mesma disposição dessas pequeninas plantas pelas quais passamos indiferentes, embora carregadas de lições em sua luta pela sobrevivência diária!

As lições de Deus estão, para o homem desprovido de orgulho, espalhadas pela natureza, como páginas de um livro aberto aos alunos interessados.

Das dificuldades da existência, seres dispostos à luta, ao bom combate, encontram forças, amparados pelo socorro do Alto que nunca falta àquele que realiza a sua parte, acabam fazendo a alavanca para o próprio crescimento.

Quantos pais não podem proporcionar aos filhos a oportunidade dos estudos, e esses, superando obstáculos que desconhecemos, acabam por concluir o objetivo desejado?

São como as plantas fortes que irrompem da aridez do chão bruto para florescer, glorificando a vida.

Terá sido fácil para Mahtama Ghandi conseguir a libertação do seu povo exatamente através da não violência?

Terá sido fácil a Albert Schweitzer optar pela localidade de Lambarené no continente africano, dedicando-se a tratar de leprosos?

O que nos revela a história do genial inventor Thomas Edison, sobre a invenção da lâmpada elétrica, se não uma sucessão muito grande de experiências até encontrar o caminho?

Francisco de Assis fez a opção mais fácil ao rejeitar as comodidades do mundo para abraçar a causa dos pobres de condições materiais e de amor?

Teresa de Ávila encontrou facilidades quando esmolava através das ricas propriedades pedindo recursos com os quais atendia aos necessitados?

Albert Sabin, o descobridor da vacina que leva o seu nome e que livrou milhões de crianças em todo o mundo de tomarem-se aleijadas pela paralisia infantil, teria chegado à confecção dessa arma terapêutica como num passe de mágica?

Fleming, que alcançou a elaboração da penicilina que tantas vidas salvou em uma época de escassos recursos, teria conseguido tal feito, divertindo-se?

O primeiro veículo mais pesado do que o ar e capaz de vencer a força de gravidade que teve o gênio de Santos Dumont como o seu criador, teria nascido como num passe de mágica?

Quando Huss enfrentou a fogueira da Inquisição, em defesa de seus princípios anunciadores da reforma religiosa, não teria enfrentado nenhuma dificuldade?

A mãe de família que tem que se virar para com o magro salário do marido prover as necessidades básicas do lar, estaria nessa missão divertindo-se?

Os favelados moradores em habitações precárias, muitos deles pagando com a própria vida pela condição em que residem, estariam eles em lutas amenas, em batalhas de divertimento?

Chico Xavier, que entregou de maneira total a sua existência, para poder ficar próximo dos desesperados pelas dores do mundo, não enfrentou os seus momentos de solidão e de lágrimas ocultas?

Madre Tereza de Calcutá, ao percorrer o mundo em busca dos mais esquecidos e injustiçados, teria escolhido uma vida fácil?

É, meu amigo, são as plantas que irrompem por entre as dificuldades da vida fazendo dos desafios, quanto mais graves forem, motivos de vitória.

Enquanto a maioria faz a opção por instalarem-se em jardins bem cuidados onde não faltam o adubo e a água fresca, alguns poucos imitam

os matos corriqueiros que irrompem pelas frestas das calçadas, nos vãos dos muros, nos mais agrestes locais para entoar o hino de glorificação à Vida, oferecendo flores pequeninas e delicadas àqueles que por elas passam indiferentes.

Onde você está instalado, prezado leitor? Em um vaso bastante cômodo, com adubo farto, com a água necessária, com a poda útil, cercado de cuidados pelo jardineiro da vida, ou você já fez a opção de ser a pequena planta corajosa e valente que irrompe através das dificuldades da existência enfeitando a paisagem da vida?

Como SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, nunca faltará a quem quer que seja a oportunidade de transferir-se do jardim sombroso e fartamente adubado para os vãos do chão esquecido, num mecanismo de fortalecimento para os embates que nos esperam pelos caminhos da longa jornada em busca da perfeição.

Se você não se transferir por si mesmo, o Jardineiro Divino tomará as providências necessárias ao seu crescimento como um ser útil ao próximo e, por consequência, útil a si mesmo.

Quando o desânimo lhe bater à porta da alma por pequenos problemas no seu jardim bem cuidado e florido, dirija-se até a calçada de sua casa e, contemplando as plantas valentes e floridas que por ali floresçam em condições adversas, adquira as forças de que esteja necessitando para florir também.

Aprender a agradecer

A moça debruçava-se sobre a cachorrinha sem vida, de nome Vitória e derramava profusas lágrimas que traduziam a dor pela perda da companheira querida. O animalzinho recebera esse nome, porque, quando tinha um mês de idade, foi atacada por uma cadela ciumenta que lhe mordeu a cabeça atingindo o cérebro, deixando Vitória parálitica por um mês, inclusive sem esperanças de recuperação. Mas o amor que recebeu durante esse tempo e as esperanças alimentadas sobre uma possível recuperação, transformaram-se em poderosa medicação, restaurando o animal à normalidade.

Sua mãe acompanhava de perto aquela demonstração de emoção profunda da filha pelo animal companheiro de tantos anos, afagando-lhe os cabelos longos, enquanto dizia:

— Meu amor! A vida é assim mesmo. Os animais como as plantas também possuem o seu ciclo evolutivo, terminado o qual, encontram o fim. É triste, mas é da lei biológica o desgaste material.

— A senhora acha que estou errada, mamãe, chorando assim pela perda da Vitória como se fosse alguém da família? Estou? - Disse a moça, olhando para a progenitora, enquanto as lágrimas continuavam a deslizar-lhe pela face.

— Não, minha filha. Para atingirmos a vivência do Amor em plenitude, não podemos passar insensíveis por determinados fatos tristes da vida. A insensibilidade como nos aprisiona em um espesso bloco de gelo impedindo-nos o crescimento dos sentimentos. São compreensíveis as suas lágrimas pela partida da nossa estimada companheira.

— Quantas lembranças, mamãe! E desde já, quantas saudades! Você se lembra de quando ela ia tomar o seu banho semanal na clínica veterinária e voltava perfumada, com um lindo lacinho no pescoço toda faceira e vinha mostrar-se para nós duas como se esperasse ser elogiada? Ou de como se aconchegava contra o meu peito, ressonando como um pequeno bebê que se entrega tranqüilo nos braços maternos? Como vou esquecer tudo isso?! - e continuava a chorar copiosamente.

— Minha filha. A morte de Vitória deve ensinar-nos uma coisa muito mais bonita e justa do que as lamentações que a dor da perda faz brotar em nossos corações. O ser humano parece que já nasce sabendo reclamar, mas não sabe agradecer. Precisamos e podemos aprender isso nesse momento em que perdemos nosso animalzinho de estimação!

— O termo "animal" parece não se encaixar no caso da nossa querida Vitória, porque o seu comportamento era mais condizente com a do ser humano do que as atitudes de muitos homens e mulheres que existem, desonrando a vida com os mais diversos tipos de crimes...

— Mais um motivo para agradecer, minha filha! Agradecer por todos esses momentos felizes que tivemos ao lado dela! Agradecer pelas suas atitudes faceiras; pelo seu ressonar no colo, como se fosse uma pequena criança; pela sua companhia fiel e desinteressada; por todas as lembranças agradáveis que vai nos deixar impressas na alma! O ser humano tem o hábito injusto de só contabilizar os prejuízos, esquecendo-se dos benefícios. Não podemos lamentar o que perdemos e deixar de agradecer pelo que tivemos, minha filha. E essa é uma boa ocasião para aprender isso. Todas as vezes que lembranças de nossa convivência com Vitória vierem à nossa mente, convidando-nos ao pranto, transformemo-lo em ocasiões para agradecer por tudo o que de bom ela nos deixou nos corações. Você verá que, dessa forma, ela continuará conosco por muitos e muitos anos. A amargura, a lamentação sem fim, acaba por destruir a lembrança como um mecanismo de defesa do próprio organismo, enquanto que, se aprendermos a agradecer a Deus todos os momentos felizes que tivemos junto à Vitória, ela se eternizará conosco. Procure pensar e proceder dessa forma e você verá que, a partir desse mesmo momento, tudo se transformará para melhor!

Sábias as palavras daquela mãe, não concorda comigo, leitor amigo? Uma das maiores ingratidões que cometemos constantemente contra a bondade Divina é a sustentação de uma reclamação crônica que nos obscurece a outra face da realidade: os momentos positivos que desfrutamos, na maioria das vezes, de forma imperceptível.

Lamentamos o desemprego, mas nos esquecemos de agradecer e de valorizar o trabalho, quando o possuímos.

Sequer observamos ou nos lembramos das mãos e das pernas perfeitas que nos servem durante toda uma existência, conferindo-nos autonomia e dignidade de viver. Entretanto, quando um pequeno corte nos atinge um dos dedos das mãos ou um calo nos incomoda o dedo do pé, desfiamos uma série de reclamações como se somente assim tivéssemos vivido até então.

Reclamamos do calçado que não está de acordo com o que dita a moda, mas não paramos para observar quantos pés descalços caminham sobre estradas de pedra da existência.

Implicamos com o único agasalho que está velho e surrado, mas não nos interessamos ver aqueles que dormem em sarjetas sem cobertura alguma.

Criticamos o alimento que nos servem à mesa por estar mal cozido ou muito salgado, sem repararmos aqueles que catam no lixo algo com que matar a fome.

Implicamos com a casa velha em que moramos, esquecendo-nos daqueles que estão recolhidos nos asilos ou nos orfanatos.

Quando chove uma quantidade que julgamos ser além da conta, reclamamos.

Quando está muito quente, reclamamos.

Quando faz muito frio, não gostamos.

Com esse tipo de conduta, acabamos por transitar pela vida toda, como um arauto das reclamações e como cegos diante de tantas bênçãos que recebemos sem sensibilizar-nos.

A conhecida história daquele homem que reclamava por ter somente bananas para comer enquanto jogava as cascas fora que, por sua vez, serviam de alimentação para uma outra pessoa que nem desse fruto dispunha, exemplifica muito bem a atitude do ser humano.

Sempre olhamos para frente quando se trata de detectar aquilo que não temos no sentido material da vida. Não nos preocupamos em olhar para a frente para analisar as virtudes que as outras pessoas já possuem, enquanto ficamos estacionados no mecanismo das conquistas morais.

Essa atitude de só olhar para aquele que está melhor no sentido material, nos transforma numa ingratidão ambulante e em pessoas amargas que destilam o pessimismo e a ingratidão para com as bênçãos de Deus.

E preciso, urgentemente, aprendermos a agradecer quando a falta do que não temos nos convidar ao desânimo e ao pessimismo.

Por quanto tempo tivemos aquilo que, daquele momento para frente,, deixamos de possuir? Ou ainda, quantas pessoas não possuem sequer do que dispomos?

Esse tipo de contabilidade esquecemo-nos de fazer, deixando com que os momentos felizes passem despercebidos pela nossa pessoa, e os fatos tristes nos inundem de lamentações que não modificarão o tempo e às conseqüências passadas, além do perigo de estragar o momento presente.

Como SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque as oportunidades se renovam de maneira incansável no calendário Divino, troquemos o verbo reclamar pela prece constante do agradecimento a Deus que nos abrirá a visão para tudo de belo que nos rodeia em cada dia que nasce, permitindo-nos o aprendizado na escola da Terra!

Os dois jardins

A senhora dera uma pausa nos serviços domésticos e sentara-se no degrau da porta de entrada da residência que se abria para um pequeno, mas bem cuidado e florido jardim.

Em frente da sua casa, erguia-se uma mansão luxuosa adornada na frente por plantas das mais variadas espécies, o que embevecia aquela senhora sem despertar nela sentimento de inveja. As flores naquele local também se abriam, atraindo os animais que eram despertados pelos aromas característicos.

Reparou a mulher que abelhas trabalhadoras voavam pelas suas plantas floridas, mergulhando deliciosamente em direção das flores, assim como um bem-te-vi bailarino que dançava por entre elas.

Perdida em pensamentos diante daquela paisagem que lhe tocava a alma com sensibilidade, passou a acompanhar com o olhar o trajeto que os insetos e a ave faziam no seu trabalho conferido pela natureza.

As abelhas como o pássaro bailarino freqüentavam de maneira sucessiva as flores de sua casa e depois dirigiam-se à mansão altiva sem nenhum constrangimento, de lá voltando novamente perante a sua visão atenta no comportamento deles, tomando a mergulhar nas flores do seu singelo jardim.

Começou a pensar consigo mesma aquela mulher:

— Como a ausência do orgulho torna a harmonia do ambiente mais concreta! As abelhas e o bem-te-vi tanto passeiam pelo jardim da minha casa pobre, como freqüentam as flores da casa rica em frente! Se os homens fossem desprovidos de preconceitos como esses pequenos animais, o mundo conheceria uma maior calma. Não se preocupam as trabalhadeiras abelhas com a riqueza da residência em frente ou com os seus moradores, apenas fixando-se naquilo que de bom as flores têm a lhe oferecer, colhendo o benefício e continuando a trabalhar. O lindo beija-flor também indiferente ao tamanho e ao poder financeiro das duas habitações, apenas recolhe de cada uma o néctar a ele oferecido. Sobrevoam os obstáculos materiais apenas preocupados em colher o açúcar que as flores oferecem, indiferentes a todas as outras condições que nada têm a ver com o seu trabalho na natureza. Tantos crimes, tantas maldades, tantas guerras não seriam evitadas se realmente buscássemos a essência do bem para produzir o melhor, assim como procuram o néctar as abelhas e o beija-flor indiferentes ao poder econômico dos moradores das residências onde as flores desabrocham?

Deslumbrada com a lição que os insetos e o pássaro ofereciam a quem tivesse a atenção necessária, a feliz mulher recordou-se da figura meiga de Jesus que, sendo judeu de nascimento, não titubeou em "voar" em direção a todos os necessitados da vida, fossem eles de sua raça ou não.

Existiu e ainda talvez viva entre nós em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, um padre que atingira tal sublimação no ato de amar o seu semelhante, que ele praticamente se despojava de todos os poucos bens materiais do seu uso diário, para dá-los aos mais necessitados.

Tendo adoecido em uma determinada ocasião, foi visitado por um grupo de senhoras da sua igreja que ficaram penalizadas com a pobreza em que o religioso morava, não tendo sequer lençol para a sua cama e muito menos cobertor para aquela época de inverno.

Encontraram-no vergado sobre si mesmo, no leito, sem proteção, a tremer de frio.

Condoídas com a situação do padre, além de remédios necessários, providenciaram-lhe jogos de lençol de cama, cobertor, fronha e tudo o mais de que aquele pequeno quarto e o seu desprendido morador necessitavam.

O tempo passou e novamente o religioso adoeceu, provocando o retorno das preocupadas senhoras ao seu humilde quarto.

Outra vez o encontraram sem nenhum agasalho, febril e a tremer de frio, dobrado sobre o próprio corpo, na tentativa de aquecer-se naquele novo inverno.

As mulheres espantadas perguntaram-lhe onde havia posto os artigos providenciados por elas para que ele não mais padecesse daquela forma, durante os meses de frio, quando foram informadas por ele, humildemente que os havia dado a pessoas que necessitavam mais do que ele mesmo. Esse padre conseguiu transpor, a exemplo das abelhas e do beija-flor, as barreiras que o levassem a se preocupar primeiro com ele mesmo, buscando apenas os mais necessitados do que ele, fossem de sua religião ou não.

Essas são almas de grande luminosidade que, independente da religião que professam, encontram o prazer maior e as forças necessárias para vivenciar o verdadeiro Amor, servindo em nome dele ao seu próximo.

Assemelham-se às abelhas da história e ao bem-te-vi que, indiferentes às casas onde as flores se faziam presentes, apenas buscavam o néctar que lhe proporcionavam a vida.

A humanidade sempre conheceu operosas "abelhas humanas" e dedicados "bem-te-vis" do Criador que, desvinculados dos laços religiosos pelos quais transitaram pelo mundo, serviram ao mundo, com o sacrifício da própria pessoa. Conseguiram realizar o vôo de um coração sofredor para outro como se todos fossem um imenso jardim necessitado do adubo do amor.

Pairam acima dos preconceitos religiosos. Servem porque encontraram no trabalho a união com Deus e consigo mesmo. Relembramos da figura ímpar de Francisco de Assis que, de tanto amor que possuía, criava condições para que, de alguma forma, fosse percebido não somente pelo ser humano de quem se aproximava, mas também dos animais a quem chamava de irmãos.

Encontramos uma Tereza D'Ávila que se humilhava para servir de maneira tão intensa, que não vacilava em percorrer as propriedades dos poderosos de sua época em busca de algo em favor dos menos favorecidos ao alcance da sua bondade.

Mahatma Gandhi, entregando-se por amor ao seu povo de maneira tão desinteressada, foi capaz de libertar o povo indiano da escravidão inglesa sem utilizar-se de nenhuma arma.

Albert Schweitzer, evangélico, médico, entregou-se a cuidar de leprosos no continente africano na cidade de Lambarené.

Essas figuras que nos lecionaram como amar incondicionalmente, lembram-nos as abelhas e o pássaro que buscavam a parte útil das flores, sem se preocuparem em que tipo de lar elas floresciam. Esses autênticos missionários do amor souberam buscar os sofredores, indiferentes de onde se encontrassem eles: na própria cidade ou longe dela; na própria família consanguínea ou na Humanidade; em seu próprio país ou onde quer que a dor se fizesse presente. Como que "voavam" em busca dos necessitados que conseguiram atraí-los através do "perfume" da dor.

Irmã Dulce, no Estado da Bahia, vestindo com honra o hábito de uma congregação católica, passou a vida, pedindo aos poderosos do século XX em nome de suas pequenas crianças, conseguindo prodígios para eles e em nome deles.

Madre Teresa de Calcutá, que se lançou ao mundo, abraçando os esquecidos em nome do amor, muito acima de qualquer preconceito religioso, servindo por toda uma vida.

Encontramos Francisco Cândido Xavier, que através da religião espírita, acrescentou grande soma de esperança e de amor ao próximo na história da humanidade ainda tão egoísta.

São almas grandiosas, que já vivem a fase do amor que conjuga o verbo fazer e não mais os verbos ter ou ser.

Essa é minha esposa, minha noiva, minha namorada; esses são os meus filhos; essa é a minha mãe; esses são os meus irmãos. Ao nos expressarmos assim, revelamos estagiar na fase do amor (ou seria paixão?) possessivo muito pouco diferente do sentimento da paixão. Quando aprendemos, verdadeiramente, a amar, alcançamos a fase do amor que liberta, que serve, que renuncia, que nada exige.

É impossível amar ou perdoar como Jesus nos ensinou, levantando restrições, barreiras, preconceitos de qualquer natureza!

Se hoje o mundo enfrenta as guerras que desonram a humanidade; se hoje crimes lamentáveis são perpetrados por seres humanos que, nessa hora, se colocam abaixo da escala do animal irracional; se a impunidade debocha da justiça; se a corrupção campeia solta sem temor, é porque ainda o mundo não conhece, em sua grande maioria, o amor verdadeiro. Conhece e confunde paixão com amor. Não sabemos apreciar a beleza

dos jardins floridos sem importar-nos com as pessoas que moram naquele lugar.

Chegamos a ponto de odiar ao próximo em nome das religiões!

Quando foi que Jesus nos ensinou que deveríamos nos ferir em nome do Pai, Criador de todos?

Em que momento o Cristo orientou que aquele que não cresse no Deus único devesse ser hostilizado?

No entanto, lamentavelmente, tantas agressões verbais e físicas em nome de Deus!

Graças a essas figuras luminosas que tiveram a grandiosidade de servir sem questionar a quem, "que souberam cruzar de um jardim para o outro" em busca do néctar do serviço, sem atritar-se em nome de religiões, não tendo tempo para as intrigas comuns da existência, é que SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA em um mundo melhor, onde o código penal da sociedade atual será trocado definitivamente por uma só Lei que determina amar o próximo como a nós mesmos!

Souberam visitar os corações necessitados e socorrê-los sem que nenhuma barreira se interpusesse entre o necessitado e eles, imitando as abelhas e o beija-flor que voando sobre os muros das residências, indiferentes com a posição social ou financeira dos seus proprietários, realizavam o trabalho para o qual foram postas por Deus sobre a face da Terra.

Está disposto, prezado leitor, a iniciar vôos semelhantes no trabalho de amor para o qual cada um de nós foi colocado junto àquele a quem, de alguma maneira, podemos servir?

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, enquanto um único beija-flor de boa vontade, indiferente às condições que o orgulho ou a vaidade possam levantar, voar embalado pela força do amor em direção daquele que necessita ser amado...

^F SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, enquanto uma única abelha da colmeia humana encetar vôo solitário em direção ao serviço para um mundo melhor...

Dando oportunidade

Naquela casa de classe média, a filha conseguiu do pai os recursos financeiros para remodelar as plantas do jardim, um tanto quanto antigas.

Contratado o serviço de jardinagem, começou a derrubada de árvores altas e frondosas para que novos exemplares ocupassem os seus lugares.

Numa daquelas, existia um ninho e foram lançados ao solo os pequenos e dependentes filhotes que, sem o abrigo, estariam condenados à morte.

O pai, imediatamente interrompeu a remoção da planta onde se localizava o ninho, solicitando que os pequeninos pássaros fossem nele recolocados, recomendando que fossem cuidadas as demais partes do jardim a ser remodelado, poupando da reforma aquela árvore.

A filha, ao ver o trabalho interrompido naquele local, iniciou a reclamação junto ao progenitor:

— Mas o que é isso, papai? Por que interromper o trabalho, apenas por causa de um ninho com dois filhotes?! Dessa maneira o senhor atrapalha a visão do conjunto. Como ter idéia do jardim todo, se essa planta velha ficará intrometendo-se entre as demais?

— Calma, minha filha! Enquanto outros serviços são realizados nas demais partes do jardim de nossa casa, deixemos o ninho com os filhotes onde está, permitindo, dessa maneira, que os seus pais os alimentem até que ganhem condições de voarem e sobreviverem por si mesmos!

— E para que todo esse cuidado, meu pai? Que tempo mais viverão esses animais até que alguma pedra arremessada por um estilingue os atinja, matando-os?

— Esse, minha filha, já não é um problema nosso e não podemos resolver. A vida nunca seria melhorada se nos detivéssemos a contemplar as atitudes negativas. A parte, entretanto que nos cabe fazer para que continuem a viver, devemos realizar, dando-lhes oportunidade para que sobrevivam à poda dessa árvore específica.

— Continuo a não entender a sua atitude e acho até que o senhor está exagerando.

— Minha filha, não procede Deus assim conosco a cada dia que acordamos do sono da noite em nosso corpo?

Não nos proporciona a Providência Divina, todos os dias, a presença do sol e das estrelas?

Não nos fornece a Natureza a chuva que fecunda o campo que nos dá a colheita necessária às necessidades do corpo?

Não recebemos, quando estamos no mundo, pais que velam por nós, orientando-nos pela existência afora?

Não temos a bênção de um lar?

A medicina dos homens não nos socorre em nossas necessidades pela saúde?

Não nasce a flor no jardim de nossa casa, embelezando o ambiente sem nada cobrar?

O trabalho digno e honrado não nos permite ganhar o pão de cada dia?

Nosso corpo físico não é uma máquina perfeita que permite relacionarmo-nos com a vida de maneira construtiva?

Não recebemos o beijo da pessoa amada, o abraço do amigo desinteressado, o bom-dia da empregada que nos serve o lar?

Não temos a companhia de animais domésticos que conosco permanecem por mais difícil seja a situação?

Contemplamos a beleza da existência com a luz dos olhos!

Exprimimo-nos através de palavras que encurtam distâncias enormes através da evolução da tecnologia.

Temos a oportunidade de ouvir a palavra amiga e o consolo necessário.

Mãos, que nos servem, minuto a minuto, como instrumentos de rara perfeição.

Pernas, que nos permitem caminhar para o trabalho e para o encontro da pessoa amada.

Se recebemos do Criador tantos recursos, por que haveremos de ser os mais egoístas na obra da criação, minha filha?!

Minha filha, se nosso Pai permite que fiquemos na árvore do corpo físico até amadurecermos para realizar nosso vôo até Ele, o que custa manter a planta que acolhe o frágil ninho que ampara o pequeno pássaro?

— Mas, papai! - exclamou a filha que parecia não querer entender - somos seres humanos! Aquele filhote é apenas um filhote de um simples pássaro!

— Sim. Somos seres humanos racionais, embora tantas vezes assim não pareçamos ser. Se pudesse consultar os pequeninos seres do ninho colocado entre os galhos da árvore de nossa casa, ouviria deles que não desejam morrer assim como nós, os homens, minha filha. Gostaria você que alguém cortasse a árvore da sua existência física com essa soma enorme de recursos nela colocada pela Providência Divina, roubando-lhe a oportunidade abençoada de viver? Somos acentuadamente endividados perante as bênçãos inesgotáveis da Providência e deveríamos nos envergonhar de nos negarmos quando temos a oportunidade de servir. Por isso tudo, pouparemos a planta onde se recolhem seres que ainda dela necessitam para sobreviver e para iniciar a sua marcha perante a vida. Custa muito pouco para quem deve tanto ao Criador! ,,

A moça calou-se em suas reclamações e ficou remoendo em sua pouca idade as ponderações do pai que aproveitava de um pequeno episódio para discorrer sobre assunto tão profundo e corriqueiro em nossos dias e que, infelizmente, passam despercebidos.

Caro leitor, gostaria de fazer-lhe uma proposta: um dia em que você dispuser de tempo e a tranquilidade necessária, faça uma pausa na sua correria em busca de resolver os problemas materiais e procure analisar como você estaria, se tivesse passado para o outro lado da existência. Esse exercício é extremamente necessário porque é a realidade inevitável para todos nós.

A semelhança de quem tivesse que realizar uma viagem inadiável e estudasse o melhor caminho a ser percorrido, o melhor horário para fazer o percurso, os pontos de referência que vão orientá-lo no novo local, onde se hospedar etc.

Fazendo esse tipo de programação, teremos mais facilidades de nos darmos bem na cidade para a qual iremos nos dirigir.

Muitas pessoas, porém, preferem o improvisado, as surpresas de uma viagem não programada porque, segundo alegam, as emoções são mais fortes.

Ocorre que a viagem de retomo para o mundo dos Espíritos não admite a volta imediata caso de lá não gostemos. Além de que temos que realizar uma prestação de contas como arrendatários da existência no corpo material que ficou. Por isso, orienta-nos o bom-senso que devemos, no dia-a-dia, ir programando nosso material de viagem, programando a "mala" com a qual iremos adentrar e na qual teremos que levar a bagagem boa ou ruim que conseguimos arrebanhar ou nos desfazer. Se essa é uma realidade da vida, amigo e amiga leitor ou leitora, é um ato de inteligência deixarmos tudo certo, para nos darmos bem em nosso retomo.

Conta uma das histórias de Francisco de Assis, essa alma iluminada que passou pela Terra como um dos maiores professores do Amor, que o frade estava cuidando do jardim do local onde morava. Um dos companheiros de ordem religiosa aproximou-se, indagando a Francisco o que ele faria se soubesse que iria desencarnar naquele dia. Ele, tranquilamente, sem mesmo tirar os olhos das plantas a quem cuidava com muito carinho, respondeu que nada faria e que continuaria a cuidar do jardim.

E evidente que estamos a uma distância incalculável dessa fortaleza moral de Francisco de Assis, e é exatamente por isso que as oportunidades se refazem em cada dia que renasce, como o pai procurou explicar à filha que não desejava poupar o ninho no jardim de sua residência. Hoje aprendemos a poupar um ninho, amanhã saberemos respeitar uma casa. Se hoje nos damos o direito de destruir aquilo que não nos significa nada, quem nos garante que amanhã o lar alheio signifique algo para a nossa concepção embasada no egoísmo?

Queiramos ou não, trabalhar no bem redundará no bem a nós mesmos. Deus faz a Sua parte, proporcionando-nos renovadas ocasiões de trabalho através de pequeninos serviços que podemos executar na harmonia da vida.

Uma só nota musical errada compromete toda uma sinfonia o que demonstra que os pequenos exercícios para que o bem triunfe sempre serão

de considerável importância.

Estamos, prezados amigos e amigas que nos dão a gentileza da leitura, compondo, a cada atitude realizada, a cada escolha que fazemos, em cada pensamento que alimentamos, a melodia particular da nossa atual estadia aqui na Terra.

Ao voltarmos, ela será executada para que possamos ouvi-la com os ouvidos da consciência, maestrina extremamente exigente.

Em cada nota de sombra, ela nos exigirá a gota de luz.

Em cada acorde de dor imposto ao semelhante, ela cobrará as notas de amor ao próximo.

Somente entraremos na posse do céu interior quando pudermos ouvir a nossa composição em paz de consciência.

Como a escola do planeta é um conservatório dedicado aos alunos que aprendem a música do Amor Universal que o Cristo ensinou e viveu, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA.

Até mesmo o ato de poupar um ninho esquecido e ignorado entre os galhos de uma árvore, é um gesto de amor que compõe a sinfonia da perfeição.

Acrescente essa nota em sua composição para que a melodia da sua existência seja uma canção de paz a suavizar-lhe a consciência.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque podemos contar na árvore da Providência Divina com um ninho de amor infinito que nos ampara hoje e sempre, até estarmos preparados através das asas da moral e da inteligência para realizar o voo em direção à paz e à felicidade sem limites para os quais fomos criados.

Como morrer bem

Se há um ponto que não conhece discussão sobre a face da Terra é o de que ninguém fica para semente, ou seja, todos nós, mais dia, menos dia, conheceremos a despedida da vida material.

Em sendo assim, é melhor olharmos de frente para essa realidade, por mais que nos incomode, do que esperar que ela chegue e nos apanhe despreparados.

Iniciaremos por uma história hilariante, contada pelo brilhante orador Divaldo Pereira Franco:

Antigamente, a morte costumava enviar um aviso prévio para a pessoa a quem ela iria buscar. Caso o avisado não lesse a mensagem, ele receberia uma moratória, um adiamento de dez anos para permanecer neste mundo.

Aconteceu que um jovem rapaz, casado há poucos dias, recebeu em sua casa um telegrama comunicando-lhe que a morte viria buscá-lo em um determinado dia daquela semana. Entrou em desespero, como era de esperar. Afinal de contas, estava recém-casado, tinha muitos sonhos de várias realizações junto à pessoa amada. Espertamente, combinou com a esposa fechar o telegrama como se não o tivesse aberto e esconder-se de alguma maneira. A morte, segundo ele pensava, não o encontrando e o telegrama não tendo sido aberto, dar-lhe-ia dez anos a mais de vida entre os homens. (Não sei se esses anos a mais seriam a solução já que dez anos se vão como a fumaça que se esquiva fugitiva, mas, na ausência de outra alternativa...)

Assim pensou e combinou com a esposa que aprovou a decisão. Escondendo-se em uma casa da cidade em que estava sendo realizada, naquela noite, uma festa com grandes comemorações, o rapaz rapou a cabeça, arrumou uma fantasia e lançou-se na folia, tudo fazendo para despistar aquela que viria separá-lo da mulher amada.

A morte, minutos antes do instante marcado e que constava no telegrama, bateu à porta da residência do futuro defunto, tendo sido atendida pela esposa apreensiva que não tardou a justificar que o marido havia viajado porque não lera o telegrama enviado.

A ceifadora de vidas, decepcionada por não poder cumprir com a sua missão, pediu que a jovem senhora anotasse que dali a dez anos voltaria para buscar o rapaz.

Despediu-se a morte entristecida e começou a andar pela cidade, quando foi atraída pelo ruído que provinha da residência em festa, na qual o jovem havia se escondido de cabeça rapada e portando uma fantasia, para despistá-la.

A ceifadora de existências encostou-se no peitoril da janela a suspirar de frustração pela vítima que havia lhe escapado, quando foi atendida pelo dono da residência que a convidou a entrar, inclusive perguntando-lhe a razão de tamanha tristeza.

A morte, diante de tanta gentileza, explicou ao dono da casa que não havia encontrado um rapaz que ela viera buscar naquela cidade. Entretanto, continuou a esclarecer ao dono da residência onde os convidados se divertiam no salão, para que não voltasse de mãos vazias, ela, a morte, havia escolhido, entre aqueles que se esbaldavam na festa, uma outra pessoa.

Quando o dono do lugar, espantado, perguntou-lhe a quem escolhera, a morte apontou os seus longos dedos em direção a um jovem, respondendo: vou levar aquele moço careca ali.

Era o próprio! Sem querer, a morte havia encontrado o encomendado, mesmo dentro de todo o disfarce elaborado. Ela, além de não voltar de mãos vazias, retornaria exatamente com o jovem que fingira não ter recebido o telegrama!

Meu amigo e minha amiga, essa história engraçada representa aquilo que o ditado popular afirma: quando chega a hora, não tem jeito.

Se não tem jeito, diz o bom-senso que é muito melhor preparar-se do que fingir que essa realidade não existe.

Em uma revista de projeção nacional, num interessante artigo, a escritora, referindo-se à fatalidade da morte, assim se expressa: "A rainha da nossa perplexidade, que toma o presente tão importante, o amor tão urgente, a bondade tão necessária - ela, a majestade morte, deveria nos tomar muito melhores do que somos".

Sábias palavras! Só que, em um determinado trecho da reportagem, a escritora afirma que ninguém sabe nos dizer o que é estar preparado para morrer. Porém, a própria escritora afirma logo mais adiante por si mesma, que, só com a vida bem vivida, com decência, coragem e doçura, prepara-se alguém, ainda que sem muita habilidade, para isso que chamamos morte.

Ela mesma, a escritora, encontrou a solução para nos prepararmos adequadamente para esse instante fatal de todo o ser vivo sob o ponto de vista material.

A solução, a única diga-se de passagem, é a de bem viver, para bem morrer. Quando se fala em bem viver, não se está a pregar uma vida de miséria material, de sofrimentos que flagelem ininterruptamente o homem ou a mulher.

Bem viver é procurar, por todos os meios, não fugir ao ensinamento do Cristo de fazer ao outro o que gostaríamos nos fizesse ele. Dessa maneira, não é possível errarmos em nosso preparo para a morte.

Não miséria material pelo desprezo aos bens materiais em atitude de autoflagelação, mas riqueza de sensibilidade para com o sofrimento alheio que podemos aliviar.

Não isolamento do mundo, em busca de uma santificação distante do trabalho para o bem comum, mas, exatamente, a aproximação junto aos problemas da existência, resolvendo-os para o bem de toda a humanidade.

Não o egoísmo, que encerra em concha particular, a pessoa dentro dos estreitos laços familiares, mas abertura para todas as oportunidades em que possamos ser úteis, sem segundas intenções.

Bem viver para bem morrer não é se empobrecer de bens materiais, enriquecendo-se de orgulho e de vaidade, mas empobrecer-se do sentimento de posse dos valores do mundo, entendendo de maneira definitiva que, no mundo dos Espíritos, não existe cartório de registro de imóveis que nos permita transferir os bens avidamente arrebanhados. Porque, se existisse, esse estabelecimento teria que trabalhar 24 horas todos os dias...

Bem viver para bem morrer pode ser compreendido se lembrarmos a figura do samaritano da parábola do Cristo, o que significa servir sem olhar a quem, nem quando, sem pedir contas ou impor condições.

Só vive bem para bem morrer aquele que consegue vivenciar o amor que liberta e se doa em favor de todos aqueles que ainda interpretam o amor no sentido de posse, de possuir, de deter, de amontoar para deixar para os herdeiros.

Bem viver para bem morrer, é colocar o coração em local e em condições, que os ladrões não tenham acesso aos valores preciosos que nele juntarmos e nem a traça consiga alcançá-lo para corroer-lhe os valores duramente conquistados.

Enfim, meu amigo e minha amiga, a consciência de cada um possui o roteiro seguro que nos conduzirá, se deixarmos, ao bem viver para o bem morrer.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para alcançarmos tal objetivo, porque cada dia é uma coleção repetida de oportunidades de trabalho de enriquecimento interior, permitindo-nos bem viver para bem morrer, sem a necessidade de tentar, em vão, qualquer espécie de subterfúgio para enganar a morte, a representante da Justiça de Deus que dá a cada um segundo as suas obras.

Para todo aquele que põe em prática o bem viver para bem poder partir deste mundo de aparências, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, já que contemplaremos a morte como aquela que nos leva o uniforme que usamos na escola da Terra, enquanto prosseguiremos em outras dimensões da vida, vivos como estaremos eternamente.

Onde está a tentação?

"Não nos deixes cair em tentação...", ensinava-nos Jesus em oração dirigida ao Criador.

Durante muitos séculos, julgou-se, erradamente, que a tentação estava fora do ser humano nas circunstâncias que o envolviam. Você já parou para pensar onde está a tentação?

Vamos a uma história aproveitada na sua idéia principal, relatada por Humberto de Campos.

Havia uma árvore muito frondosa e produtiva que ofertava sombra e frutos a todos os viajores do caminho. Não havia nenhum fator de agressão externo que a impedisse de cumprir esse objetivo: serviço no campo produtivo da vida.

A longa estiagem, as tempestades, os ventos violentos, os raios e relâmpagos assustadores, os maus-tratos do homem ingrato, não a desestimulavam em sua tarefa.

Havia sempre a sombra e os frutos nas estações determinadas pelas leis da natureza à disposição de quem precisasse.

Um dia, porém, um microorganismo invadiu-lhe as fortes raízes que a fixavam ao solo e lhe proporcionavam retirar do seio da terra o sustento para a manutenção da vida.

A árvore, antes sempre forte e saudável, começou a enfraquecer-se e a desanimar em seu benéfico serviço.

Dobrava-se com grande facilidade, sob o açoite dos fortes ventos que acabavam por quebrar-lhe um ou outro galho.

As folhas amareladas caíam, espontaneamente, ao solo ao sopro da mais leve brisa.

Os frutos foram escasseando, juntamente com a agradável sombra até que, da árvore forte e produtiva, não restasse nada mais do que um esqueleto vegetal.

Fora vencida pelo inimigo interno, invisível aos olhos daqueles que dela se beneficiavam, mas com grande poder de destruição, já que oculto no seu interior.

Da mesma maneira, enquanto não atingirmos a perfeição, funciona a tentação qual vírus perigoso para o ser moral, instalada no interior de cada um. Ele não vem de fora para dentro. Ele já está em nosso íntimo. Enquanto o nosso interior não estabelecer sintonia com as coisas exteriores, nada se constituirá em motivo de tentação para o ser humano, a exemplo da árvore da história que enfrentava todos os fatores agressivos exteriores sem se abalar, continuando a servir. Evidentemente, o contrário também é uma realidade. Se no nosso interior existir um desequilíbrio que nos coloque em sintonia com os prazeres da vida material, estaremos sendo contaminados, como a árvore da história e poderemos tombar ao sabor das tentações. Aliás, mais adiante, falaremos desse perigo interno que nos "infecta" a alma, principalmente em relação àqueles que se dispõem a executar algum trabalho na seara espírita.

Enfrentamos diversas provações na trajetória aqui na Terra. Manifestam-se por dificuldade financeira, por moléstia do corpo físico, por contratemplos no serviço, por dissabores junto aos filhos, por desarmonia no lar etc. Quando somos tocados no ponto fraco, que é exatamente aquele desequilíbrio vivido em vidas anteriores e que ainda não foi eliminado, somos atraídos de maneira violenta, irresistível muitas vezes, acabando por sintonizar, caso não haja forças necessárias, com aquilo que nos chama de maneira intensa em nossa volta. E por isso que muitos companheiros, dentro da própria Doutrina, que se desenham como árvores robustas dentro do movimento espírita, de repente, tombam como a árvore contaminada pelo vírus que a destruiu. No caso em questão, o vírus da vaidade, do orgulho, da luxúria, do poder, que encerra precocemente tarefas promissoras dentro do Espiritismo. Esse é o momento do nosso passo evolutivo, se estivermos dispostos a guerrear com nós mesmos em nossas tendências interiores.

Entendendo assim, podemos dizer que o indivíduo se toma alcoólatra não porque existe a bebida, mas porque dentro dele existe a sintonia, ainda não eliminada, com o álcool. Encontrada a provação, superamos, se nos dispormos a lutar contra, ou sucumbimos novamente, entregando-nos ao vício.

Da mesma forma, o adultério não é praticado porque existe a mulher formosa ou o homem galante, mas porque as experiências de um passado, ainda não sanado, vêm à tona diante do ser bonito e atraente, convidando para que a prática de vidas anteriores, ainda arraigada em nosso íntimo, dê vazão aos instintos ainda não controlados.

A pessoa é tentada pelo cigarro porque o registro de outras vidas na memória do Espírito imortal, ao sentir o odor do cigarro sendo "saboreado" por outro fumante, desperta em nós o hábito arquivado - e ainda não debelado - pelo fumo.

Entregam-se os jovens ao tóxico porque, no interior deles, fragilidades não resolvidas de pretéritas existências, renovam as falsas esperanças de resolver os problemas da vida atual com anestésicos que lhes comprometem a parte física e moral.

Como já ensinaram: se você prender um cavalo, deixando-o passar fome durante alguns dias e depois o soltar, colocando em sua frente uma porção de uma deliciosa alfafa e um punhado de dólares, o animal correrá, sem vacilar, para o alimento e jamais para o dinheiro que não lhe diz nada. Não existe sintonia no interior do animal para com os valores financeiros, mas sim, para com o alimento.

O mesmo exemplo podemos adaptar ao ser humano. Quando somos "soltos" em uma nova reencarnação perante os valores da vida, corremos para aqueles com os quais nos afinamos no passado e que ainda estabelecem em nosso íntimo poderosa sintonia.

Vai aí um alerta para os médiuns e trabalhadores espíritas bem-intencionados. Os Espíritos inferiores sondam, de maneira incansável o nosso íntimo, as nossas dificuldades ainda não vencidas, os pontos de sintonia negativa que ainda não eliminamos, para exatamente colocar, diante de nossas tendências désquilibrantes, as ocasiões que nos renovem a oportunidade de errar. E, infelizmente, quando localizam com acerto nosso "calcanhar de Aquiles", acabam por derrotar os Espíritos mais frágeis.

Não sei se você, prezado leitor ou leitora, concorda comigo após essas breves linhas, mas ao solicitarmos a Deus que não nos deixe cair em tentação, não nos esqueçamos de que temos uma parte maior de trabalho a realizar para que isso não ocorra. Temos a guerra mais difícil de ser vencida que é aquela em que temos que vencer a nós mesmos, eliminando as sintonias negativas que ainda carregamos no íntimo, como herdeiros de nós mesmos.

Mas, felizmente, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque as oportunidades serão renovadas tantas vezes quantas se fizerem necessárias, como se fôssemos alunos repetentes das lições nas quais temos dificuldade maior, dando-nos o Senhor da Vida repetidas oportunidades de estudar mais, de nos fortificar mais, e até de sermos aprovados diante das dificuldades que irão nos promover para mundos melhores.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque Jesus nos deixou uma vacina contra cada "vírus" que os prazeres da existência possam nos oferecer, através do seu Evangelho de amor.

E necessário apenas a dose suficiente de boa-vontade, para tomar a medicação por ele indicada.

Vaccine-se, o mais depressa possível, passando à leitura e à prática dos ensinamentos contidos no *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

A cebola

A senhora preparava com carinho o almoço da família, quando a vizinha da casa ao lado foi visitá-la para ter com ela "um dedo de prosa".

Conversa vai, conversa vem, o assunto percorreu os problemas com os filhos, a situação financeira difícil do mundo, as enfermidades graves, a corrupção na política, a impunidade, até que chegou a uma conversa mais transcendental.

Perguntou a visitante:

— Para onde será que a gente vai depois da morte, após agüentar tudo isso que acabamos de comentar nesse mundo, minha amiga? Essa tal idéia de céu e inferno, para mim, é muito confusa porque representa um salto muito grande entre a realidade que vivemos durante anos e a realidade que essas duas alternativas apresentam. Ou um céu dourado, perfeito, ou um inferno sem compaixão, a maior das torturas que não se encaixa com a bondade de Deus! Não é possível, deve haver um meio termo entre esses dois extremos de vida!

— Você observou bem, minha amiga. - respondeu. com tranqüilidade e convicção a outra. - Em primeiro lugar, temos que considerar o absurdo da existência do inferno, tal qual é descrito pelas religiões. Não discuto a crença de ninguém porque o ser humano é livre para crer no que quiser e como bem entender. Mas, consideremos que Deus seria Esse Que nos ensinou através de Jesus a perdoar e a amar sempre e, depois, Ele mesmo se contradiz e anuncia a existência de um inferno eterno onde são lançados os Seus filhos! Quando Pedro ouviu Jesus falar sobre a necessidade do perdão, pergunta-lhe quantas vezes deveríamos perdoar uma ofensa, se sete vezes já que naquela época o normal era perdoar três vezes. O Mestre amplia o horizonte do perdão, afirmando que não sete, mas setenta vezes sete vezes, ou seja devemos perdoar sempre! Como ficaria o Criador, caso o inferno existisse e para o qual Ele destinasse os Seus filhos, por não perdoá-los?! Seria aquele ditado: faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço, não é mesmo? A razão nos oferece uma explicação muito mais compatível com a perfeição absoluta do Criador. Por isso, observemos na Natureza, que para mim, é a cartilha de Deus, como as coisas seguem uma seqüência impressionante. Por exemplo: o botão da rosa se forma dentro dos dias de que necessita e se abre também seguindo um prazo; a espiga de milho não nasce já granada, mas vai se formando através do tempo necessário; o fruto não antecede a flor e nem esta, o ramo que a sustenta. E assim, companheira, temos inúmeros exemplos de que tudo segue uma seqüência inteligentemente planejada. Ora, se isso ocorre no reino dos vegetais, por que conosco, que pertencemos a um reino mais evoluído, ocorreria o salto na seqüência das coisas, sabendo, como sabemos, que a pressa é inimiga da perfeição e que Deus é perfeito em tudo que faz?

— Nossa! Como você hoje está filosofando profundo! Está estudando em que livro?!

—Nó livro da vida, minha querida, no livro da vida!

- disse a visitada, após uma gostosa gargalhada, sem querer criar problema de ordem religiosa que sempre acaba por trazer o preconceito que atrapalha o raciocínio.

- Repare bem nesta cebola, que você vai entender melhor o que vou lhe explicar. - Continuou, enquanto arrancava camada por camada da leguminosa que tinha em mãos.

Podemos ir destacando parte por parte. O miolo que sobra, representa, na minha opinião, o planeta em que vivemos com este corpo que agora temos. As camadas que vamos tirando da cebola, são as regiões para onde iremos depois da morte do corpo.

Quanto menos evoluído o ser é enquanto aqui na Terra, ele fica mais próximo do miolo da cebola que, para mim, é o planeta em que vivemos.

Quanto mais crescidos estamos na parte moral, adquirimos o direito de ir morar em regiões afastadas, mais próximas das regiões de bem-aventuranças.

E dessa forma que entendo para onde iremos. As camadas da cebola mais distantes do miolo, são as moradas dos mais perfeitos, das pessoas que serviram ao próximo aqui no mundo.

Pelo contrário, a camada mais perto do centro da cebola é a moradia dos poucos evoluídos, dos egoístas, dos corruptos, dos desonestos, dos grandes criminosos, dos fomentadores das guerras, daqueles que fugiram impunes da justiça falha dos homens. Ficando perto do planeta em que erraram, sentirão de maneira mais intensa o malefício daquilo que aqui deram origem.

Funciona como se não limpássemos a casa todos os dias de maneira correta e continuássemos obrigados a viver dentro dela do jeito que a deixamos.

— Minha nossa! - exclamou a visitante. - Você, quietinha, remexendo suas panelas, consegue pensar em tudo isso, minha amiga? Já pensou se fosse professora e se estudasse naqueles livros grandes que ensinam tantas coisas!

— Aí é que você se engana. Talvez diante desses livros de que você falou, eu não tivesse tempo de pensar comigo mesma. Talvez eu não reparasse no livro da Natureza, como já disse para você. Agradeço a Deus esses momentos abençoados dentro do lar onde posso ir realizando o trabalho do dia, ao mesmo tempo em que vou buscando as respostas para os fatos da vida.

— É! Cada vez que eu descascar uma cebola, depois dessa nossa conversa, vou ficar pensando em qual "camada" vou merecer morar depois da morte. Mas, escute! Mesmo a cebola fazendo a gente "chorar" por irritar os olhos, você consegue pensar nisso tudo? Seus olhos não ardem?

— Veja você, minha vizinha. Até isso constitui lição da nossa velha cebola. Se antes de descascá-la, você a colocar dentro de uma vasilha com água ou deixá-la mergulhada em água gelada, o gás que ela libera ao ser ferida pela faca, não irrita tanto os olhos, não. Aí, eu extraio mais uma lição.

— De novo?! - disse a amiga intrigada.

—Sim. Mais uma lição: temos que mergulhar a vida na água do bem, para não chorarmos muito após a nossa partida deste corpo, minha amiga!

A visitante, meio encabulada com tanta filosofia, despediu-se, coçando a cabeça e decidida voltar mais vezes para junto da "filósofa do fogão" que, em tão pouco tempo de prosa, ensinara a ela muito mais do que vários anos dentro do templo de sua religião...

Prezado leitor e leitora que me dão a honra imerecida da atenção, o inferno dos cristãos foi copiado do inferno dos pagãos e, o que é pior, foi aperfeiçoado em maldade. Você vai entender por que digo isso. No inferno dos pagãos, Plutão, que era o guardião dessa região, não se dedicava a induzir os seres humanos ao erro, para que mais almas viessem a encher os "caldeirões" ali existentes, como tanto tempo se ensinou, infelizmente. Já no inferno dos cristãos, além do sofrimento copiado dos pagãos, encontramos uma figura denominada de "diabo", que, além de tomar conta desse local, trabalha intensamente, para que aumente, cada vez mais, o número daqueles que para lá serão direcionados através dos erros. Só por essa idéia, dá para você ver como os cristãos conseguiram ser piores do que os pagãos.

Em grego, a palavra inferno se traduz por Geena, nome que se dava a um local onde era mantido aceso um fogo constantemente, para queimar cadáveres humanos e de animais, evitando, desse modo, a propagação de doenças. Seria assim, um forno crematório da época.

Jesus lançou mão dessa figura como um meio de ensinar que existe um local onde as contas serão acertadas perante as Leis de Deus, e como, para o povo daquela época, a imagem da Geena era conhecida e infundia medo, aproveitou-se o Mestre para trazer uma figura conhecida, para explicar que o erro não compensava nunca. Jesus não ensinaria a amar a Deus, a chamá-Lo de Pai, se o Criador fosse capaz de criar um local como esse. Aliás, o fogo da consciência culpada, queimando dentro de cada um, já é um suplício muito eficiente, não necessitando de nenhum local, onde haja um grande caldeirão a ferver ou um fogo a queimar sem cessar. Quando Jesus afirma que as almas pecaminosas serão lançadas nas trevas exteriores, não diz que ali permanecerão por toda a Eternidade. Muito pelo contrário, no Evangelho de Lucas, capítulo 15,

encontramos as parábolas do reencontro que anuncia a felicidade grandiosa daquele que acha o objeto ou o ser amado perdido.

Procure, prezado amigo ou amiga, no capítulo acima citado, as parábolas da Drama e da Ovelha perdida e você verá a alegria ali narrada.

A terceira parábola, a do Filho Pródigo, fala especial e diretamente de cada um de nós em trânsito pela Terra. Revela-nos Jesus a alegria imensa do pai que tem de volta o filho descabeçado que saiu pelo mundo, perdendo toda a sua parte da herança, e que volta derrotado aos olhos do mundo a encher de alegria o bondoso coração do seu progenitor que o recebe com festa!

Você tem alguma dúvida de que Jesus se referia a cada ser humano que sai do seio do Criador a dar cabeçadas pela vida e depois retoma para a Casa do Pai?

O profeta Ezequiel assim se referiu, em 33:11: "Por Mim mesmo juro, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, senão que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva".

Jesus afirmou que existe mais alegria no céu por um pecador que se regenera do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento, que perseveraram no caminho do bem.

Foi ele também quem falou claramente que tinha vindo ao mundo pelos enfermos e não para os sadios. Haveria essa necessidade se o destino dos primeiros fosse o inferno eterno?

Que Deus, que Pai seria esse que colocasse Seus filhos na escola do mundo e ficasse de olho neles para atirá-los em um inferno sem fim?

Onde estariam a misericórdia e o amor do Criador, caso assim fosse?

Se, como pais terrenos, imperfeitos, não negamos aos nossos filhos novas oportunidades de acertar, por que acreditar que Deus agiria de outra forma, atirando os Seus filhos em um fogo eterno?

Se você que me lê é pai ou mãe, responda para você mesmo do que adiantaria ganhar o céu se tivesse um filho seu condenado eternamente ao fogo do inferno? Você conseguiria ser feliz lá no paraíso, sabendo que o seu filho sofre para sempre?

Quando o Apóstolo Pedro afirma que o amor cobre a multidão dos pecados, estaria ele levando em consideração a existência de um inferno? Onde ficaria esse amor que é capaz de cobrir a multidão dos pecados?

r. '

PD evidente que a justiça perfeita tem que lançar mão de algum mecanismo, para que os desacertos sejam sanados, se não a algazarra e o mal imperariam impunemente no mundo. Mas a justiça pode funcionar a par com a misericórdia.

Jesus foi enfático: "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores". Por que chamá-los se já estivessem condenados a um inferno sem fim?

Se acreditamos realmente na "cebola" de Deus que é o planeta no qual estagiamos como verdadeira escola, podendo, pela obra no bem, cada vez mais habitar "camadas" melhores, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque todos temos um irmão maior como o Cristo a nos estender as mãos para que sejamos conduzidos ao rebanho do Pai e jamais para um inferno sem fim.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para todo aquele que, ao invés de ficar chorando sobre a "cebola" dos seus problemas, for descascando-a com atitudes construtivas na tarefa do amor que funcionará como a vasilha de água ou o gelo utilizados para neutralizar a irritação dos olhos de quem descasca a sua cebola na confecção dos seus alimentos no dia-a-dia da Terra.

Ponto de luz

Amigo leitor, companheira leitora, a descrição que você irá ler, infelizmente, trata de um fato verídico ocorrido em Erechim, Rio Grande do Sul, conforme reportagens divulgadas pela imprensa escrita e falada de nosso país, em 29/09/2004.

Nessa localidade, um ônibus escolar que transportava trinta crianças e adolescentes da zona rural para as escolas na cidade, caiu dentro de uma represa com quase oito metros de profundidade, e o pesado veículo foi encoberto pelas águas.

Dezessete estudantes e uma funcionária de uma escola morreram no acidente.

Pode ser que você já tenha tomado conhecimento de fatos semelhantes a esses com as perigosas rodovias mal conservadas de nosso país, e a alta velocidade dos veículos que nela circulam. Isso sem comentar o fator humano, responsável pela maioria dos acidentes.

Pois bem, nesse caso, um jovem menino de 14 anos de idade, bom nadador, perdeu a vida física, salvando três colegas do interior do ônibus, morrendo na quarta tentativa de socorro a mais uma pessoa em perigo.

Segundo depoimento da mãe da criança, contido nas reportagens, o filho não conseguia ficar insensível diante de alguém em dificuldade. Quando o avô materno esteve doente, o menino varou dias no hospital. Em casa, apesar de ser filho único, depois de almoçar com a mãe, lavava a louça, passava aspirador de pó na casa, varria o quintal, cuidava da horta e fazia a lição de casa.

Quem não gostaria de um filho assim, não é mesmo?

Encontrava ainda tempo para o jogo de futebol com os amigos, pequenas caçadas e partidas de bocha. Uma de suas diversões era pescar e orgulhava-se por nadar bem.

Um Espírito com esse caráter precioso que anunciava tão boa composição, partiu da Terra, executando um ato de amor ao próximo nas diversas tentativas de salvar vidas do afogamento na queda do ônibus dentro da represa.

Creio que essa alma boa estava fazendo milita falta na outra dimensão da existência.

Esses dados altamente positivos desse menino- moço não deve passar sem grande divulgação, porque a imprensa, devido aos leitores que gostam das tragédias divulgadas, desde que, evidentemente, ocorram com os outros, inunda as nossas mentes com as notícias das grandes calamidades, reforçando o pessimismo reinante no momento atual por que passamos.

Combater o pessimismo e acalantar o otimismo também é obra de caridade, cada vez mais importante nos dias atuais. Enquanto poderosos alimentam guerras, que somente revelam a ferocidade que ainda existe no ser humano; enquanto pessoas morrem de fome, cadaverizando-se em vida, e colocando os animais predadores de prontidão diante de um ser que morre à mingua, como estampado foi com uma criancinha em território africano; diante do tóxico, que acaba ganhando batalhas de maneira lamentável; perante a impunidade, que desafia e debocha da justiça das leis dos homens; enquanto a corrupção e a desonestidade saem aparentemente vencedoras das olimpíadas da vida; enquanto doenças ceifam vidas por falta de estímulo financeiro a pesquisas para curá-las; enquanto mulheres são abandonadas com filhos, que não conceberam sozinhas; enquanto drogas ilícitas e as chamadas lícitas destroem tantas vidas, tantos lares, a sociedade como um todo de forma física e moral, uma criança de apenas quatorze anos deixa tão grandiosa mensagem de como construir um mundo melhor!

Os que verdadeiramente batalham pela paz não são aqueles que surgem apenas na época de guerras, mas sim, todos aqueles que começam a pacificar a si mesmos dentro do próprio lar!

Os que crêem realmente no Amor não são aqueles que se sensibilizam apenas diante das tragédias já ocorridas, mas todos aqueles que, incansavelmente, conseguem enxergar no semelhante o próximo de que nos fala a parábola do Bom Samaritano.

O mundo, que todos desejam com felicidade e paz, nunca virá, enquanto ficarmos de braços cruzados, esperando que outros o construam, sem que depositemos a nossa parcela de esforço na conquista desse bem comum a toda a Humanidade.

Você, algum dia, num instante de devaneio, já parou para pensar o que sentem as civilizações mais evoluídas do que a Terra e que povoam este Universo infinito de Deus, diante das nossas mais variadas formas de violência?!

O botão de rosa esmagado não dará à luz a flor que embeleza e perfuma o ambiente.

O verdadeiro amor asfixiado pelo egoísmo não construirá um mundo melhor por mais que tentemos nos enganar.

É da Lei fazer ao próximo o que gostaríamos que o próximo nos fizesse.

Esse garoto de Erechim, grande alma num pequeno corpo, soube compreender tal orientação de Jesus. Mergulhou num salto sem volta para o seu corpo material, enquanto ele mesmo, Espírito imortal, seguia em direção das consciências pacificadas pelo bem realizado.

Foi um ponto de luz na noite escura em que está estagiando a atual humanidade, e agora, confunde-se com as estrelas que enviam mensagens de esperança aos homens.

Pela atitude dele como a de tantos outros abnegados seres humanos que se esquecem de si para lembrarem-se do próximo em pior situação, é que SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA num planeta melhorado pelo Amor a serviço da paz e da felicidade de todos.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, enquanto alguém mergulhar em direção à dor alheia, procurando aliviá-la de alguma maneira.

O concurso de curiós

Numa dessas belas manhãs de início de primavera, em que o céu azul parece prometer um paraíso à Terra, desenrolava-se, em um clube de campo, um concurso de canto de curiós.

Os pássaros chegavam nas mãos de seus proprietários, com as gaiolas encobertas por uma espécie de cortina de pano, e aguardavam a sua vez para expor aos juizes, devidamente credenciados, o seu trinado perfeccionista.

O dia estava alegre, crianças acompanhavam os pais na folga do dia, correndo pelos arvoredos próximos; carrinhos de guloseimas aproveitavam da oportunidade para ganhar alguns trocados; vendedores de material apropriado para a manutenção dos pássaros em cativeiro expunham o seu produto ao interesse público; a piscina acolhia os jovens desejosos de bronzear o corpo; o parquinho infantil servia aos pequeninos com os seus diversos tipos de brinquedo.

Em torno de determinadas árvores frondosas, um quadrado demarcado por uma corda fina delimitava o local onde as aves eram expostas em suas gaiolas, após ser retirada a proteção, sendo, então, dependuradas em um pequeno poste de metal com um gancho para tal finalidade.

Um dos concorrentes foi colocado no local descrito e iniciou o seu canto como se fosse um apaixonado seresteiro da madrugada diante da mulher amada.

Várias pessoas foram se aproximando daquele pássaro que cantava como se fosse o único proprietário de toda a felicidade do mundo.

De repente, após uma forte rajada de vento, a gaiola teve que ser reequilibrada o que causou a abertura acidental da portinhola que mantinha a ave prisioneira.

Sem vacilar, o curió ganhou a liberdade e pousou num galho de árvore próxima, para o desespero do seu dono que já contabilizava o prejuízo pela perda do animal.

O público presente no local, vendo a ave livre assentada no galho que a abrigava como um degrau para a liberdade, ficou aguardando a partida do curió. Silenciou-se a voz de todos diante da expectativa de fuga do pássaro liberto. Algumas pessoas ainda ficaram na esperança de que o pássaro cantador entoasse uma última melodia de despedida, a mais bela que houvesse entoado em sua vida. Afinal, a oportunidade da liberdade era motivo, no entender dos humanos, para uma comemoração sem igual.

A pequena ave girou a cabecinha para os lados, contemplando a paisagem em uma amplitude que jamais vislumbrara. Como o mundo era imenso!

Após alguns instantes de silêncio, emitiu um som abafado como se fosse um mal acabado rascunho do seu canto no interior da gaiola. E, para o espanto de todos, retornou, espontaneamente, à prisão, voltando a cantar magistralmente como fizera anteriormente.

Parecia mesmo que o curió agradecia a Deus pela gaiola que o abrigava naquela sua vida de pássaro prisioneiro.

As pessoas se entreolharam, sem nada comentar, mas na cabeça de cada uma delas ficava uma profunda lição dada pelo curió através de sua atitude e do seu canto maravilhoso: mesmo dentro das grades daquela prisão, era feliz nas condições que a vida lhe impusera!

Pois é, meu amigo, minha amiga. O curió deixou uma lição bastante objetiva para todo aquele que reclama de sua "gaiola" das provas na Terra.

Muitas pessoas passam toda uma existência no planeta, reclamando da Escola da Vida e dos outros alunos.

O mundo em que vivemos é uma Universidade onde poderemos nos formar em perfeição. Já imaginaram se conseguíssemos aproveitar todas as oportunidades de exercer o amor ao próximo que a nossa Escola nos proporciona?

Se conseguíssemos enxugar todas as lágrimas que se derramam à nossa frente?

Todo o desespero que desfila diante de nossos olhos?

Todos os necessitados que podemos auxiliar de uma maneira ou de outra, apenas com um sorriso, com o estender de mãos, com o ouvir pacientemente, com o falar as palavras de bom-ânimo no momento adequado, com o silêncio, matando a maledicência?!

A Terra oferece um curso completo para a alma de boa-vontade. No entanto, sob o ponto de vista físico, não vemos a hora de aposentar e, como não tem jeito, até na morte arrumaram uma aposentadoria com o tal de "descanso eterno"!

Quem assim pensa, pode "tirar o cavalo da chuva".

A afirmativa de Jesus não abona essa idéia quando ele afirmou categórico que o Pai trabalhava até hoje e ele trabalhava também.

O pequenino e frágil pássaro voltou a cantar maravilhosamente, ao retornar para a sua gaiola, dando uma lição de como devemos nos comportar na "nossa gaiola"!

Como Deus não erra, ninguém está em gaiola errada, assim, percamos essa esperança!

Temos que cantar na "gaiola" do lar, seja quem for que tivermos por companheira ou companheiro; por filho ou filha; por pai ou mãe; irmão ou irmã.

Temos que cantar na "gaiola" da nossa profissão, satisfaça-nos ela ou não, porque muitos não têm nem essa oportunidade para colocar o pão de forma honesta dentro do lar.

Temos que cantar na "gaiola" da enfermidade que compromete nosso corpo, trazendo as lições de que necessitamos.

Temos que cantar na "gaiola" da provação financeira, para sabermos valorizar os bens que nos são emprestados pela vida material e nos são retirados pela morte do corpo.

O curió, que teve a oportunidade de fugir da prisão, a ela retomou e, mais do que isso, voltou cantando que é a sua maneira de agradecer ao Criador.

Voltemos também, a partir desse momento, mais resignados e felizes para a nossa "gaiola" da vida, para que, no dia em que a sua porta se abrir, possamos usufruir da liberdade, sem peso na consciência que nos obrigue retomar a novas prisões.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA de que uma mão amiga abra a porta da "gaiola" de nossas provações, a fim de partirmos em direção às estrelas na conquista da paz e da felicidade para as quais fomos criados. Contudo, essa mão libertadora só possui um nome: a consciência tranqüila pelo dever cumprido!

Que possamos ser mais um "curió" que componha a revoada dos libertos de suas "gaiolas" por termos vivido entoando canções de agradecimento às benditas oportunidades proporcionadas pela Providência ■ Divina!

O planador

Pai e filho adolescente, ambos aficionados de aeronaves, dirigiram-se, naquela manhã de domingo ensolarado, para o aeroporto da cidade, onde haveria uma exposição de vários modelos, seguida de demonstrações de vôos.

Diversos tipos de aviões ergueram-se no céu azul, alimentando o entusiasmo do jovem em companhia do pai.

No momento em que um planador foi rebocado à altura adequada e liberado, o moço teceu comentários que muito alegraram aquele senhor:

— Pai. Sabe o que me lembra esse planador, sendo solto lá nas alturas para voar por si mesmo?

— Não, meu filho. Não faço idéia do que se passa em sua cabeça de jovem, despertando para a vida, mas gostaria muito de saber.

— Eu pensava que se parece, o planador, com os filhos. Os pais os levam até certo ponto e, depois, soltam-nos, para que possam voar sozinhos, não é mesmo?

— Muito bem observado, meu filho! Você é que parece ser meu pai. Fico feliz com essa sua conclusão espontânea sobre o planador que agora depende única e exclusivamente da habilidade do piloto em aproveitar as correntes aéreas para se manter lá em cima. Os pais devem proceder da mesma forma. Levar aos filhos todos os conhecimentos possíveis e depois deixar que eles realizem o vôo por conta própria, porque assim aconteceu um dia conosco em relação aos nossos pais, como irá ocorrer em relação aos seus filhos.

Somos todos, antes de mais nada, filhos do mesmo Deus. É preciso que os pais se conscientizem disso. Os filhos não são propriedades nossas. Devem ser orientados, sim, mas não violentados em suas decisões. Dessa forma, serão responsáveis perante Deus pelas consequências, boas ou más, que suas decisões trouxeram.

Quando a criança começa a aprender a andar, não se passa o mesmo?

Os pais amparam-na nos primeiros passos, para que não sofram quedas mais violentas, mas chega a hora em que terão que fazer as primeiras tentativas sozinhas, a fim de que se sintam seguras.

Igualmente acontece com o piloto do planador. Recebe em terra todas as orientações sobre como voar com sucesso até que chega o dia em que terão que testar tudo o que aprenderam ou que ainda resta a aprender. E para saber isso, é necessário voar. É este o momento em que os filhos precisam deixar de ser "rebocados" pelos pais para apreciarem se aprenderam a "voar". Principalmente se aprenderam a voar, utilizando-se dos bons ventos da vida, fugindo às rotas fáceis na aparência, mas que colocarão em risco o plano de vôo.

Fico muito feliz pela observação, filhão!

Deus o ajude a continuar sendo um bom observador como foi neste dia, aqui no aeroporto de nossa cidade.

Como ainda vivemos o amor na sua forma possessiva - meu filho, minha esposa, meu pai, meus irmãos - julgamos que "nossos" filhos deverão ser rebocados pela existência toda. Como ficariam aqueles que se tomam órfãos em tenra idade, ou aqueles que são abandonados logo após o nascimento?

Precisamos entender, e é difícil, que os filhos são almas criadas por Deus que trazem ao mundo uma bagagem de experiências a ser desenvolvida, cabendo-nos a responsabilidade muito grave de auxiliá-los nessa empreitada. Entretanto, auxiliar, orientar, não significa, em momento algum, possuir esses filhos.

Vêm ao mundo como um dia viemos nós, para exercitarem o livre-arbítrio em favor de seu arrebatar de experiências.

Aflige-nos, e é compreensível, quando vemos que tomam caminhos perigosos, quando fazem escolhas de risco, mas procuremos entender que, se tudo fizemos para orientá-los perante a nossa consciência, nada mais poderemos fazer a não ser tornar a auxiliá-los, se pudermos, quando iniciarem a colheita da própria sementeira.

Um dia assim também foi conosco, quando em nossa juventude, tudo julgávamos saber, o que nos levava a não acatar muitas orientações dadas pelos nossos pais.

Se a liberdade de cada Espírito provém da vontade de Deus, não nos cabe violentá-la, mas sim, orientá-la!

Reconhecemos ser difícil, diante do perigo iminente, ter o equilíbrio para tal atitude, contudo, é a conduta recomendável porque reflete o respeito pelo livre-arbítrio alheio.

Cada pessoa possui um tipo de paladar. A uns agrada determinado alimento, a outros o mesmo tipo de alimento causa repulsa. Como obrigar os primeiros a deixar de gostar e os últimos a preferir essa ou aquela refeição? É lógica tal atitude?

Esse rapaz ou essa moça não servem para a minha filha ou para o meu filho, decide você.

Auxilie-o a analisar isso, sem tentar impor com quem ele ou ela devem ou não se casar. Quem terá o ônus da convivência mais direta é o casal e não você que já possui um lar, que já fez a sua escolha. A propósito, a sua escolha foi isenta de erro? A toda ação corresponde uma reação igual e contrária, e é por isso que, quanto mais implicamos com uma determinada companhia de nossos filhos, mais ela ficará arraigada no coração deles.

Se você acha que o rapaz ou a moça sob sua responsabilidade devam seguir essa ou aquela profissão, não se esqueça de que, quem irá exercê-la, pelo resto da vida, não é você, mas sim, eles, tendo, portanto, o direito da escolha, contando com a sua orientação, para mostrar-lhes as dificuldades dessa ou daquela opção.

Diante do jovem à sua frente, lembre-se de que o tempo de escolher o que era levado à sua boca para alimentar-se ou a roupa que ele vestia, já passou. Agora ele é adulto, com direito de escolha para que possa ser o autor da própria felicidade ou o responsável pelos seus problemas.

Se você caminhasse sempre pelo "seu" filho, ele não saberia mudar os passos até hoje.

Se você fosse à escola em lugar dele, "seu" filho não seria alfabetizado até hoje.

Enquanto existir em nosso interior o amor que transforma o outro em posse, será muito difícil educar os filhos porque, na verdade, sempre estará havendo, de forma clara ou velada, a intenção de impor-lhes aquilo que achamos mais correto como pessoas falíveis que somos.

Lembre-se de que Jesus não obrigou ninguém a nada. Fez o convite e está a nossa espera até hoje. Até o dia em que nos decidirmos a tomar a nossa cruz e segui-lo.

Seja o avião seguro que reboca o planador que é o "seu" filho em direção aos bons ventos. Indique-lhe o rumo, oriente-o, sem violentá-lo em suas escolhas.

O verdadeiro amor respeita o outro que, ao sentir-se respeitado, sempre sentirá um grande prazer de ficar ao seu lado, principalmente quando continuar a apoiá-lo, se tiver tomado uma atitude errada sobre a qual você o advertira antes, para que retome o caminho do acerto.

Por acaso Deus procede de outra forma conosco?

Dessa maneira, sendo você um "piloto" seguro e respeitando o direito de seu filho, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA de que ele seja "rebocado" para o bom caminho como um "planador" que se sinta encaminhado aos bons ventos das orientações seguras e realize uma boa escolha da rota a ser seguida na jornada da Terra.

O casal de corujas

Calma, meu amigo ou amiga! Se você acha estar a coruja relacionada ao mau agouro, lembre-se de que ela faz parte da obra da Criação, e de que nada do que Deus faz, está errado ou é voltado para que o mal prevaleça.

Em um terreno baldio, localizado na periferia urbana da cidade, um casal de corujas velava pelos ovos escondidos num ninho feito no chão.

Enquanto um dos componentes da dupla cobria- os com o corpo emplumado, conferindo calor a eles, o outro vigiava, atentamente, qualquer movimentação em tomo do local que pudesse representar perigo. Se algum cachorro, gato ou outro animal se aproximasse do local e fosse interpretado como hostil, era prontamente atacado por ele.

O interessante é que, mesmo nos dias de sol escaldante ou de teimosa chuva fina e fria, os dois companheiros do reino animal desempenhavam sua tarefa junto ao ninho.

Fiquei a pensar que os filhotes pudessem, até mesmo, julgar que ficaram sozinhos sob o calor do verão ou sob a insistência da chuva e que, depois de adultos, jamais saberiam da dedicação dos pais. Para os animais é compreensível esse "julgamento" porque, afinal, são irracionais.

O que me causou espanto nesses momentos de observação do casal de corujas foi que nós, seres racionais, que atingimos o estágio da razão, da consciência, do raciocínio, somos, muitas vezes, capazes de julgar que nosso Criador e Pai está nos abandonando, quando as coisas não caminham do jeito que achamos que deveríamos caminhar! Como bem ensina o Espírito venerável de Emmanuel, somente nos julgamos sob a proteção de Deus quando o caminho está claro e o céu está azul.

Somos capazes de pensar que estamos abandonados no "ninho" da imortalidade pelo Ser que nos criou para a felicidade e para a paz sem limites, velando através de seus prepostos incansável e pacientemente para que assim aconteça.

Quando os discípulos pediram a Jesus que os ensinasse a orar, o Mestre referiu-se a Deus como "Pai Nosso"!

Vejam bem que Jesus empregou o termo "pai"!

E para que não ficasse nenhuma dúvida, relata- nos Mateus em 7:9 a 11 a seguinte indagação do Cristo: "Qual é o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que vos pede pão? - Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-eis uma serpente? - Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que Ihos pedirem?"

Como lembramos há pouco, Emmanuel, que nos conhece profundamente, esclarece que só nos julgamos sob a proteção de Deus quando o caminho está claro e o céu está azul. Traduzindo em miúdo, ou as coisas da vida se passam como queremos e não como precisamos, ou nos colocamos na posição do filho emburrado com a Providência Divina. Por exemplo: se a esposa é aquela Amélia que se anula em todos os seus pontos de vista para que o marido reine como um rei absoluto a quem não se pode contrariar nunca, então nos consideramos sob a proteção de Deus. Mas, se a mulher quer e tem o direito de ter respeitados os seus pontos de vista, então Deus me abandonou, colocando uma mulher dessas no meu caminho. O mesmo raciocínio pode ser feito em sentido contrário.

Vamos a outro exemplo para comprovar o ensinamento de Emmanuel: se a doença visita o corpo como conseqüências de um Espírito enfermo, então não nos consideramos sob a proteção de Deus. Ficamos "mal" com o Criador e só fazemos as pazes com Ele na hora em que a saúde retomar ao nosso corpo. É assim ou não é? Responda para você mesmo, porque ninguém vai ouvi-lo!

Mais um caso? Se tenho filhos problemáticos, que são Espíritos colocados sob a minha responsabilidade para reorientá-los na nova existência, e isso exige trabalho, então não nos consideramos sob a proteção de Deus. Os pais que possuem filhos bons, filhos que não dão trabalho, esses pais sim, estão sob a proteção de Deus. Enquanto na minha casa - pensamos emburrados com o Criador - eu tiver muito trabalho para criar meus filhos, não me considero sob a proteção de Deus. Só na hora em que eles estiverem formados, bem casados, financeiramente realizados, com uma esposa ou marido perfeitos, é que nos consideraremos sob a proteção de Deus.

Fico imaginando como o Criador deve sorrir do nosso comportamento de criança mimada!

Tomemos, mais uma vez, a figura do Mestre, como exemplo, quando no Monte das Oliveiras, sabedor dos sofrimentos que se avizinhavam, Jesus chora e pede ao Pai que afaste dele aquele cálice, ENTRETANTO, que fosse feita a vontade de Deus e não a dele, Jesus!

Será que a nossa Mãe Santíssima sofreu menos do que as mães de hoje, quando viu o filho amoroso, bom, honesto, generoso, crucificado entre dois ladrões?

Será que nossos corações conseguem sofrer mais do que sofreu o de Maria?

Será que nossos méritos são maiores do que os dela?

No entanto, nunca se leu uma só letra de protesto registrado nas narrativas dos Evangelhos por parte daquela Mãe que também se separava fisicamente do seu Filho!

Na verdade, sofreremos muito porque nos colocamos como centro do Universo, como merecedores de toda a atenção de Deus que deve ter as vinte e quatro horas do dia para atender-nos em nossas necessidades, esquecidos que ficamos de que a parte que nos cabe fazer em favor de nossa felicidade e de nossa paz, Deus não fará.

Se o casal de corujas protegia os filhotes que estavam sendo gerados do sol escaldante, da chuva teimosa, do ataque de animais predadores, orientados por um instinto animal ainda precário, precisamos nos deter na análise do que será capaz de fazer por nós, seres humanos, o Amor infinito e perfeito de Deus!

Quando estivermos sob o calor dos sofrimentos ou do frio do desânimo, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque não estende um Pai perfeito um pedaço de pedra ou uma serpente ao filho que lhe peça um pedaço de pão ou um pedaço de peixe!

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque, segundo a vontade de Deus, nossos caminhos estarão, constantemente limpos e o céu azul, desde de que, por nossas próprias atitudes, não atiremos o lixo do desequilíbrio e as nuvens das atitudes doentes neste caminho e neste céu criados para nos fazerem felizes e para vivermos em paz!

A bússola interior

Sempre que tivermos a boa-vontade de prestar atenção na Natureza não violada pelo homem, encontraremos lições diretas da Providência Divina nos vegetais e nos animais pertencentes também à obra da Criação.

Uma professora de biologia ganhou de seus alunos uma aranha caranguejeira que seria mantida na escola para fins de estudos.

O aracnídeo foi, provisoriamente, colocado dentro de uma panela de vidro para aguardar o preparo do local adequado que se tomaria a sua morada definitiva nas dependências da própria escola.

O fato interessante é que o animal "enjaulado" dessa maneira, fora do seu habitat natural, passava o dia todo sem se mexer, dando mesmo a impressão de que teria morrido.

Explique-se que as aranhas, em seu processo de caça para alimentarem-se, somente atacam animais vivos. Como carnívoras, não aceitam pedaços de carne que, porventura, lhe sejam oferecidos ou mesmo animais mortos. São, portanto, bem diferentes dos seres humanos que, quanto mais fáceis forem as coisas de que necessitam ou que ambicionam, tanto melhor.

Permanecia todas as horas do dia paralisada, imóvel, mesmo que a panela fosse coberta com alguma espécie de tecido para proporcionar a ela mais isolamento do meio ambiente.

Assim que escurecia, o animal como que despertava para a vida, empregando todos os esforços para fugir da panela que a aprisionava, porque, em seu relógio biológico, segundo o qual os instintos passavam a direcionar as atitudes, o período noturno é o escolhido pelas aranhas que se tomam exímias caçadoras.

O animal, feito prisioneiro, despertava para sair em busca daquilo que viria a ser a sua alimentação. Mobilizava os recursos que a Natureza nela colocara para obter aquilo de que necessitava à sobrevivência. Realizava a sua parcela de trabalho na manutenção da própria vida.

Analisando esse comportamento da aranha na cartilha da Natureza, pude compreender mais uma vez, como Deus a tudo planeja com perfeição, dando a cada ser de Sua criação os recursos necessários para que ele vença perante a vida.

Na abelha e no beija-flor, o sentido para encontrarem as flores, mesmo que distantes; nas fêmeas de vários animais, o zelo para com a cria, garantindo a manutenção da espécie; em determinados peixes, a luta contra a forte correnteza para desovar em lugar seguro; nos vegetais, o sentido necessário para buscar a luz do sol e naquele aracnídeo, o instinto para despertar e caçar no período noturno. A cobra possui, na língua, células especializadas em detectar a temperatura dos animais aos quais tem necessidade de caçar para sobreviver. O morcego possui um sistema de radar perfeito que lhe permite voar à noite, sem esbarrar nos obstáculos do caminho. Parece a você lógico que Deus tivesse esquecido do ser humano?

Somente do homem que dispõe de todo um corpo repleto de inúmeros recursos para a vitória perante a vida, brota a fonte de reclamações intermináveis de quem se sente abandonado, sem realmente estar, pelo Criador.

Talvez porque para a aranha, animal irracional, seja mais digno triunfar através do próprio trabalho, enquanto que no homem, animal racional, a inteligência sugira-lhe a lei do mínimo esforço...

Quando Jesus nos falou, poeticamente, sobre as aves do céu que não semeavam, mas eram sustentadas por Deus e sobre os lírios do campo que não teciam e nem fiavam, mas vestiam-se com muita grandeza pela confecção da Natureza, não queria em absoluto que nos entregássemos a contemplar o céu na espera de tudo o de que necessitamos aqui na Terra.

Muito pelo contrário. Sua mensagem era para que confiássemos na Providência Divina que diligencia para que as aves do céu e os lírios do campo tenham as necessidades supridas, realizando, porém, a parte que cabe a eles realizar. A ave do céu busca pelo alimento que é, então, encontrado. O lírio do campo absorve, através do trabalho de suas raízes, o alimento da terra que propicia o trabalho de confecção dos seus tecidos.

O alvo dessa comparação é a recomendação de confiança no Criador e não a dispensa do esforço que nos cabe realizar. Infelizmente, contudo, parece que ainda não a compreendemos porque vivemos a reclamar da maioria das coisas quando nos são adversas, acusando a Deus de nos ter esquecido.

Temos na inteligência, na racionalidade, na máquina perfeita que coloca tantos recursos à nossa disposição como é o corpo físico, todo o material necessário para superarmos os obstáculos que, por livre sementeira, deixamos espalhados pela estrada da evolução que promove nosso encontro com os acertos indispensáveis perante a Justiça perfeita.

Entretanto, toda a força que mobilizamos na conquista dos valores materiais tais como a casa própria, o carro do ano, a viagem de férias, a roupa da moda, todas as demais conquistas que satisfaçam nossos apelos de ordem material, essa mesma força desaparece subitamente quando se trata de conquistar os valores perenes do Espírito, que são adquiridos através de muita luta, principalmente contra nós mesmos, preferindo declarar-nos como esquecidos pelo Criador.

Contemplemos a Natureza que nos cerca com incansáveis mensagens de bom ânimo e de provas no cuidado da Providência para com toda a sua Obra.

Se as sementes possuem a força para germinar um vegetal inúmeras vezes maior do que ela mesma, bastando para isso aceitar o sepultamento no interior do solo, por que duvidar de que em cada ser humano faltassem recursos para o sucesso?

Se os ramos das plantas são capazes de sustentar a flor delicada que neles cresce, vive, embeleza e perfuma o ambiente, por que acreditar que conosco faltassem forças para a vitória?

Se o pequeno animal desprovido de razão, de inteligência, em que predomina o instinto, os recursos para a sua vitória não são esquecidos por Deus, por que a ingratidão de supor que com o homem, animal racional, capaz de raciocinar, de escolher, de criar, estejam ausentes os meios para a sua vitória sobre si mesmo?

O que realmente falta é a disposição para a melhora moral de cada ser humano para que todos venham a ter um mundo mais justo e melhor, com mais paz e felicidade.

Mesmo que não confiemos em nós mesmos, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque Deus não se cansa de renovar em cada criatura de sua infinita Obra, as oportunidades para que alcancem a vitória que os ladrões não roubam e nem as traças corroem.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque o dia em que haveremos de ter interesse nas aves do céu e nos lírios do campo que existem dentro de cada ser humano, não está longe de chegar.

A formiga e o trabalho

O jardim era aconchegante como os existentes nas cidades interioranas. Pai e filha abrigavam-se do calor da tarde sentados à sombra de frondosas árvores.

Um agradável aroma doado pelas flores e semeado pela aragem atingia, em lufadas bem-vindas, as pessoas que ali se encontravam.

Pássaros alegres cruzavam o espaço aéreo, mudando de árvores e entoando o canto característico de cada espécie.

Próximo ao banco onde se encontrava a criança, formigas agitadas caminhavam de um lado para o outro, preocupadas em realizar o trabalho como dedicadas e incansáveis trabalhadoras.

A observadora menina não perdia de vista aquela azáfama dos insetos e não demorou muito a perguntar para o pai:

— Papai, o senhor reparou como trabalham essas pequeninas formiguinhas? Como sendo tão pequenas conseguem transportar folhas, gravetos ou qualquer outro tipo de material bem maior do que elas, sem interrupção?

— Você observou bem, minha filha. Trabalham sem cansaço, porque entendem que sua sobrevivência depende desse ritmo de serviço que proverá a todas do alimento necessário e da moradia indispensável.

— Já pensou, papai, se a gente trabalhasse nesse ritmo? Será que teríamos forças ou coragem para tanto?

— Meu bem. Existem muitas pessoas que parecem formigas na execução de suas tarefas todos os dias, porém, nós, os seres racionais, não estamos na Terra apenas para as providências de nossas necessidades materiais. Existe um trabalho importantíssimo e que é frequentemente esquecido de um grande número de pessoas!

— Como assim, papai? Não compreendi.

— Mas você já vai compreender, minha filha. Quando estamos no mundo, temos obrigações para com os compromissos da vida material, mas temos também responsabilidades para com o alimento da alma, com as necessidades de nosso crescimento como seres imortais! Nosso corpo alimenta-se com uma grande variedade de vitaminas, proteínas, carboidratos, sais minerais etc. Nós, como almas que transitoriamente estamos neste corpo de carne e ossos, também necessitamos de um outro alimento que somente nosso trabalho no campo do bem é capaz de fornecer.

A menina ficou olhando para o rosto paterno procurando assimilar aqueles ensinamentos que se constituíam para ela em grande novidade.

— Papai. Nunca pensei que nossa alma precisasse se alimentar! Que coisa mais estranha!

— Mas precisa, minha filha. E muito! O próprio Jesus, em certa ocasião, dirigindo-se para uma mulher que buscava água fresca em um poço da comunidade onde morava, advertiu-a de que aquele que bebesse das verdades que ele trazia, nunca mais sentiria sede. Assim, meu bem, nós, como Espíritos imortais, temos muita necessidade desse tipo de alimentação que só a ação no bem pode nos proporcionar. Não tenho receio de afirmar que o alimento da alma é mais importante ainda do que a nutrição do corpo, porque este um dia morrerá, enquanto que, todos nós, como Espíritos imortais, jamais conheceremos a morte. Quanto mais trabalharmos no bem, como as formigas incansáveis que agora você vê neste bonito jardim, mais alimentados estaremos no dia em que chegar o final de nosso tempo de aprendizado na escola da Terra.

E uma pena que tantas pessoas trabalhem tanto para amontoar a riqueza material que não levarão e também, tanto se esqueçam da fortuna espiritual que podemos ajuntar e carregar conosco para o outro lado da vida!

O importante, meu bem, é que você se lembre dessas formigas trabalhadoras todas as vezes que você tiver a oportunidade de ajudar a alguém, seja a quem for, para que alimente, com o exercício do amor, a sua linda alma que um dia deixará a Terra enriquecida do bem que soube fazer como uma "formiguinha do amor", compreendeu?

Rogando a Deus que um dia a filha viesse a entender o ensinamento, abraçou-a com muito amor, depositando-lhe na face rosada um doce beijo de pai apaixonado.

Infelizmente, observamos seres humanos que se deslocam com a rapidez das formigas no desempenho de suas funções que proporcionam o ganho dos bens materiais. Sem refletirem na brevidade do tempo no corpo físico, voam em direção às conquistas dos valores do mundo. Não possuem tempo para contemplarem a beleza da flor que nasce no jardim da própria casa. Não encontram um momento para apreciar as primeiras palavras ou os primeiros passos do filho que cresce, muitas vezes, na ausência da atenção dos pais. Esses seres humanos estão sempre agitados, pensando em sua vida de conquistas e realizações materiais que mais parecem hipnotizadas por um tesouro imediato e que lhes rouba os momentos valiosos da existência na Terra: a conversa tranqüila com a esposa; o diálogo amigo, tão necessário com os filhos; a noite tranqüila de sono; o exercício indispensável em favor da saúde do próprio corpo e todos os comportamentos que poderíamos citar na observação da "formiga humana", completamente obcecada em suas funções perante os homens e a sociedade onde vivem.

Muitos até mesmo se orgulham de dizer que trabalham dezesseis, dezoito, vinte horas por dia!

Simbolizam os escravos de si mesmos que nunca se detiveram para analisar que deixarão todos os bens materiais adquiridos e partirão para a dimensão espiritual da existência como o mais pobre de todos os mendigos.

Abastecem os bancos da Terra com polpudas somas de dinheiro e terão, depois, que esmolar perante o banco da Providência Divina, sem possuir nenhum crédito, o adiantamento da misericórdia e bondade de Deus para acudir a consciência atormentada pelo tempo mal distribuído enquanto no corpo.

É claro que possuímos obrigações perante a família e necessitamos de recursos materiais para atendermos a alimentação necessária, o vestuário que demanda dinheiro, os medicamentos que nos socorram o corpo durante uma enfermidade, o carro que nos permita deslocar-nos para o trabalho, a casa para nossa moradia transitória. Ninguém ignora essas necessidades, muito menos o Criador. No entanto, todos sabemos, lá na profundidade da consciência, que estamos no planeta que se constitui em abençoada escola das almas, para adquirirmos os valores do espírito que poderão ser transportados para as outras dimensões da vida como verdadeiras jóias incrustadas em nosso ser imortal.

Quantas pessoas que se agitam todos os dias, meses e anos a fio até consumirem a própria existência tão breve, por mais longa que seja, detêm-se para uma análise mais profunda do que realmente são, por que estão aqui no mundo tão angustiadas e para onde irão, a partir do momento da morte física?

Trabalhem sim, com honestidade para cumprirmos nossos compromissos perante o mundo, mas não nos esqueçamos de nos transformar em valentes "formigas" na aquisição dos valores inesgotáveis do espírito.

Se formos produtivos nos dois ângulos da vida, enquanto na Terra, adquiriremos amor pelo trabalho, e o trabalho é da Lei maior da Vida. Não disse Jesus: "Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também"?

“ Pois, então! Se conseguirmos dosar a formiga que existe em cada um de nós para que o trabalho do corpo se associe ao trabalho na conquista dos valores da alma, teremos nos transformado no trabalhador ideal para o qual nunca faltará compromissos na vinha do Senhor.

Em assim acontecendo, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para todo aquele que souber dignificar a si mesmo em corpo e alma, porque alcançou a compreensão de que o homem passa, mas o Espírito permanece, e permanece extremamente necessitado de trabalhar em favor de um mundo melhor dentro e fora do próprio

A jabuticabeim

Minha infância transcorreu em um grande quintal de um terreno com quarenta e quatro metros de fundo. Como a casa era muito pequena, o espaço destinado a árvores frutíferas era respeitável. Naquela época, televisão, computador e o mundo mágico dos brinquedos sofisticados de hoje, era um mero sonho. Graças a esses fatores, as crianças tinham que exercitar a imaginação, improvisando os próprios brinquedos que surgiam de laranjas verdes, canudos de folhas de mamoeiro, espinhos de pé de tangerina, sementes de caju, e vai por aí afora, até onde pudesse alcançar a imaginação de cada um.

Nesse quintal, cujo valor só consigo avaliar nos dias de hoje, quando ele não existe mais, havia uma jabuticabeira sabará que dava uns frutos extremamente doces, graças à dedicação do meu pai para com toda a plantação, antecedidos por uma florada que perfumava a distância, atraindo trabalhadeiras abelhas.

Os recursos inimagináveis da mente humana arquivaram aqueles momentos felizes da infância, fazendo-me sonhar, quando tivesse filhos, proporcionar a eles igual recanto.

Mal sabia eu que a televisão colorida, os brinquedos fartos, mais tarde o computador, seriam os carrascos dos brinquedos improvisados que tive em minha infância...

Mas, ainda acreditando na sedução de um quintal semelhante, anexei um lote de quinze metros por quarenta e cinco à minha casa e passei a plantar árvores frutíferas.

Uma das primeiras eleitas foi uma jabuticabeira, mas com uma condição: escolhi a variedade anã, para que não crescesse muito e ocupasse espaço maior.

Na ânsia de ter o pé de fruta pequeno, cometi o exagero de plantá-lo mais fundo do que o razoável. O resultado foi uma espécie de mutilação do vegetal que apenas consegue expor acima do solo metade do seu tronco, emitindo, logo em seguida, os seus galhos, folhas e frutos.

Muitas vezes, contemplei a pequena árvore, com remorso de tê-la plantado, embora inadvertidamente, de forma tão funda.

Um determinado dia em que me sentei na grama do lote e passei a admirá-la, carregada de flores deliriosamente perfumadas, reparei que tinha desenhado, com os galhos, uma forma de mão espalmada para o céu azul, postando-se como se dissesse para quem desejasse colher de seus frutos: apesar de tudo, estou aqui em serviço!

Meu Deus! Encheu-me os olhos de lágrimas ao vir à minha mente que o vegetal que eu havia plantado de maneira errada, mesmo assim, cumpria a sua tarefa perante a finalidade para a qual nascera: produzir frutos!

Ah! Como o ser humano deveria, com os abundantes recursos que possui, imitar o exemplo daquela planta que, como tuna mão espalmada, cumpria o seu dever na existência, embora as condições adversas do seu plantio no seio da terra!

A vida no planeta Terra é um imenso pomar do Pomicultor Divino! Todos somos convidados a produzir bons frutos. Todos recebemos o carinho da atenção, o adubo da esperança, a energia do sol e a bênção da chuva. E o mais importante: ninguém está "plantado" em local errado, porque Deus não comete erros! Entretanto, prezado companheiro de jornada evolutiva, nos detemos nos mais pequeninos obstáculos que conseguem impedir a "florada" da existência perante a qual deveríamos produzir frutos imensamente saborosos.

No lar detemo-nos a analisar e criticar destrutivamente as imperfeições do companheiro ou da companheira que escolhemos para o trânsito da existência; nos filhos, apenas conseguimos ver os fatores que nos impedem termos dias tranqüilos porque a educação deles nos exige uma boa cota de trabalho para conduzi-los em direção ao caminho reto; no dinheiro "curto", lamentamos as aquisições dos vizinhos que, na nossa avaliação, têm aquilo que não merecem, aquilo que nos falta; da serviçal que nos atende nos trabalhos domésticos, destacamos apenas suas falhas como se também não tivéssemos as nossas; na falta de mais misturas, esquecemos aqueles que esmolam em vias públicas por uma dolorosa migalha que nos sobra à mesa; diante da roupa que não está lavada ou passada como gostaríamos, reclamamos ignorando aqueles que perambulam seminus pela indiferença dos seus semelhantes.

No trabalho, "tesouramos" os colegas que não sintonizam com a nossa simpatia ou o patrão que nos exige o cumprimento do dever. Protestamos contra o que ganhamos, contra as horas de trabalho honesto que nos permitem conquistar o pão de cada dia, esquecendo-nos dos pais desesperados que têm que retornar ao lar, após um dia de árdua procura, sem pão e sem emprego!

Reclamamos da gripe que nos visita o corpo e, sequer em oração, lembramos daqueles que jazem em sofrimento físico e moral pelos hospitais do câncer, da lepra, do fogo selvagem, das doenças infecciosas e de doenças mentais...

Enquanto reclamamos, o sol levanta-se pontual todas as manhãs, para que tenhamos luz e calor indispensáveis para a vida.

Enquanto reclamamos, a chuva desce sobre a terra de justos ! injustos, abençoando-nos na colheita do alimento.

Enquanto reclamamos, a flor desabrocha no jardim de nossa casa, sem que tenhamos tempo de contemplá-la na correria do dia-a-dia.

Enquanto reclamamos, o pássaro esvoaça na mensagem de eterna confiança em um Poder maior.

Enquanto reclamamos, as estrelas acendem os candelabros noturnos para a noite de refazimento.

Enquanto reclamamos, uma jabuticabeira esquecida floresce, cumprindo seu compromisso perante a vida, apesar dos obstáculos que enfrentou para cumprir a sua tarefa.

Mas SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque somos herdeiros da imensa escola da Vida, do imenso campo da sementeira Divina que jamais nos deixará de proporcionar a oportunidade de viver e servir àquele que caminha conosco por entre as agruras da jornada evolutiva, entendendo que o mal, por mais intenso, é passageiro, enquanto o bem não conhece fim na sua produção de frutos pela paz e felicidade sem limites...

SEMPRE EXISTIRA ESPERANÇA, porque seremos "plantados" por Deus, exatamente no local onde precisamos produzir nossos frutos.

Dia chegará em que deixaremos de ver os obstáculos para enxergar somente as oportunidades de trabalho, quando então, boquiabertos, entenderemos que o próprio obstáculo é uma oportunidade de serviço!

A paz

Concorda você, prezado amigo leitor, que a paz é o elemento essencial aos tempos em que vivemos atualmente?

Você seria capaz de concordar comigo que a paz, esse atributo indispensável à felicidade do homem durante a sua vida na Terra, é também incomensuravelmente indispensável no instante da morte?

Se concorda, o que fazer para conquistá-la? Se discorda, pense um pouco mais com calma e acabará mudando de opinião. Se há momento na existência de qualquer pessoa, quando a paz é o maior dos tesouros, esse momento é exatamente aquele minuto final em que nos despedimos da vida física.

Continuaremos, logo mais, essa discussão tão importante e útil a todo ser vivo que busca ser feliz.

Saía, em uma determinada manhã, para trabalhar, quando deparei, sobre o porta-malas do meu carro, com uma solitária abelha que esfregava as patinhas anteriores como se fosse um ser humano diante de um problema para o qual houvesse encontrado a solução tão procurada.

Percebendo que o pequeno e útil animalzinho se despedia de sua curta existência entre os homens, aconcheguei-o num local longe do sol e na calmaria de uma sombra acolhedora, onde pudesse aguardar o seu momento final, no clima da mesma paz em que vivera.

Perguntarão os leitores atentos: mas como sabe aquele que grafa estas páginas se o inseto vivera ou não em paz?

Já respondo. Antes, porém, gostaria de explicar que as pequeninas e operosas abelhas vivem muito pouco de acordo com a noção de tempo do ser humano. A abelha rainha tem a existência de aproximadamente dois anos. Dois anos de intenso trabalho dedicado à reprodução da espécie. As abelhas operárias, como essa que descobri sobre o carro, têm a curta duração de um mês de vida em média. Mas um mês de trabalho construtivo, incansável, cumprindo o que dela esperam as leis da vida. São quilômetros percorridos na procura da flor e no ir e vir entre esta e a colmeia.

Com isso, amigo leitor, já respondo a sua pergunta de como saber que a pequena abelha se despedia da vida em paz: todo aquele que cumpre o papel no campo positivo da existência, que devolve para a vida o fruto positivo de sua participação para o engrandecimento dessa mesma existência, parte em paz!

Admirando a abelhinha que se aninhava no colo da paz que fizera por merecer, percebi que foi se aquietando, até mergulhar no sono da morte.

Nesse mesmo instante, fiquei a pensar em quantos seres humanos que, nesse momento grave da existência física, não dariam tudo o que houvessem acumulado para que pudessem também partir em paz da Terra...

Como está difícil partir em paz diante dos apelos das recompensas imediatas da vida!

Peço licença para dividir com você o belo ensinamento de Emmanuel, através da abençoada tarefa de Chico Xavier, na página pelo Mentor intitulada de "A solicitação do Senhor".

Conta o honorável Benfeitor que um homem que se dizia muito infeliz, implorava constantemente pelo socorro dos Céus. Numa determinada noite, ele sonhou com um Mensageiro do Mundo Maior que lhe anunciou que suas preces haviam sido ouvidas, recomendando-lhe, porém, muita coragem para que recebesse o amparo tão solicitado.

Imediatamente, o homem orgulhoso interrompeu as recomendações do Mensageiro, dizendo que coragem era uma coisa que nunca lhe faltara, afinal de contas, havia escalado o monte mais inclinado daquela região; fora campeão de corridas por seis vezes; montara potros bravios e, por duas vezes, abatera onças no sertão.

Portanto, era um homem de muita coragem.

O representante do Bem, com muita paciência sorriu e explicou-se melhor:

— Meu amigo, a coragem que o Senhor da Vida pede, é a coragem de cumprir o próprio dever!

Entenderam agora, amigos leitores, por que não tive receio de afirmar que a abelha da nossa história partia em paz?

Coragem de cumprir o próprio dever!

Baseados nessa história de Emmanuel, precisamos perguntar, na intimidade da consciência, como temos demonstrado coragem em nossa jornada pela escola da Terra. Será que temos sido corajosos em responder, de imediato, a uma provocação no trânsito? Será que nossa coragem tem sido demonstrada por dizer "umas poucas e boas" àqueles que se atrevem a dirigir-nos uma crítica? Será que temos sido daqueles que "não deixam a batata assar", devolvendo injúria por injúria? Nossa coragem tem sido do tipo que suspeita do ganho financeiro do vizinho quando o contemplamos com um carro novo que não podemos ter? Temos demonstrado "coragem" diante da esposa, optando pelo machismo, para que ela saiba quem manda na casa? Somos daquele tipo de corajoso que enxota o pedinte do portão da nossa casa, mandando que ele arrume um emprego, ao invés de esmolar e aborrecer-nos na porta da residência? Nosso tipo de coragem é daquela que nos leva a estocar tesouros que as traças corroem e os ladrões possam roubar? Temos tido a coragem de bradar pela pena de morte, pelo aborto diante de situações que nos desfavorecem aos olhos do homem? Temos vencido muitas vezes a corrida de ir ao banco guardar dinheiro nas aplicações financeiras, submetendo a nós mesmos e aos familiares a uma vida de restrições, para que a conta bancária, que ficará na Terra, aumente cada vez mais? Nossa coragem tem nos levado a escalar por sobre a figura do semelhante, passando-o para trás, em troca de alguma vantagem imediata e materialista? A coragem que nos caracteriza o ser no momento atual é daquela que nos impulsiona ao adultério para demonstrar que somos machos de verdade, quando nos cabe ser homens? Somos daqueles valentões que demonstramos coragem, impondo nosso ponto de vista aos filhos, ao invés de tentarmos convencê-los através do diálogo aberto e respeitoso?

Dessa maneira, sempre lembrando o ensinamento do Benfeitor Emmanuel, cada um poderá ir analisando com que tipo de coragem tem assinalado a própria marcha no mundo dos homens.

Qual seria, entretanto, a coragem que a Providência Divina espera que venhamos a ter, para que possamos cumprir com o nosso dever na escola do planeta?

Como ser corajoso dentro do lar?

Sendo compreensivo, fraterno, sabendo renunciar pelo equilíbrio desse lar, respeitando a esposa, o companheiro, os filhos, os pais como Espíritos reencarnados com direito ao livre-arbítrio. Ou o nosso dever é impormo-nos aos familiares, tolhendo-lhes o direito da livre sementeira e da colheita obrigatória?

Absolutamente, não estou afirmando que devemos nos omitir nas orientações aos filhos, nas discussões respeitadas entre os cônjuges, na troca de idéias sempre bem-vindas ao ambiente vibratório do lar. E nosso dever tudo fazer para que a casa, seja ela de tijolos, de tábuas, de folhas, de papelão, tenha em seu interior as condições de ser um lar! Isso é ter a coragem para cumprir aquilo para o qual nascemos um dia.

Qual seria nosso dever no trânsito conturbado do dia-a-dia que nos convida ao mau humor e atitudes agressivas?

Compreender que aquele que tenta levar-nos ao desequilíbrio no trânsito, deve estar vivenciando momentos de problemas que, felizmente, não nos atingem no mesmo instante em que escutamos uma buzina agressiva, um palavrão, uma manobra ilegal.

Qual seria nosso dever no ambiente de trabalho?

No meio de tantas notícias de pessimismo, sermos o elemento do otimismo, da esperança, da melhoria vibratória do local que nos permite o ganho honesto do pão de cada dia, enquanto tantos pais buscam desesperados uma oportunidade de trabalho.

Qual seria nosso dever perante a saúde física que nos proporciona o instrumento adequado para a jornada na escola do planeta?

Cuidar que a alimentação seja equilibrada, sem exageros, sem atender à gula, sem envolver-nos com os mais diversos tipos de vício que

possamos enumerar. É de nosso dever a execução de alguma atividade física que nos proporcione alongar a bênção da saúde, evitando partir como o peru, na véspera.

Qual seria nosso dever diante da saúde emocional, muitas vezes tão esquecida?

A vigilância dos pensamentos para que não abramos a porta do mundo íntimo para sugestões nocivas ao nosso bem-estar físico e mental! Já pararam para pensar nas pequenas doses de suicídio que cometemos nos momentos de explosão, de luxúria, de ciúme, de comentários desprovidos de verdade sobre a vida alheia?

Precisamos da coragem de cumprir com o próprio dever como teve a pequenina abelha que da vida se despedia em paz.

Lembro-me de um dia terem perguntado a Chico Xavier se ele temia a morte. Quando pensei que ele fosse responder que não, pois convivia com o outro lado da existência no seu dia-a-dia com muita naturalidade, o mineiro doce respondeu que não temia a morte porque se considerava como uma pessoa que havia dado o recado que a Providência Divina lhe encarregara de dar aos homens.

Ou seja, havia tido a coragem de cumprir o próprio dever! E de quanta coragem precisou?!

Estava, pois, preparado para ter paz também no instante da morte.

Mas se ainda não somos como a abelha que, durante trinta dias, sem interrupção, é fiel ao seu dever ou como o Chico, que durante noventa e dois anos (!), teve a coragem de permanecer no cumprimento da sua tarefa, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque nunca faltarão oportunidades para o trabalhador desejoso de trabalhar na construção do reino de Deus em si mesmo!

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para todo aquele que decidir ter coragem de lutar contra as próprias imperfeições, cultivando compreensão e ternura para com as imperfeições alheias. Você concorda que não é um preço muito caro para termos a paz, principalmente na hora em que tivermos que voltar para a devida prestação de contas?

A lagarta e o asfalto

Caminhava por uma rua de pouco movimento, quando vi uma lagarta que parecia uma sanfona, abria-se e se fechava, com os movimentos característicos desse animal que se locomove, encolhendo e esticando o próprio corpo.

Devido ao seu pequeno tamanho e aos movimentos lentos, a largura da rua representava para ela uma distância considerável.

No primeiro terço do percurso, algumas formigas famintas resolveram, por razões que desconheço, que o inseto seria um delicioso prato para ser saboreado e tentaram ferroá-la para, em seguida, devorá-la.

Ato contínuo, assim que a solitária lagarta se viu ameaçada, acelerou os movimentos de contração e extensão do corpo, ericando ao mesmo tempo alguns pêlos que lhe recobriam a superfície, numa luta vigorosa para espantar o ataque inimigo.

Tanto fez que o grupo de formigas resolveu banquetear-se com algo que fosse mais fácil de ser capturado.

Novamente, no mesmo ritmo anterior, a dona lagarta abria e fechava a sua "sanfona", rumando em direção ao outro lado da calçada.

Continuei observando o pequeno animal.

Já no meio do percurso, deparou-se a nossa conhecida com uma poça de água bastante grande se comparada fosse ao tamanho da lagarta.

Assim que encostou na primeira porção de água, retraiu-se e foi, lentamente, contornando o obstáculo hídrico como se tivesse medindo a poça. Caminhava um pouco em círculo, tocava a água, retraía-se e seguia adiante, conseguindo, finalmente, fazer um semicírculo e ficar livre de mais aquele problema na sua trajetória.

Pensei comigo: acho que agora ela chegará ao outro lado sem mais dificuldades.

Engano meu. Um pássaro faminto fez um vôo rasante sobre o animal que se arrastava, obrigando-o a acelerar os movimentos de vaivém para alcançar uma fresta entre duas guias da sarjeta que lhe permitiu salvar-se do ataque aéreo.

O pássaro ainda tentou, com o bico, alcançar o apetitoso alimento sem o conseguir, já que a nossa heroína foi o mais fundo que o buraco permitia, salvando-se mais uma vez.

Como sempre torcemos pelo lado que está mais fraco, fiquei feliz com a vitória da lagarta que logrou, finalmente, alcançar o outro lado da rua, após uma longa caminhada para ela.

De repente, saí do divertimento de contemplar todo aquele desenrolar de lutas sucessivas do pequeno animal, ficando a meditar como seria bom que o homem tivesse a mesma disposição para lutar, imitando a pequena lagarta que tudo fizera para alcançar o outro lado da rua, superando os problemas, com muita coragem na medida em que eles foram aparecendo em sua jornada.

Pois é, meu amigo. O homem, que já atingiu a capacidade de pensar, que é um ser racional, que atingiu a supremacia do desenvolvimento na escala animal, deveria partir para refletir nas atitudes da pequena amiga da história.

Diante dos fatos ameaçadores da nossa travessia na jornada terrestre, deveríamos demonstrar a mesma disposição de manter a trajetória, sem grandes desvios em direção à meta a ser alcançada. No entanto, mesmo com os imensos recursos que detemos no veículo físico e no mental, somos derrotados pelo desânimo, tantas vezes!

Diante do ataque das formigas, a amiga lagarta contorceu-se de um lado, virou-se para outro, encolheu-se, espichou-se, mas conseguiu safar-se no momento em que sua vida corria perigo e permaneceu firme no propósito de atingir o outro lado da rua, movida por um instinto primário. Que fazemos nós, quando em situação que nos recorda tal posição? Executamos movimentos que nos lembram o contorcionismo da lagarta através de reclamações, de lamentos, de imprecações contra a Providência Divina e, muitas vezes, não conseguimos prosseguir em direção ao outro lado que representa a solução do problema, em um clima de resignação e fé inabalável em Deus. Não prosseguimos em direção ao porto seguro das soluções que caracterizam o ser humano racional e provido de tantos conhecimentos para manter o rumo firme de sua jornada na Terra.

Diante da enorme poça de água, a lagarta foi tocando as margens do líquido e procurando um ponto que indicasse o fim do obstáculo para prosseguir firme em direção ao outro lado da rua. O interessante é que o ser humano, muitas vezes, faz exatamente o contrário: ao invés de procurar um ponto na situação complicada que lhe permita a solução do momento difícil em que vive, vira as costas para o obstáculo e sai a bradar contra Deus que permitiu que uma situação tão problemática o atingisse. Esquece-se de mobilizar os enormes recursos que possui para as soluções que a vida muitas vezes exige de todos. Tocamos na "poça de água" das dificuldades que temos que enfrentar e superar e não procuramos aquele ponto que permite que contornemos a dificuldade, recuando no enfrentamento, por fraquejarmos em nossa fé.

O pequeno animal, diante do ataque do pássaro faminto que queria transformá-lo em refeição, alcançou, com grande esforço, o vão das guias de sarjeta e ali se abrigou do agressor mortal.

Ah! Que inveja, não? Soubesse o ser humano abrigar-se nas trincheiras de sua fé e conseguiria vencer qualquer obstáculo da vida. E por que não conseguimos isso? Por que não atingimos a nossa fé como procurou a lagarta, sob riscos sucessivos, alcançar rapidamente a proteção de que necessitava? Quando tudo vai bem na vida, ingenuamente julgamos que ter fé é cumprir algum ritual de visitarmos o templo de nossa crença segundo as convenções agendadas durante a semana, quando fé é a convivência íntima e diária do filho com o Pai e Criador. Aquele que possui a verdadeira fé, não tem a necessidade de sair correndo no momento difícil de sua existência para alcançá-la. Aquele que mantém a convivência íntima e constante com Deus, já está abrigado e provido de todos os recursos para encontrar as soluções que as situações exigem. Vejam bem, amigos leitores, estar preparados para encontrar as soluções, não significa dizer que se fique a aguardar que elas, num passe de mágica, lhes caiam nas mãos.

Contudo, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque se a pequena lagarta conseguiu atravessar o trajeto de um lado para o outro da rua,

vencendo as dificuldades que apareceram, nós, seres humanos que estamos milênios além na evolução da vida, temos, se quisermos encontrar para utilizar, infindáveis recursos para passar da margem da imperfeição para a outra margem da perfeição na nossa trajetória, na nossa caminhada para a qual fomos todos criados e providos pela Providência Divina.

Que venham os "ataques das formigas", a enorme "poça de água" das dificuldades humanas, os "ataques" dos problemas que testam a nossa resistência, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque uma fresta nas "guias de sarjeta" do Amor de Deus, sempre proporcionará aos filhos a proteção adequada para cada momento de dificuldade.

O portão

Em um lote de quinze metros de frente por quarenta e cinco de profundidade, conjugado à residência de determinado casal, dela separado por muro de alvenaria, uma família recolheu uma cadela da rua, coberta de sarna, castigada pela fome e pelo desprezo do ser humano.

Nesse terreno, ela foi tratada, alimentada e recebeu uma casa de madeira, coberta de plástico, para que não entrasse chuva, que foi instalada debaixo de uma frondosa mangueira.

Ali a cachorra tinha o seu alimento e o carinho nas horas em que as atividades dos moradores permitia.

No muro de separação existia pequeno portão que dava acesso ao lote para a devida limpeza do local.

Todas as vezes em que alguém ia ao terreno vizinho, a cachorra, em vez de ficar bem acomodada em sua casa, ficava junto ao portão, aguardando que o abrissem e adentrassem o local, conferindo ao animal uma imensa alegria.

O portãozinho era, para ela, a comunicação com uma espécie de paraíso, representado pela residência onde sabia que se encontravam as pessoas, além de quatro cachorrinhos adotados anteriormente, cada um de raça diferente da outra.

Meditando sobre a atitude da cachorra, os moradores ficaram a pensar que ela, como que renunciava a todo o conforto que a sua moradia de madeira, confortavelmente instalada sob a mangueira, lhe proporcionava, para ficar ao sol, aguardando o portão se abrir e colocá-la em contato com o mundo do lado dos seus novos donos que, na interpretação do animal, representava o paraíso na Terra.

Amigo leitor, permita-me fazer-lhe uma pergunta: você tem preferido ficar instalado no conforto do mundo, ou prefere ficar ao lado do "portão" que lhe proporcione a oportunidade de servir e o coloque em contato com o mundo do bem e dos Espíritos a ele dedicados?

O que acha você que os homens têm preferido: servir ao mundo ou servir-se do mundo?

Quem lhe parece mais inteligente? A cachorra que optava por esperar ao lado do portão sob o intenso calor do sol, ao invés de ficar confortavelmente instalada em sua casa sob o pé de manga, aguardando a oportunidade de ir para um local melhor na concepção dela, ou o homem que se instala, preguiçosamente, no conforto que o mundo lhe oferece, esquecendo que, quando o corpo de carne acabar, terá ele que passar pelo portão do mundo vibratório dos encarnados para os desencarnados, no mecanismo de recolher a colheita da semente realizada, podendo ir para um lugar melhor?

A vida imortal é uma só. Ora estaremos na dimensão dos Espíritos desencarnados, ou seja, fora de um corpo material, ora dentro de um corpo de carne que é o uniforme que usamos nas escolas dos diversos planetas em que estivermos estudando, até atingirmos a perfeição. Comunicando essas duas dimensões da vida única, existe uma espécie de portão vibratório através do qual retomamos para a escola da vida física e, da mesma forma, perdendo o corpo material, voltamos para a morada dos desencarnados que é o nosso lar definitivo.

O grande problema surge quando essa passagem se abre, colocando-nos junto a valores materiais da vida no planeta. Devido a nossa pouca evolução, comportamo-nos como crianças para as quais se abre um parque de diversão com os mais diferentes tipos de brinquedos. Lançamo-nos em direção aos prazeres da vida na Terra que satisfaz aos apelos imediatos da carne, distanciando-nos e, o que é pior, esquecendo-nos de que, um dia, o portão entre as duas vidas, num movimento de vaivém, chamar-nos-á de maneira inevitável ao retomo para a dimensão dos espíritos.

Você, amigo leitor, tem sabido não ficar muito longe dele? Tem cumprido seus deveres, sem entregar-se inebriado aos apelos constantes da vida no corpo de carne?

As grandes almas, aquelas que voltaram vitoriosas para o lado espiritual da vida, souberam lembrar-se e comportar-se no mundo sem esquecer essa porta do tipo vaivém que, a qualquer momento, realiza o seu chamado que não pode deixar de ser atendido.

Quantos não são apanhados de surpresa com os seus corações contendo o dinheiro farto depositado nos bancos?

Quantos não são chamados no auge do poder material?

O que dizer daqueles cujo portão vibratório se abre no momento de uma sobredose de tóxico ou na execução de um crime qualquer?

São muitos que contavam ficar na Terra por longos anos e, entretanto, o portão de vaivém abriu-se, inapelavelmente, de uma hora para outra?

Como contabilizar os desesperados que procuraram segurar-se na dimensão material no momento em que seus portões se abriram, convocando-os para a outra realidade da existência?

O que dizer das criaturas horrorizadas que tiveram que "atravessar" para o outro lado, quando detinham tudo que alguém desavisado possa querer?

Quantos tiveram que partir no auge da saúde material, embora não compreendessem as enfermidades espirituais de que eram portadores?

Por tudo isso, amigo leitor, e por tudo o mais que cada um poderá analisar, é bom não nos distanciarmos muito desse portão vibratório que se abre sem perguntar se queremos, se está na hora, se estamos preparados ou não.

Lembre-mo-nos da cachorra do lote que deixava sua confortável casa com água limpa e comida, debaixo de frondosa mangueira, para ficar de prontidão ao lado do portão que poderia se abrir a qualquer momento, mesmo sob o calor do sol do meio-dia, trazendo-lhe as companhias agradáveis que esperava com muita alegria.

Se soubermos ficar também de prontidão, atentando para o alerta de Jesus de que, onde colocarmos nosso tesouro, aí também estará nosso coração, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque saberemos colocarmos-nos o mais próximo possível dessa passagem inexorável para todos, fugindo do canto de sereia dos prazeres do mundo.

SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque, como dissemos anteriormente, o "portão" vibratório que coloca em contato a dimensão espiritual com a material, executa o movimento de vaivém, permitindo-nos "partir para lá" como "retomar para cá", na reconstrução de tudo o que não fizemos de acordo com a própria consciência.

Quando o nosso "portão" se abrir, poderemos partir para encontrarmos a felicidade e a paz que aguardam todos aqueles que souberam no mundo fazer ao seu semelhante aquilo que gostariam que a eles fosse feito.

A torre

O pai atento observava o interesse do filho que contemplava a altiva torre metálica que se elevava a vários metros do solo.

Essa estrutura metálica tinha uma base larga de aproximadamente quatro por quatro metros como se fosse uma poderosa garra a firmar-se em chão firme, terminando em seu topo com a dimensão de um por um metro, o que levou a uma observação do rapazola ao pai:

— Pai, repare como a parte que está aqui junto de nós, em chão firme, é bastante larga e a porção que contém as diversas antenas de canais de televisão é estreita, dando a impressão de que é frágil, se comparada à parte que se finca no chão! O senhor também não tem essa sensação?

— Meu filho, se a impressão que pode transmitir é a que você está descrevendo, podemos ter a certeza de que os engenheiros realizaram cálculos seguros que permitem a essa pesada e imponente torre se manter em pé com segurança, cumprindo a função para a qual foi criada.

Dando uma pausa ao filho que continuava a observar a torre metálica, o pai retornou ao assunto:

— Gostaria de comentar um aspecto da vida humana que essa torre me faz lembrar, meu rapaz. Se você interpretar a base dela, como sendo a fé, e as variadas antenas que estão no alto como os problemas da existência de cada ser aqui na Terra, podemos concluir que os problemas somente surgem quando a fé já está suficientemente forte para enfrentá-los com chance de vencê-los!

— Como assim, papai?!

— Vou explicar melhor. O ser humano tem o hábito de analisar a vida do seu semelhante, reparando apenas nas coisas boas que possa visualizar. Esse costume passa de geração para geração. Vivemos dizendo que os outros não possuem problemas, enquanto que em nossa vida os problemas parecem brotar do nada. Aqueles que, muitas vezes, passam pela existência sem ter que enfrentar grandes dificuldades, mesmo vivendo uma vida egoísta, são as "torres" que ainda não possuem a base forte de uma fé que lhes permita encontrarem-se com as dificuldades e vencê-las. Não estão, em hipótese alguma, ludibriando, enganando as Leis de Deus, como julgamos. E que o Amor sabe que não adianta apresentar, naquela existência a conta da vida à "torre" frágil daquele ser que ainda não se assentou sobre uma fé sólida. Dessa maneira, em nosso julgamento precipitado, ficamos com a falsa impressão de que existem criaturas que levam uma vida de enganos, de erros, de desequilíbrios lesando ao semelhante e que parecem fugir à reparação que a Lei maior exige no devido tempo.

Como coloquei no início, as variadas antenas de televisão fixadas no topo da torre, representam os problemas, resultados da semeadura de enganos no exercício do livre-arbítrio de cada um. Deus é tão bom que aguarda que haja uma fé mais consistente, representada pela base sólida da torre, encravada em solo firme, para fixar as antenas que representam as conseqüências dolorosas dos desequilíbrios de cada um perante a própria consciência. De posse dessas "antenas problemas", passaremos a servir e, servindo, resgataremos-nos diante de nós mesmos. Entendeu, meu filho?

Não, o jovem não havia entendido em toda a sua profundidade, as colocações filosóficas do pai. Continuava a admirar a beleza e a segurança daquela construção metálica que apontava para o céu, sem se preocupar com os assuntos da Terra e dos homens.

E você, amigo leitor, tem ficado com a sensação de que determinadas criaturas passam pela vida indiferentes aos problemas alheios, mergulhadas numa existência egoísta, sendo causa dos sofrimentos dos outros, de maneira impune? São "torres" sem base suficiente para receber a conta da vida na figura simbólica das "antenas" que confeccionam para si mesmas, em cada desequilíbrio em que se permitem realizar na posse do livre-arbítrio.

Meu amigo, quando e se esses pensamentos lhe assaltarem as emoções convidando-o ao desânimo, tenha a certeza de que ninguém, simplesmente ninguém, consegue burlar as Leis de perfeição absoluta que vigiam o Universo nos mais longínquos recantos onde nem a nossa imaginação consegue identificar.

De passagem, devemos sempre lembrar que os Espíritos inimigos do bem gostam muito desse tipo de brecha mental pela qual se insinuem, levando-nos a idéia da inutilidade de procurarmos viver no caminho reto, de que lutar pelo bem de nada adianta. Em muitos casos, infelizmente, esses lidadores do mal conseguem grandes resultados.

Para rechaçarmos tais insinuações mentais, devemos lembrar o exemplo da torre que segura, em seu topo, os mais variados tipos de antenas. A base sólida muito bem sedimentada no solo, proporciona a segurança necessária para que isso seja possível.

Se fizermos um exercício de raciocínio poderemos comparar a base da torre à fé solidamente fincada no campo da certeza que aniquila a dúvida. As antenas colocadas na extremidade superior da estrutura metálica, podemos compará-las aos problemas que representam os momentos de desequilíbrios pelos quais passamos e que agora retomam para serem superados através da nossa sintonia com as sugestões do bem.

Assim, meu amigo, a idéia de que as pessoas desonestas ou indiferentes com a dor alheia estão escapando à sentença da Lei maior, é uma mera ilusão. Responderão, no devido tempo, centavo por centavo, de cada comprometimento com o mal. Apenas não possuem sequer condições de receber, parceladamente, a conta da vida. São "torres" frágeis que não suportariam as "antenas" dos débitos contraídos na semeadura livre que realizaram perante a própria consciência.

Entendendo essa imagem que podemos criar com os conhecimentos que Deus permitiu que adquiríssemos na jornada evolutiva, coloquemos bem longe de nós os momentos perigosos em que julgamos que os maus colhem os louros de uma vida tranqüila, e aqueles que se esforçam por uma existência de grande luta interior contra os defeitos que reconhecem possuir, são derrotados por um destino injusto.

Para todos os seres, absolutamente para todos, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque, segundo a vontade do Pai, todos fomos criados para sermos as "torres" sólidas do amor a exhibir, no topo, as "antenas" sintonizadas com a fonte inesgotável da Vida Maior que preenche os infinitos recantos do Universo, Casa do Pai, para onde sempre voltaremos como o filho pródigo, esperado com muita alegria.

O terrário

Não posso iniciar de outra forma, a não ser explicando o que é um terrário. Embora o nome possa parecer estranho, não fica difícil de explicar e de entender o que é esse objeto. Sim, porque o terrário é uma espécie de aquário, só que em vez de acolher peixes, ele é adaptado para receber aranhas. É isso: um recipiente de vidro que procura fornecer à aranha que aí irá viver um ambiente o mais parecido possível com o que ela ocuparia na natureza. Dessa maneira, no interior dessa peça, o animal poderá viver durante um determinado período de tempo.

Com o objetivo de ensinar de maneira mais prática as lições de zoologia relacionadas às aranhas, uma determinada escola mantinha um terrário com uma representante das chamadas caranguejeiras de aspecto tão assustador, embora de poder ofensivo pequeno.

Numa determinada manhã, uma pequena aluna do primário procurou aflita a professora ligada aos ensinamentos sobre o animal e, de olhos muito abertos e expressão de preocupação, assim se dirigiu à mestra:

— Professora! A nossa aranha morreu! Foi comida por uma aranha maior e mais feroz que entrou no terrário. Venha ver depressa!

A professora segurou na mão da pequena e a acompanhou em passadas ligeiras até o local onde se localizava o terrário. Ao observar a cena, esboçou um leve sorriso, afagou a cabeça da menina e iniciou o diálogo:

— Ah! Meu bem! A nossa velha amiga aranha está aí mais bela e tranqüila como sempre.

— Mas professora - dizia a aluna aflita - olha o esqueleto dela ali ao lado da outra aranha maior! Se a nossa não morreu, deveriam existir duas aranhas e não uma no terrário!

— Vou explicar-lhe. O que você está vendo ao lado da aranha maior é o próprio esqueleto dela, minha filha!

A pequena arregalou os olhos de espanto, exclamando:

— Mas, professora! Se a senhora está dizendo que é um esqueleto, como ela pode estar viva?!

— Calma, que você vai entender tudo direitinho. As aranhas possuem em volta do seu corpo um esqueleto de substância dura como se fosse uma armadura que os cavaleiros usavam na Época Medieval. Como elas precisam crescer e essa substância não se mexe, a natureza providencia para que ela se rompa de tempos em tempos, libertando o corpo da aranha que já formou uma nova proteção externa, denominada exoesqueleto, permitindo assim que o animalzinho cresça. É por isso que você viu essa espécie de esqueleto e pensou que ela tivesse morrido devorada por uma aranha inimiga. No entanto, aí está a nossa amiga renovada e com a sua nova roupagem. Entendeu?

— Ufa! - balbuciou a pequena. - Pensei que ela tivesse morrido mesmo. Ainda bem, professora, que a gente não precisa crescer dessa maneira, não é mesmo? Deve ser dolorido ir se espremendo até arrebentar essa casca de fora! - arrematou a pequena aliviada.

— E, minha filha. Mas, de uma certa maneira, também crescemos assim. Os homens para crescer interiormente em moral, em equilíbrio no campo do bem e do amor, também precisam quebrar a armadura da vaidade, do egoísmo e do orgulho, meu bem. Eles sofrem muito mais do que a aranha para conseguir quebrar essas armaduras! Transitamos inúmeras vezes pela Escola da Vida onde o martelo da dor bate nessas carapaças até quebrá-las para deixar-nos crescer para Deus!

A pequena que se distanciara a brincar com as amiguinhas do educandário, não escutara essa última e mais importante lição da sábia professora...

Pois é, meu amigo leitor. Talvez a ficção da literatura e cinema denominada de homem-aranha seja, extrapolando o personagem para o campo da meditação, uma realidade em nosso crescimento espiritual. Para evoluirmos rumo à perfeição para a qual fomos criados, um dia, pela Providência Divina, empregamos o mecanismo semelhante ao da aranha em seu crescimento, quebrando a carapaça externa de nossas imperfeições, para que o homem novo possa ir surgindo com muito esforço.

O progresso é da Lei. Fomos criados como seres perfectíveis e não perfeitos, ou seja, seres que carregam o potencial de crescimento que terá de ser realizado pelo esforço próprio. Não foi isso que Jesus quis dizer, quando afirmou que quem desejasse segui-lo, tomasse a sua cruz e o seguisse?

Muitas pessoas, assistindo ao mau emprego que o homem faz do progresso, interpretam-no como um perigo para o ser humano. Por exemplo, quando Santos Dumont, através da sua genialidade, colocou no ar um aparelho pesado que voava, ele assim procedia, pensando no progresso da humanidade, que poderia encurtar de maneira sensível a distância entre os povos. No entanto, o homem, apoiado em seu livre-arbítrio, empregou mal essa conquista e encheu o avião de bombas, transformando-o em mortífera máquina de guerra contra o próprio semelhante. Culpa do progresso ou do homem que não soube usá-lo apenas para o bem?

Quando o homem descobriu no ópio a possibilidade de retirar substâncias que aliviariam as dores nos casos de doença, como mais um progresso em favor de si mesmo, não era plano da Providência Divina que o ser humano passasse a se drogar com essas substâncias ou derivadas suas. Essa decisão que promove o desequilíbrio foi um desvirtuamento realizado pela criatura e legitimado por seu livre-arbítrio. Não fazia parte dos planos de Deus.

Ao descobrir os ingredientes que criaram a nitroglicerina, poderoso explosivo, o homem deveria empregá-la na abertura de estradas através das rochas, promovendo o progresso e não transformá-la em arma de destruição. A parte negativa dessa conquista foi uma decisão tomada, amparada na liberdade de procedimento que o ser humano possui. Quem desonrou o progresso foi a criatura e não o Criador.

A ciência atual pesquisa os possíveis benefícios das chamadas "células tronco" que são células muito jovens, encontradas em fetos em formação por exemplo, procurando maneiras de empregá-las na recuperação de vários doentes e doenças. É o aspecto positivo do progresso.

Entretanto, recentemente uma revista de grande circulação nacional trouxe uma reportagem, mostrando que, na Rússia, uma clínica de estética comprava fetos, que estavam sendo gerados, de mães que os vendiam ao preço de 200 dólares, para deles retirar as famosas células tronco que seriam capazes, numa afirmativa sem comprovação, de promover o rejuvenescimento nas pessoas. Mais uma vez o progresso desvirtuado pelo homem.

Se você concorda comigo que o progresso na intenção do Criador é eminentemente positivo e construtivo, devemos receber e aproveitar as oportunidades para o crescimento do homem e do ser espiritual sobrevivente aos valores materiais.

Precisamos, na conquista do crescimento moral - a mais difícil batalha que um ser terá de travar, porque é a luta sem tréguas contra suas imperfeições - imitar o mecanismo da aranha que, para crescer, rompe com seus limites exteriores, permitindo surja um animal maior e mais forte. Nesse sentido, precisamos, urgentemente, lembrar-nos do "homem aranha" da ficção e trazê-lo para a prática do dia-a-dia.

Quando a ofensa nos atingir, empreguemos o mecanismo do homem-aranha, rompendo a carapaça do orgulho que nos recomenda revidarmos.

Quando algum olhar suplicante nos alcançar, utilizemos o mecanismo do homem-aranha, rompendo a indiferença que nos sugere ignorarmos o sofrimento alheio.

Quando a palavra mal colocada no trânsito nos levar ao desequilíbrio da resposta agressiva, façamos uso do crescimento do homem-aranha para rompermos com os limites que nos têm cerceado o crescimento anos a fio.

Quando a discussão no lar nos convidar ao revide de dizer poucas e boas, recorramos ao mecanismo de crescimento do homem-aranha, rompendo com as amarras externas para que possamos alcançar a mansidão do Cristo.

Quando a morte visitar um ser querido, socorramo-nos do mecanismo de crescimento do homem-aranha, confiando que a morte da forma libera a essência, assim como o frasco do perfume quebrado espalha o doce aroma pelo ambiente, aniquilando a idéia de fim irremediável.

Quando os apelos inferiores, que ainda se ocultam em nossas almas, aguardando sorrateiros a menor oportunidade para sintonizar-nos com o erro, utilizemos o mecanismo de crescimento do homem-aranha, rompendo com o passado de desacertos.

Na posição de comando, quando os resíduos da vaidade, que maculam o nosso ser, gritarem pelas vantagens desonestas, utilizemos do recurso do crescimento do homem-aranha, para que consigamos fulminar essa carapaça responsável por tanto atraso em nosso desenvolvimento moral.

Quando a vida bem equilibrada, no sentido financeiro, nos induzir ao esquecimento daqueles que não possuem sequer a migalha do que nos abençoa o lar, lembremo-nos do mecanismo de crescimento do homem-aranha, para que o engessamento exterior do egoísmo possa ser rompido, libertando-nos em direção do crescimento para o qual fomos criados.

Apesar das dificuldades SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA, porque todos estamos no "terrário" do planeta para, com coragem e luta incansáveis, nos aprimorarmos, rompendo amarras, à semelhança do aracnídeo que cresce e desmorona seus limites exteriores, dirigindo-nos para o objetivo da perfeição, meta de todos nós, fatalidade de todo Espírito, a partir do momento em que foi criado na obra perfeita do Pai.

Os cães

Enquanto caminhava pela manhã para que a máquina física não enferruje mais, vi uma pobre cachorra que caminhava com dificuldade, por ter algum tipo de ferimento em uma das patas dianteiras. O animal fitou-me com o olhar súplice que alcançou o fundo da minha alma.

A linguagem da dor é universal, não necessita de palavras, não se perde em idiomas. A fome, a sede, a solidão, a sensação de abandono fazem brotar mensagens não audíveis, mas visíveis no ser racional ou irracional que delas padecem.

Contemplei, com amargura, o animal que se afastava nessas condições, acompanhando-o com o olhar, quando vi que outros cachorros se aproximavam, agitando a cauda em demonstração de alegria e saltitando felizes no encontro com a companheira ferida na pata e na alma. Aliás, todos eles eram seres feridos no mais profundo da sua sensibilidade pela indiferença e maus tratos do ser humano que se julga tão pródigo de bondade.

Fiquei observando que o animal, cujo ferimento na pata dianteira lhe expunha os tendões dos músculos, contagiou-se com a alegria do grupo, seguindo com eles, em busca de algo mais ameno em suas existências. Aquela cachorra ferida na parte física e no componente emocional pelo abandono, conseguia ser feliz junto aos outros da sua espécie!

Fui a meditar, pelo resto da minha caminhada, se fosse um ser humano que portasse um ferimento daquela gravidade na parte física, a felicidade encontraria guarida em seu humor?

Meditei mais: quantos seres humanos, animais racionais, ponto máximo da evolução do planeta, conseguiriam caminhar com alegria, transportando ferimentos na alma?

Meu amigo, quantos seres humanos você conhece que jazem, senão felizes, pelo menos conformados em leitos de hospitais?

Quantos cegos de nascença você poderia citar e que não se abatem pela escuridão?

Quantos lábios conseguiria você mencionar que não se abrem em lamentações e protestos por encontrarem-se aprisionados em cadeiras de rodas pelo resto de uma existência?

Quantos pais velam confiantes na Providência Divina ao lado de um filho deficiente físico ou mental num leito de dor?

Quantos lares visitados pela morte de um ser querido não se levantam em brados de impropérios contra a sorte da qual se dizem abandonados?

Quantas enfermidades incuráveis encontram a resignação de um coração confiante na justiça inabalável do Criador?

Pois é, meu amigo. Aquele animal caminhava, abanando a cauda entre os demais componentes do grupo que tivera a felicidade de encontrar por aquela rua da existência, mesmo sem ter os recursos da inteligência que possuem os homens!

As causas dos sofrimentos atuais, ensina *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, se não encontram origem na presente existência, haverão de proceder de causas passadas em existências anteriores, porque a Justiça absoluta não permite que dor erre de endereço.

Mesmo sabendo disso, mesmo podendo raciocinar com esses recursos de tamanha perfeição, não conseguimos nos comportar como o animal da rua solitária que, não tendo essas mínimas informações sobre a Justiça que não nos desampara, soube encontrar motivos para ainda ser feliz!

Passando da causa física para as causas emocionais, perguntaria a você quantas pessoas do seu conhecimento não freqüentam consultórios de psiquiatras, de psicólogos, em busca de orientações para os problemas do seu eu profundo?

Quantas mães não carregam, por toda uma existência, revolta camuflada, mágoa velada contra o Criador porque um filho amado a antecedeu na viagem da morte física?

Que quantidade do sentimento de ódio não atravessa a barreira do túmulo, acompanhando os seus cultores, a gerar a infelicidade na Terra como nas regiões espirituais, onde explodem em processos obsessivos de difícil tratamento?

Quantos casais que se separam não cultivam pelo cônjuge um sentimento de vingança e alimentados pelo orgulho, vigiam a vida do outro, na esperança doentia de vê-lo dar-se mal ainda nesta existência?

Que quantidade de inveja não é lançada na psicofera do planeta onde vivemos, quando alguém vê o seu semelhante na posse de um carro novo, de uma residência confortável, em uma situação financeira cobiçada? Nessas ocasiões a inveja se materializa através de expressões como essa: "Não sei onde arruma tanto dinheiro! De trabalho honesto é que não é!"

Meu amigo, se ocasiões como essas ameaçam a sua paz interior, lembre-se do animal daquela rua, que, mesmo abandonado pela insensibilidade do ser humano, passando fome, sede, frio, dor e, o que é pior, desprezo, conseguia ser feliz junto aos seus semelhantes que seguiu, mancando e abanando a cauda, numa demonstração de felicidade possível em condições adversas aqui na Terra!

Não deixe que o orgulho o impeça de aprender com a Natureza que é a manifestação diária do Criador entre suas criaturas.

A pedra aceita ser triturada para participar, positivamente, do alicerce que ergue a casa que o abriga.

Os vegetais oferecem seus frutos e sombra a justos e injustos.

Os pássaros voam felizes, chilreando aos seus ouvidos, mesmo após ter seus ninhos destruídos pela chuva forte.

A flor não se nega a enfeitar a casa do bom ou do mau, servindo sempre em cumprimento à determinação às Leis Divinas.

Por que somente o homem, ser racional, se detém nos lamentos sem fim, sentando-se, como criança teimosa, na estrada da evolução, esbravejando em vão contra os desígnios do Criador?

Você, meu amigo, não deseja ingressar na escola dos Espíritos adultos, daqueles que desejam continuar sua obra no bem, apesar das dificuldades da vida?

Por acaso você pensa que os anos de existência física de Chico Xavier foram fáceis? Desconhece você que, muitas vezes Chico enxugava, ocultamente, as lágrimas, para continuar atendendo com o sorriso constante?

Crê você que madre Tereza de Calcutá tenha tido uma vida sem obstáculos, para continuar servindo os necessitados do mundo?

Aposta você que a irmã Dulce, a freira baiana que se alimentava com um danone diário, implorasse por suas crianças abandonadas, sem conhecer problemas na vida particular?

Sabia você que Teresa de Ávila percorria as portas dos palácios da Terra, recolhendo esmolas para os seus pobres, suportando insinuações de homens de desequilibrados sentimentos e, por isso mesmo, desejosos de possuí-la, como mulher?

H Acredita você que foi fácil a Francisco de Assis optar pelos valores do espírito, recusando a fortuna que o pai lhe oferecia, como rico negociante?

Não, meu amigo! Essas grandes almas feridas no corpo e nos sentimentos pela incompreensão do mundo, souberam continuar felizes por entre os obstáculos da existência, continuando a servir sorrindo, porque confiavam na brevidade da existência física e de seus problemas, e na eternidade das bem-aventuranças!

Aceitaram ser as pedras para um alicerce de um mundo melhor. Estenderam a sombra do seu amor para o bom e para o mau. Num canto de fé, imitaram os pássaros após a tempestade. Souberam perfumar de esperanças seus dias na Terra!

Portanto, SEMPRE EXISTIRÁ ESPERANÇA para todos os seres que desejarem, realmente, alcançá-la e possuí-la, mesmo que feridos no corpo e na alma, basta, para tanto, continuarmos em companhia da vida, que não cessa nunca, vida essa que leva embora, com a marcha inexorável do tempo, todas as razões passageiras de nossas possíveis infelicidades, trazendo uma cascata inesgotável de oportunidades renovadas para sermos felizes para sempre.

Lembre-se, de alma aberta, sem preconceitos ou sentimentos de orgulho, do exemplo da cachorra abandonada que, abanando a cauda e

saltitando, mesmo de pata e sentimentos feridos pela dor do abandono, continuava a sua marcha por entre o desprezo do ser humano, em cumprimento aos desígnios de Deus!

Sempre existirá esperança...

Enquanto uma lágrima for consolada.
Enquanto uma única estrela iluminar o velário do infinito.
Enquanto uma flor nascer entre os mais agressivos espinheirais.
Enquanto um casal de enamorados se detiver a observar a beleza do luar.
Enquanto uma prece for elevada num campo de batalha.
Enquanto um animal receber o respeito que merece como integrante da Criação Divina.
Enquanto um pássaro voar cantando, após a tempestade que lhe desfez o ninho.
Enquanto uma única mão estendida encontrar apoio.
Enquanto um lar sobreviver aos apelos do divórcio.
Enquanto uma consciência em paz exemplificar o caminho correto.
Enquanto um presidiário receber um pensamento de paz.
Enquanto uma única bomba não for detonada, ceifando vidas inocentes.
Enquanto um órfão for abraçado com amor.
Enquanto um velho não for abandonado em um asilo.
Enquanto um agasalho não for esquecido na inutilidade.
Enquanto um sentimento de ódio for vencido pelo amor.
Enquanto uma ofensa não ferir ao ofendido.
Enquanto um único perdão não for negado.
Enquanto o dia trazer luz e renovação de oportunidades.
Enquanto uma mágoa for esquecida.
Enquanto a noite trazer a poesia aos apaixonados.
Enquanto uma única fé atingir o tamanho do grão de mostarda.
Enquanto um único ser sentir verdadeiramente a dor do outro.
Enquanto Deus existir,
E por Ele existir,
Sempre haverá motivos para se confiar e sorrir
O sorriso da eternidade da esperança
QUE SEMPRE EXISTIRÁ...

Fim

Tupã, 05 de setembro de 2005.